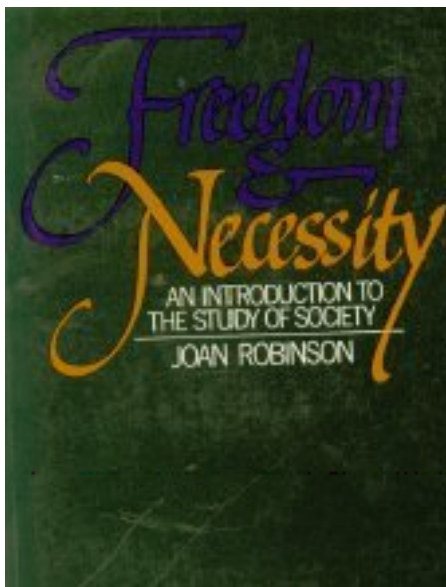


# LIBERDADE E NECESSIDADE\*

## UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA SOCIEDADE

*Tradução de Christiano Monteiro Oiticica*



\* Traduzido do original inglês: *Freedom and Necessity - An Introduction to the Study of Society*, George Allen & Unwin, Londres, 1970.

## PREFÁCIO

**E**ste livro tem por intenção mais provocar indagações do que fornecer informações. Parece-me que uma interpretação econômica da história constitui elemento indispensável ao estudo da sociedade, mas é apenas um dos elementos. Em camadas subjacentes a ela acham-se a geografia, a biologia e a psicologia; nas superiores, a investigação das relações sociais e políticas e a história da cultura, do direito e da religião.

Este livro oferece um esboço apressado da camada central, na esperança de proporcionar uma estrutura geral, dentro da qual estudos especializados possam ser elaborados.

Seu esquema temporal é um cone invertido. Os capítulos sucessivos abrangem eras, depois milênios, e, após, séculos e décadas. A seguir, cinco capítulos examinam a cena contemporânea. Os dois últimos tecem comentários sobre o ensino da ciência social.

Para o capítulo 1, recebi valiosíssimas críticas e conselhos do Professor Thorpe e da Sra. Alison Jolly. O capítulo 2 deve muito ao Professor George Dalton, da Northwestern University; Edmund Leach, Diretor do King's College, e o Professor Meyer Fortes afastaram-me de certos erros, tal como o Professor Postan em capítulos posteriores. Indubitavelmente, permanecem erros; pelo menos, abundam opiniões discutíveis. Entre os contemporâneos, utilizei-me das idéias do falecido Karl Polanyi, Ester Boserup, Barrington Moore, J. K. Galbraith e Gunnar Myrdal. Todos eles são autores controversos; ademais, não necessitam obrigatoriamente concordar comigo ou apoiar o emprego que efetuei de suas obras. O estudioso não deve tomar nada daqui como artigo de fé. Ofereço apenas um ângulo de visão que espero possa iluminar suas indagações ulteriores.

*Joan Robinson*

*Cambridge, junho de 1969*

# 1

## A ORIGEM DA SOCIEDADE

Consideremos os perfis de um golfinho e de um arenque. A semelhança entre eles é que ambos se acham bem adaptados para a natação. A relação evolutiva entre os dois é extremamente afastada. Presumivelmente a linhagem do golfinho se ramificou da dos peixes na era paleozóica e, no devido curso do tempo, assumiu uma vida de sangue quente na terra firme. Retornando à água, os membros dos ancestrais do golfinho transformaram-se em nadadeiras e o atarracado perfil de quadrúpede tornou-se hidrodinâmico. Nos peixes e no golfinho, a mesma situação técnica — as exigências da vida aquática — produziu resultados semelhantes, embora trabalhando sobre materiais muito diferentes.

Há muitos exemplos deste processo nas semelhanças existentes entre os animais da Austrália e de outros continentes. Isolados na Austrália, os marsupiais desenvolveram um conjunto altamente diversificado de espécies que incluem camundongos, ratos, tamanduás, lobos e muitos outros, cada uma delas assemelhando-se estreitamente à criatura que atende pelo mesmo nome entre os animais placentários e adaptada a tirar proveito de suprimentos similares de alimento. (A Austrália, contudo, produziu também um tipo seu próprio, presumivelmente porque, nas terras áridas, o único animal de grande porte que quisesse sobreviver teria de possuir um amplo campo de ação e a capacidade de locomover-se rapidamente.)

A plasticidade que torna a adaptação possível não depende principalmente das mutações dos genes que controlam a hereditariedade. (Estas, aliás, são mais prejudiciais que úteis à espécie.) Com a reprodução sexual, o mesmo estoque de genes é transmitido com permutações e combinações contínuas, que produzem variações

menores em cada geração ou ninhada de filhotes. A maioria das espécies produz um certo número de filhotes a cada ano, enquanto que para uma população estável (onde a proporção de sexos seja de um para um), cada indivíduo do sexo feminino deve ser sobrevivido por dois, no decorrer de um período de vida. Os sobreviventes de cada geração são aqueles cuja constituição genética é propícia à sobrevivência, isto é, os bem adaptados a encontrar nutrição e a evitar os inimigos no ambiente específico em que se desenvolvem. Dessa maneira, foi a pressão das condições técnicas que cinzelou a multiplicidade de criaturas que nos parecem ser tão maravilhosamente "projetadas" para a vida que levam.<sup>88</sup>

Para uma espécie, dentro de certos limites, a própria variabilidade é propícia à sobrevivência. As espécies capazes de adaptação são, na maioria, aquelas que sobreviveram até os dias de hoje, embora existam algumas que se mostraram bem-sucedidas com uma variação acentuadamente pequena.

Os hábitos de uma espécie acham-se tão sujeitos à pressão da evolução quanto a sua forma física. Existe na natureza uma grande variedade de tipos de vida familiar: monogamia, poligamia, casamento de grupo; associação continuada, acasalamento durante uma estação limitada de procriação ou acasalamento casual. O estilo de vida de uma espécie deve achar-se em harmonia com sua maneira de ganhar a vida. Assim, onde os suprimentos de comida se encontram dispersos e exigem uma certa perícia para serem descobertos ou apanhados, a unidade familiar consiste num casal que cuida dos filhotes até que eles se separam para prover ao seu próprio sustento. O papo-roxo e o leão constituem exemplos conhecidos. Onde o suprimento de comida se acha mais ou menos espalhado de modo uniforme por grandes áreas, é possível um estilo gregário de vida; os herbívoros das pradarias geralmente vivem em rebanhos e a alimentação com o plancto permite a vida grupal às baleias.

O problema da sobrevivência não é apenas comer, mas também evitar ser comido. Os animais cuja defesa contra os predadores consiste em hábitos noturnos e ocultos ou no mimetismo protetor são geralmente solitários. As aves que se reúnem em bandos durante o inverno, quando podem confiar no vôo, dispersam-se para se estabelecer e fazer ninho. Os rebanhos das planícies não podem ocultar-se e apóiam-se em precauções grupais ou na defesa em grupo. As grandes colônias de aves marinhas de muitos tipos ilus-

88 Cf. Sir Alistair Hardy, *The Living Stream*, onde esta opinião é apresentada como herética, mas, atualmente, parece ser geralmente aceita.

tram ambos os princípios simultaneamente, por disporem de abundante abastecimento de comida e penhascos seguros nas ilhas em que procriam.<sup>89</sup>

Para que uma espécie seja viável, seus hábitos de vida devem ajustar-se ao seu habitat, mas existe, no mecanismo da evolução, um elemento que, até certo ponto, atalha a pressão puramente econômica, a saber, a seleção sexual. Em algumas espécies, particularmente naquelas que são polígamas, há uma competição entre os machos para conseguir o maior número de companheiras e estimulá-las mais eficazmente. Isso fornece um valor de sobrevivência às plumagens suntuosas, que, no entanto, são perigosamente visíveis, ou às elaboradas aparelhagens para combates rituais, tais como os chifres dos alces, inúteis para a defesa e que oneram de modo extra as necessidades individuais de nutrição. A necessidade econômica, por assim dizer, refreia tais extravagâncias e mantém-nas dentro de limites, porque uma espécie que avançasse nessa direção mais do que seu ambiente permite iria se extinguir.

O exemplo mais notável do princípio de que as semelhanças entre as espécies resultam mais da pressão das circunstâncias que da hereditariedade é o fato de algumas das analogias mais estreitas com a sociedade humana serem encontradas entre as formigas.<sup>90</sup> Elas possuem profissões especializadas; algumas mantêm animais domésticos para o fornecimento de alimento; outras capturam os filhotes de espécies afins e criam-nos como escravos, para trabalhar para elas; entre estas, algumas das raças dominantes degeneram e, para viver, tornam-se inteiramente dependentes dos escravos; noutras, irrompem guerras entre colônias da mesma espécie quando se encontram umas no caminho das outras, fenômeno desconhecido entre os outros animais, à exceção dos ratos e dos homens. Evidentemente, isso nada tem a ver com a herança. A relação evolutiva entre as formigas e os homens é ainda mais remota que entre os peixes e os golfinhos.

Existe menos razão ainda para supor que as formigas tenham experiências subjetivas que se assemelhem às de que estamos conscientes em nós próprios. Mas entre os animais de sangue quente, e talvez mesmo entre certos peixes, parece que os hábitos que a sobrevivência exige são controlados por um mecanismo de emoções. É muito pouco provável que haja algum dia possibilidade de descobrir provas diretas da consciência subjetiva de outro ser, mas mesmo o mais estrito solipsista filosófico enfrenta na vida cotidiana

89 Esta linha de pensamento foi-me sugerida por Alison Jolly.

90 Ver C. P. Haskins, *Of Ants and Men*, cap. VIII e IX.

a pressuposição de que as outras pessoas possuem sentimentos. Em certa época, atribuir sentimentos aos animais era considerado sentimental e acientífico, mas hoje a maré mudou, sendo considerado mais sentimental supor que o homem é, sob todos os aspectos, inteiramente diferente de seus companheiros mortais.<sup>91</sup>

Encarar nossos próprios sentimentos como enraizados num mecanismo biologicamente determinado exige um certo grau de desligamento. Tomemos o exemplo da fome. Pensamos que desejamos comer porque a comida é necessária à vida, mas isso de maneira alguma é tão simples. Queremos comer porque nos achamos dotados de um mecanismo que nos faz sentir fome, e somos dotados desse mecanismo porque uma espécie a que ele faltasse não teria sobrevivido. Em certas moléstias, o paciente sofre de uma ausência total de apetite; nessas ocasiões, empurrar substâncias externas para dentro de si próprio parece não apenas entediante mas verdadeiramente detestável. A percepção intelectual de que a comida é necessária à vida não é suficiente para fazê-la descer.

A vinculação da sobrevivência de uma espécie com a atração sexual e a devoção materna talvez seja mais óbvia. Mesmo a este respeito as semelhanças entre os seres humanos e as outras espécies foram, por assim dizer, novamente moldadas pelas exigências de sobrevivência e não diretamente herdadas. Assim, em muitas sociedades humanas, a vida familiar acha-se organizada em torno do sentimento de posse e do ciúme masculino, o que pôde ser observado por Lorenz entre os gansos bravios,<sup>92</sup> mas nossos primos, os chimpanzés, acham-se deles aparentemente imunes.<sup>93</sup>

Na questão de hábitos, a pressão sobre o indivíduo para conformar-se a especificações é menos estrita que na questão do físico. Para os gansos de Lorenz, o modelo-padrão é uma monogamia de vida inteira, mas se descobriu que poucos casais a ela se conformavam, o que conduziu à observação: "Afim de contas, gansos são apenas humanos!"<sup>94</sup> Algumas vezes, aparentemente por acidente, formava-se um par de dois perigos. Sendo mais fortes e impressionantes que um casal normal de gansa e ganso, esses casais floresciam. Do ponto de vista de sua vida individual, eram um sucesso, mas a espécie em que isso acontecesse com demasiada frequência extinguir-se-ia.

Um certo grau de variação entre os indivíduos não é apenas

91 Cf. W. H. Thorpe, "Ethnology and conscientiousness", em *Brain and Conscious Experience*, coord. de John C. Eccles.

92 Lorenz, *Aggression*. Ver cap. XI.

93 Ver Verun e Francis Reynolds, em *Primate Behavior*, coordenação de Irven De Vore, p. 420.

94 Lorenz, *loc. cit.*, p. 167.

simplesmente tolerável, mas, na realidade, vantajoso para a espécie, porque hábitos úteis podem ser introduzidos pioneiramente por indivíduos inconformistas.

Em cada grupo, alguns são mais aventureiros, mais audazes e mais curiosos do que outros. Tentando isso e aquilo, um certo gênio específico descobre, digamos, uma nova fonte de nutrição e a descoberta é espalhada por imitação. Isso deve ter acontecido com freqüência nas épocas históricas, como quando as gaviotas pela primeira vez aprenderam a desencavar minhocas ou a procurar prometedores doadores de pão nos parques londrinos. Um dos exemplos ocorreu muito recentemente. Desde que as garrafas de leite tapadas com folhas de estanho ou papelão começaram a ser deixadas nos portais, os chapins descobriram como tomar creme. (A primeira observação registrada na Inglaterra data de 1921; na Holanda, o hábito desapareceu durante a guerra, devido à falta de leite, e surgiu de novo após 1948.) Parece que, num certo número de localidades isoladas, indivíduos específicos descobriram as garrafas de leite como fonte de um agradável artigo de dieta, às vezes alguns anos após elas começarem a mostrar-se disponíveis. De um certo número de centros independentes, o hábito disseminou-se para círculos cada vez mais amplos, presumivelmente através das grandes massas que imitavam os pioneiros em cada vizinhança e transmitiam o novo conhecimento de uma geração para a seguinte.<sup>95</sup>

A disseminação de um tipo de vício em drogas pode ser observada no caso dos verdelhões ingleses. Esses pássaros se alimentavam das frutinhas de um arbusto ornamental de jardim que tinham um efeito intoxicante. Acredita-se que o hábito tenha sido iniciado por um pioneiro isolado, nas Midlands, espalhando-se para o norte e para o sul, à razão de alguns quilômetros por ano, durante muito mais de um século.<sup>96</sup>

Embora as aves pareçam possuir um mecanismo para as emoções que se assemelha ao nosso, e ainda que episódios como aprender a violar garrafas de leite possam à primeira vista parecer implicar o discernimento da natureza de um problema, o mecanismo conceptual dos pássaros é muito diferente do nosso. Eles se acham equipados para reagir a determinados estímulos, não para analisar uma situação. Assim, um punhado de penas vermelhas presas a um bastão evocará num papo-roxo toda a hostilidade que seria

95 Ver James Fisher e R. A. Hinde, "The opening of milk bottles by birds", em *British Birds*, vol. XLII, novembro de 1949, e "Further observations" sobre o mesmo assunto, vol. XLIX, dezembro de 1951.

96 Ver W. H. Thorpe, *Learning and instinct in animals*, 1963, pp. 355 s.

apropriada a um rival masculino. Quando garrafas de leite com tampas de cor diferente foram colocadas em uso, os chapins em diversos subúrbios se especializaram em uma ou outra cor determinada (presumivelmente aquela que o pioneiro de cada bairro pela primeira vez encontrara fortuitamente) e ignoraram as garrafas com tampas de outras cores que se encontravam nos mesmos portais. Isso parece excluir o discernimento como elemento deste tipo de descoberta. O processo consistirá antes em experiência e erro, com a propensão a efetuar novas experiências sendo mais forte numa pequena proporção da população e a capacidade de imitar as experiências bem-sucedidas sendo geral.

A originalidade e o individualismo são úteis para a espécie, desde que não sejam demasiados. Para a maioria, a conformidade aos modelos de hábitos que se mostraram viáveis deve ser imposta a todos. Por esta razão, uma longa infância desamparada, que em si própria torna vulnerável uma espécie, conduziu indiretamente à vida social e a um sistema de aprendizagem do comportamento correto, o que constituiu um grande salto à frente no processo da evolução. Os marsupiais tiveram muito menos necessidade dele que os placentários. Para aqueles, mãe e filho constituem uma unidade independente; até uma idade já bem adiantada, o nenê pode trepar bolsa acima, em busca de segurança. Ademais, a Austrália não produziu nenhum grande carnívoro até o homem aparecer em cena, de maneira que a luta pela sobrevivência ali foi mais fraca que nos outros continentes.

Com o nascimento placentário e diversos anos de crescimento até chegar à maturidade, a vida em grupo tornou-se necessária. Em algumas espécies, o grupo constitui uma "família nuclear" de um casal com os seus filhotes; noutras, um grande rebanho ou tropa de muitas famílias.

"Por que existe o grupo? Por que o animal não vive sozinho, senão o ano inteiro, pelo menos a maior parte dele? Muitas razões existem, mas a principal é a aprendizagem. O grupo constitui local de conhecimento e experiência que excedem em muito os do membro individual. É no grupo que a experiência se reúne e as gerações se ligam. A função adaptativa de uma prolongada juventude biológica é dar ao animal tempo para aprender. Durante esse período, enquanto aprende dos outros membros do grupo, é protegido por eles. O desenvolvimento lento, em isolamento, significaria simplesmente a desgraça para o indivíduo e a extinção para a espécie.

"Enfatizar a importância do comportamento aprendido de maneira alguma minimiza a importância da biologia. Na verdade, o aprendizado pode com proveito ser encarado no contexto adaptativo



da biologia evolutiva. A biologia de uma espécie se expressa através do comportamento e limita o que pode ser aprendido. A evolução, através da seleção, construiu a base biológica, de modo que muitos comportamentos são fácil e quase inevitavelmente aprendidos.<sup>97</sup>

O elefante indiano evidentemente possui um nível mais elevado de desenvolvimento social e inteligência solucionadora de problemas que, digamos, os lêmures. Nestes, porém, a evolução introduziu a visão estereoscópica e um par de mãos. Foi o desenvolvimento da inteligência neste físico que mostrou ser o caminho para a frente. Os lêmures parecem possuir um mecanismo emocional altamente desenvolvido, o qual fornece a base para a vida social em grandes grupos, mas não poderiam competir com os macacos inteligentes; acham-se vivendo agora apenas na ilha de Madagáscar, que os macacos não invadiram.<sup>98</sup>

A vida econômica de cada espécie consiste no ajustamento da população ao suprimento de alimentos, o que é amiúde garantido pelo estabelecimento da propriedade sobre um território. O território é defendido pela família ou grupo contra outros da mesma espécie, mas não contra membros de outras espécies cuja dieta é diferente.<sup>99</sup> Por este meio, cada espécie se espalha por toda a região que lhe é habitável e cada família garante seus meios de vida. Este mecanismo funciona para muitas espécies de aves e mamíferos, e até mesmo para insetos. Ele fornece uma clara prova de adaptação às necessidades técnicas da vida, antes que de uma herança comum. É muito estritamente respeitado, por exemplo, pelos papos-roxos durante o ano inteiro<sup>100</sup> e por muitas outras aves somente em sua estação de cria. Onde o alimento é abundante e os inimigos são raros, como por exemplo, para os gorilas, as concepções de território são bastante vagas.<sup>101</sup>

Os métodos de defender um território são muito variados. O papo-roxo estabelece sua reivindicação através do canto, atacando furiosamente qualquer intruso de papo vermelho. O guariba desafia o invasor ameaçador a um combate de gritos; o lêmure, a uma justa de maus cheiros. Em todos os casos há uma espécie de caráter ritual na luta. O dono da casa sempre vence e os invasores admitem a derrota. Uma espécie que combatesse até a morte ficaria em perigo de extinguir-se.

97 Sherwood L. Washburn e David A. Hamburg, em *Primate Behavior*, p. 613; ver também p. 620.

98 Ver Alison Jolly, *Lemur Behavior*.

99 S. L. Washburn e D. A. Hamburg, em *Primate Behavior*, pp. 615.

100 David Lack, *The Life of the Robin*.

101 Washburn e Hamburg, *loc. cit.*

Uma vez a região habitável tenha sido inteiramente povoada, tem de haver algum mecanismo para manter controlado o número de indivíduos. Uma espécie que cresça sem limites, mais cedo ou mais tarde destruirá sua provisão de alimentos e tombará vítima da fome e de lutas intestinas. Entretanto, antes que se torne cataclísmica, a escassez de comida restringe a procriação e aumenta a mortalidade infantil. Além disso, à medida que uma espécie cresce, ela fornece uma dieta mais abundante para os seus predadores, de maneira que o “equilíbrio da natureza” é preservado. Já se observou que entre os leões, que possuem poucos inimigos poderosos, o ciúme do pai impede os filhotes de comer, de maneira que apenas uns poucos dos mais fortes crescem. Entre certos tipos de aligátors, os rebentos acabados de chocar constituem a dieta favorita do macho.

Entre os animais sociais, parece que o território não é de importância simplesmente econômica:

“As vantagens adaptativas de viver numa área conhecida podem ser demonstradas pelo caso de um babuíno que trocou de grupo. Ambos os grupos envolvidos haviam sido estudados anteriormente à mudança e o babuíno era conhecido como um macho adulto que estivera vivendo à margem de uma das hordas. Havia cinco machos adultos que o dominavam e impulsavam para a periferia do grupo sempre que nele tentava ingressar. Mudou-se para o grupo vizinho e derrotou o único macho adulto que nele havia. Aí, então, ficou sendo o macho adulto número um em dominância, mas num grupo novo. O grupo para o qual se deslocara localizava-se no parque que fica ao lado das cataratas de Vitória. Era possivelmente a tribo mais domesticada da África e seus membros se achavam completamente acostumados aos seres humanos. O novo macho dominante tinha medo destes, escondia-se por trás dos arbustos e não se atrevia a apanhar a comida que o resto do grupo recebia. A medida que o tempo passava, aprendeu quais os seres humanos a evitar, como roubar mangas e que caminhos tomar. Seis semanas mais tarde, quando o estudo terminou, esse macho ainda se achava aprendendo o comportamento apropriado ao grupo em que era o macho dominante.

“O campo de ação é a base econômica, mas, para explorá-la, o grupo tem de aprender as condições, perigos e oportunidades locais. Embora se enfatize aqui a adaptação local através da aprendizagem, deve ser recordado que os tipos de aprendizagem são limitados tanto pela biologia da espécie quanto pelas condições e oportunidades locais. A caça humana, por exemplo, não poderia ser efetuada no pequeno âmbito característico de todos os primatas não-humanos, mas a coleta humana também abrange amplas re-

giões e o homem pode adaptar-se às mudanças sazonais de uma maneira não encontrada em nenhum outro primata. A significância do campo de ação pode ser melhor compreendida se as características pertinentes do sistema nervoso central também forem tomadas em consideração.”<sup>102</sup>

Viver num grupo e aprender o comportamento correto exige uma disciplina social. Os filhotes não devem extraviar-se para o perigo. Aprendem as habilidades necessárias à sobrevivência através dos jogos, mas não devem incomodar os mais velhos. A tribo deve seguir um chefe reconhecido na busca de comida; tem de haver um certo treinamento para evitar ou desafiar os inimigos e o grupo tem de agir em conjunto para defender seu território contra os grupos rivais. O mecanismo que supre a necessidade de disciplina é a criação de uma hierarquia de posições. A posição é, primeiro de tudo, determinada por categorias gerais: geralmente a maturidade (até a senilidade) é superior à juventude; em algumas espécies, as fêmeas são superiores aos machos; em muitas, inferiores. Dentro destas classes gerais, os indivíduos se categorizam. O sistema foi observado entre os pássaros e a expressão “ordem de bicadas” incorporou-se à língua. Descobriu-se que entre as gralhas a ordem de bicadas é estabelecida entre os machos e que a companheira assume o seu lugar na hierarquia através do casamento.<sup>103</sup>

Os meios costumeiros do estabelecimento da dominância de um indivíduo sobre os outros são os mesmos que os utilizados para a defesa do território. Assim, entre os lêmures, que assinalam o seu território através do cheiro, um deles desafiará outro para uma luta de maus cheiros e o vencedor estabelecerá dominância quando o perdedor admitir a derrota. Lorenz apontou a importância de um ritual de rendição e de um mecanismo no vencedor que impede novos ataques quando o sinal de rendição é dado. (Às pombas, que normalmente não lutam, falta este mecanismo, de maneira que, no caso accidental de serem engaioladas juntas, se entrarem em luta, lutarão até a morte.)<sup>104</sup>

O fato de a reação de reconhecer a dominância de um superior ser tão inata quanto o impulso a buscar dominância sobre um inferior é estabelecido por uma curiosa história. Por acidente, um lêmure de determinada espécie foi aceito num bando pertencente a outra espécie. Não possuía seu tipo particular de glândulas de cheiro ou a capacidade de reconhecer seu odor; assim, nunca sabia

102 *Ibid.*, pp. 616 s.

103 Lorenz, *King Solomon's Ring*, pp. 147 ss.

104 Lorenz, *Aggression*, p. 207, e *King Solomon's Ring*, pp. 183-185.

quando se achava derrotado e ascendeu a uma alta posição de dominância entre eles.<sup>105</sup>

Costumava-se supor que o ponto principal do sistema hierárquico se achava na reprodução: o mais velho e maior apanhava o maior número de esposas. Este pode ser o caso entre os galos e os veados machos, mas, aparentemente, não entre os símios. Os chimpanzés machos que, sob outros aspectos, são altamente conscientes de status, foram vistos fazendo fila amigavelmente para se servirem de uma fêmea no cio, sem considerações de categoria.<sup>106</sup>

A família e as relações sociais — o cuidado materno, o desafio dos companheiros de idade — são necessárias para nutrir e desenvolver o mecanismo emocional do indivíduo, que, por sua vez, torna-lhe possível a vida social. (Descobriu-se que macacos delas privados cresciam com malformações psicológicas.)

A vida social exige comunicação. Os símios se comunicam por gestos, caretas e sons. Suas vocalizações, na maioria, transmitem estados de ânimo e atitudes, de preferência a informações.

“De longe, a maior parte de todo o sistema de comunicação parece dedicar-se à organização do comportamento social do grupo; à dominância e à subordinação; a manutenção da paz e da coesão grupal; à reprodução e ao cuidado com os filhos. As relações inter-individuais são, nos macacos e nos símios, suficientemente complexas para exigir um sistema de comunicação desta elevada ordem de complexidade. Mas há pouca aplicação dele a acontecimentos externos ao grupo, além da existência de sinais significativos de perigo potencial.”<sup>107</sup>

Além disso, os símios não mostram nada da aptidão a imitar sons e aprender a repeti-los, que é tão desenvolvida nas aves canoras.<sup>108</sup> Seus sinais não poderiam ser desenvolvidos numa linguagem regular, a qual pudesse ser ensinada aos filhos.

Seja qual for o ponto em que os símios se ramificaram do tronco principal da evolução, as exigências da vida social produziram entre eles muitas características que identificamos em nós próprios, implicando sentimentos de amor, ambição, lealdade e hostilidade para com estranhos. A vida social exige a transmissão de conhecimentos e habilidades através da aprendizagem; ela dá origem ao problema moral básico — um conflito de interesses entre o indivíduo e o grupo — que é solucionado pela capacidade de

105 Jolly, *op. cit.*, pp. 123 s.

106 Jane Goodall, em *Primate Behavior*, p. 455.

107 Peter Marler, em *Primate Behavior*, p. 584.

108 W. H. Thorpe e M. E. W. North. “Origin and significance of the power of vocal imitation”, em *Nature*, vol. CCVIII, nº 5 007, 16 de outubro de 1965.

submeter-se a um código aceito de comportamento. Em qualquer bando existem acentuadas diferenças de capacidade e temperamento entre os indivíduos; há uma capacidade para o jogo e a diversão e um prazer elementar no adornar-se. O homem foi outrora definido como sendo um animal fabricante de instrumentos, mas hoje se descobriu que os chimpanzés constroem instrumentos destinados a usos específicos.<sup>109</sup> A característica distintiva da humanidade é a invenção da linguagem, que transmite informações sobre coisas que não se acham presentes e permite a especulação sobre coisas que não são conhecidas. Os símios possuem costumes; é a linguagem que faz o homem.

109 Reynolds, em *Primate Behavior*, p. 380, e Jane Goodall, *ibid.*, p. 440.

## 2

### ECONOMIAS ISOLADAS

Quando o homem, por assim dizer, despertou para o pensamento conceptual, presumivelmente já tinha um nível de organização social pelo menos igual ao dos chimpanzés. Sabia o que comer e onde encontrar o seu alimento; estava acostumado a aceitar certas regras de conduta e reconhecia as relações de família.

Tal como os marsupiais que sobreviveram na Austrália e os lêmures de Madagáscar lançam uma certa luz sobre o estágio de evolução física que haviam atingido quando se ramificaram do tronco principal, assim também algumas comunidades humanas que escaparam à marcha da história iluminam o desenvolvimento social do homem primitivo. Estas sociedades não são, elas próprias, primitivas.

Os marsupiais hoje vivos evoluíram muito longe ao longo de seu próprio ramo, onde se achavam livres de competidores placentários. Os lêmures possuem um modelo de vida social altamente desenvolvido e diferenciado, embora se houvessem ramificado antes que a inteligência houvesse ido muito longe. Semelhantemente como povos que “não são como nós”, que têm línguas diferentes, idéias e costumes altamente elaborados, muito distantes dos chimpanzés.

Cada um se desenvolveu à sua própria maneira. Aqueles que se achavam em contato uns com os outros (amigável ou hostilmente) reconheciam-se mutuamente como povos que “não são como nós”, que tem línguas diferentes e idéias diferentes sobre o comportamento apropriado. Os acidentes geográficos nos mantiveram mais ou menos completamente isolados da influência das grandes civilizações alfabetizadas, para fornecer à nossa própria era constrangida exemplos da rica variedade de soluções que foram encontradas para os problemas da existência humana. (Um tipo de caso fronteiro entre o isolamento e a conexão é fornecido por sociedades

como certas tribos islâmicas da África, que nominalmente adotaram uma ou outra das grandes religiões mundiais, sem lhe permitir exercer grande influência sobre seu modo de vida tradicional.)

Provavelmente, o modo de evolução da linguagem nunca poderá ser descoberto, por mais crânios antropóides que sejam desenterrados. A observação de que falta aos símios a capacidade (com que as aves e talvez os golfinhos são dotados) de imitar novos sons sugere que houve um grande pulo ao longo do caminho da evolução, após a estrada secundária que conduziu aos símios haver abandonado a linha principal. A linguagem e as inovações sociais e técnicas que ela tornou possível obviamente possuíam um valor de sobrevivência. Não há razões para duvidar de que a linguagem evoluiu sob a pressão da seleção natural, assim como outras capacidades, tal qual a inteligência solucionadora de problemas dos macacos, que derrotou os lêmures. Mas, uma vez chegados ao pensamento conceptual, ele mostrou possuir possibilidades enormes, que, por assim dizer, excediam as exigências da existência física. A ação recíproca entre a consciência e o ambiente, entre a liberdade e a necessidade, que constitui a característica da vida humana, foi conseqüência da aquisição da linguagem, além e acima de sua vantagem técnica para a sobrevivência.

Isso pode ser visto na rica elaboração das formas de linguagem e nos empregos em que foi colocada pelos povos de que sabemos algo (e eles constituem minúscula fração de todos os que existiram). Descobre-se que eles possuem uma visão imaginativa da vida; que explicam suas próprias origens e os fenômenos naturais que os circundam em poéticas lendas e que inventaram uma grande variedade de deuses e espíritos. Indubitavelmente, é importante para a coesão de uma sociedade possuir seus próprios mitos, mas o conteúdo particular do mito não se achava restrito pela necessidade, encontrando-se livre para assumir qualquer forma que a imaginação escolhesse ou as necessidades interiores sugerissem. Semelhante, em muitas espécies de pássaros, os machos exibem uma brilhante plumagem de configuração particular, à qual apenas as fêmeas reagem não importa quais sejam as cores, desde que sejam as dessa espécie e de nenhuma outra. Os psicólogos observam um certo número de temas comuns na mitologia que parecem corresponder a elementos da vida emocional do indivíduo.<sup>110</sup> Aqui, de outra maneira, as coincidências podem ser melhor explicadas pela

110 Cf. Antony Storr, *Human Aggression*, p. 48.

coincidência de circunstâncias que pela transmissão através de uma herança comum de tradições.

As comunidades isoladas que sobreviveram para serem estudadas pelos antropólogos não sobreviveriam a menos que seu modo de vida se achasse ajustado a seu ambiente, mas as histórias que contam sobre si próprias não se acham muito relacionadas com assuntos econômicos. A atividade não-econômica não é desconhecida entre os animais. Os pelicanos cuja vida econômica ocorre toda ao nível da água, passam tempos pairando alto no ar, na companhia dos groues. A elaboração do sistema de dominância entre muitas espécies parece ser maior que o necessário para a disciplina social; ele dá às criaturas, por assim dizer, um objetivo na vida, além de simplesmente se manterem vivas.

Nas comunidades isoladas, segundo parece, não se pensava na atividade econômica como visando a fins econômicos. Os métodos costumeiros de produção proviam às necessidades costumeiras; estas se destinavam apenas indiretamente à subsistência; diretamente eram regidas por um sistema de deveres religiosos e familiares; elaboravam-se por uma grande variedade de maneiras. Em todas essas comunidades (e, na verdade, na civilização histórica) dava-se uma forte ênfase ao parentesco, aos tabus de incesto e às relações familiares. O acasalamento, a paternidade e as relações entre irmãos são as mesmas para toda a humanidade; com a capacidade de reflexão que a linguagem lhe fornecera, o homem construiu numerosos modelos de vinculação por nascimento e matrimônio; a vida econômica se entretencia em cada modelo num sistema de reivindicações e deveres. Além disso, tinha-se de efetuar oferendas aos sacerdotes, aos anciães e aos chefes. Mesmo quando se esperava que tais doações fossem redistribuídas para o povo, algumas geralmente permaneciam com seus recebedores, mas isso não constituía causa de rancor, porque honrando aos chefes ou aos deuses, o povo satisfazia seu próprio senso de honra.<sup>111</sup>

É impossível definir precisamente um excesso de produção sobre as necessidades de subsistência, porque é impossível definir com precisão a subsistência. As necessidades, como todos nós bem sabemos, crescem com os recursos que as satisfazem. Mesmo assim, em qualquer sociedade existe uma certa noção da distinção entre o pão cotidiano e algo mais, para um hóspede, para um festim ou para um tributo a quem esse tributo é devido. A exigência imperativa de produzir um excedente é útil para a simples sobrevivência,

111 George Dalton, em *Tribal and Peasant Economies* (coord. pelo próprio), p. 73.



fornecendo uma margem de que é possível abrir mão em tempos de carestia. O bastante é muito pouco. Tal como o incentivo da fome é necessário para nos fazer comer, assim também o incentivo do bom nome e do comportamento correto é necessário para manter uma economia em movimento.

Nas chamadas sociedades civilizadas, são os pobres que passam os dias numa ansiosa busca de recursos para viver e os ricos que se podem dar ao luxo de atividades gratuitas, mas, quando comparamos sociedades ricas e pobres, amiúde surge o inverso. As comunidades isoladas, quando foram descobertas e colocadas no quadro de referência da "renda nacional *per capita*", situaram-se muito embaixo na escala, mas, no entanto, para muitas delas, a proporção de energia, habilidade e atividade mental dedicadas a objetivos não-econômicos era muito maior do que acontece conosco.

Descobriu-se que isso se desenvolveu a um alto grau nas ilhas dos mares do sul, onde não é necessário muito trabalho para cultivar inhame ou colher cocos. Lá, diversas comunidades fizeram evolver vários sistemas altamente elaborados de cotação social em torno de objetos de utilidade não direta. A mais famosa delas foi a dos *kulas*, observada por Malinowski.<sup>112</sup> Um certo número de arquipélagos (inclusive as ilhas Trobriand) acham-se situados num círculo aproximado; os povos que os habitam aproveitaram-se disso para desenvolver um sistema de sociedade, passando doações através de cada ilha e para as outras. Um conjunto de colares de contas vermelhas era enviado na direção dos ponteiros de um relógio e outro conjunto de braceletes brancos era mandado no sentido contrário ao desses ponteiros. As relações entre os sócios não constituíam uma permuta direta. Cada um dava sem retribuição, mas, no devido curso de tempo, esperava receber um presente equivalente. Os presentes percorriam o círculo, de maneira que um artigo específico reaparecia em cada ilha uma vez em aproximadamente dez anos. No dar, mais que no receber, constituía-se a honra e o prestígio dos indivíduos e suas tribos.

A noção de honra no dar, com o recebimento de um presente implicando a aceitação de uma obrigação, desempenhou um grande papel em muitas sociedades. As trocas de armaduras e tesouros entre os heróis homéricos davam-se segundo este modelo.<sup>113</sup> (Há reminiscências vestigiais dele entre nós mesmos, como, por exemplo, no costume de retribuir convites para jantar ou pagar rodadas de bebida.)

Embora as trocas dos *kulas* não possuíssem intuito econômico,

112 Malinowski, *Argonauts of the Western Pacific*.

113 Ver M. I. Finley. *The World of Odysseus*, cap. III.

tiveram importantes conseqüências econômicas. Os ilhéus tiveram de fazer investimentos em canoas e armazenar estoques de comida, tanto para abastecer as viagens quanto para oferecer aos sócios visitantes. (As viagens eram amiúde de centenas de quilômetros, exigindo uma aventura e uma marinhagem que fizeram Malinowski chamar os ilhéus de argonautas.) Cada tribo possuía um motivo para adquirir um excedente e uma maneira aceitável de consumi-lo. Ademais, o comércio econômico era efetuado sob a asa das trocas rituais. Os viajantes levavam consigo mercadorias não existentes na ilha a ser visitada e as permutavam por outras que eram necessárias na sua.

Entre os povos da Oceania existem muitos exemplos de vida econômica assim organizada em torno de intuitos não-econômicos. Entre os povos de Malekula, na Nova Guiné, havia um culto dos colmilhos de porco.<sup>114</sup> O dente superior que normalmente se atritaria contra a presa era retirado e a presa crescia em espiral. Certos pagamentos, tais como o preço de noiva e a compensação por adultério, só podiam ser efetuados em função de presas de porco; empréstimos podiam ser feitos e reembolsados com juros sob o índice de um aumento no crescimento da presa. O culto das presas proporcionou um incentivo à atividade econômica, porque os porcos tinham de ser bem alimentados, bem como promovidos festins rituais. Dessa maneira, a comunidade produzia um excedente sobre as suas necessidades imediatas e o consumia em busca de honra entre homens e deuses.

Na ilha Rossel<sup>115</sup> havia um sistema que nos parece ainda mais gratuitamente elaborado, embora, indubitavelmente, para seus praticantes, parecesse natural e óbvio. Existia um estoque de dois tipos de moedas de conchas, cada qual com uma hierarquia de categorias que determinavam os valores de troca das peças individuais; esses valores, porém, aplicavam-se apenas a transações específicas. Um certo tipo de moeda tinha de ser dado no casamento; outro aos parentes de um homem assassinado para um festim cannibal, e assim por diante. Havia um sistema de empréstimos com juros, mas cada tipo específico de moeda possuía seu requisito específico de reembolso, de maneira que nenhum valor de troca de um determinado tipo de moeda por outro era estabelecido. Certos objetos úteis ou rituais podiam ser trocados por algumas moedas

114 Ver John Layard, *Stone Men of Malekula*.

115 Ver Loccaine Baric, em *Capital Saving and Credit in Peasant Societies* (coord. de Raymond Firth e B.S. Yamey) e George Dalton, em *Tribal and Peasant Economies*.

de categoria inferior, mas, para a maioria, o jogo consistia mais em adquirir prestígio do que opulência física.

O conceito de escalar uma pirâmide de status pela aquisição de riqueza, herança de riqueza e status, o conceito de juros ligado ao valor e à duração de um empréstimo, o surgimento de uma profissão de financistas para negociar entre emprestadores e tomadores de empréstimos, parecem ao observador moderno assemelhar-se a aspectos de nossa própria vida econômica, mas tanto as instituições quanto as motivações dos ilhéus eram muito diferentes das nossas. O emprego da mão-de-obra alheia para fins de lucro era desconhecido; o investimento em meios de produção, tais como canoas e apetrechos de pesca, limitava-se ao que a própria família de um homem podia usar ou ao que um grupo cooperante podia empregar cooperativamente.

O jogo seria estragado se houvesse um processo de acumulação num só sentido, de maneira que umas poucas famílias viessem a possuir toda a riqueza cerimonial. Os rituais de trocas, tais como os pagamentos por casamento e festins mortuários, ou o costume de distribuir o que um homem acumulara, à sua morte, a fim de garantir a seu espírito uma pós-vida satisfatória, auxiliava a manter essa riqueza em circulação.

Na ilha Rossel, a acumulação de riqueza econômica (em oposição às moedas proporcionadoras de status) foi mantida sob controle pelo costume de um determinado homem desafiar outro para dar uma festa. Seguia-se então uma competição para ver quem poderia dissipar mais riquezas.

Um sistema altamente desenvolvido, dedicado a uma acumulação contínua e vigorosa, sem se estultificar por uma concentração progressiva de riqueza, desenvolveu-se entre os índios do noroeste do Canadá.<sup>116</sup> Um homem podia adquirir lugar numa hierarquia fixa de títulos honoríficos por nascimento, pelo matrimônio ou pela eliminação de seu detentor anterior em combate. A validação da sucessão a um título exigia uma cerimônia de *potlatch*, uma festa pródiga com a maior distribuição possível de presentes às tribos reunidas. Cada *potlatch* constituía um desafio aos hóspedes, o qual, por sua vez, tinha de ser respondido por uma distribuição maior. O feito culminante da disputa era a destruição dos valores. Certos discos de cobre corporificavam o auge do prestígio (tal como as moedas de categoria mais elevada na ilha Rossel); um determinado chefe poderia derrotar outro lançando o disco mais estimado ao

116 Ver Helen Codere, *Fighting with Property*, Monografias da Sociedade Etnológica Americana, nº 18.

fogo. Para apoiar seu chefe e poupá-lo da vergonha, cada tribo se empenhava na acumulação de estoques e *potlatches* menores eram efetuados por plebeus, para celebrar acontecimentos de suas próprias famílias. Assim, uma grande energia era convocada e a atividade produtiva mantida em aplicação. Contatos com mercadores de peles trouxeram riquezas fáceis às tribos e cobertores feitos em fábrica tornaram-se a moeda corrente no *potlatch*. Ao mesmo tempo, a guerra era desincentivada como meio alternativo de obter prestígio social. O sistema de *potlatch* se hipertrofiou e a distribuição e a destruição de suas riquezas se tornaram cada vez mais extravagantes.

A administração canadense colocou fora da lei o *potlatch*, em nome de princípios econômicos corretos, mas levou um século para eliminar a sua prática e induzir os orgulhosos integrantes das tribos a ganhar uma vida simples nas categorias mais baixas da sociedade civilizada.

Os exemplos precedentes demonstram como a racionalidade econômica para uma comunidade pode ser preservada como sub-produto de crenças e emoções do indivíduo que não possuem qualquer significado econômico. Existem também exemplos de comunidades isoladas em que a atitude para com os assuntos econômicos era muito mais direta.

O relato seguinte, por exemplo, é fornecido sobre os *Bushong*, tribo da África central.

“Para os *Bushong*, o trabalho é o meio de obter riqueza e esta, o meio de conseguir status. Enfatizam intensamente o valor do esforço e realização individual e se acham também preparados para colaborar em grande número durante um período ininterrupto, quando isso é necessário para elevar a produção.

“Os *Bushong* falam constantemente na riqueza e com ela sonham, ao mesmo tempo que provérbios sobre ser a abastança o degrau para o status elevado acham-se amiúde em seus lábios. Riquezas, prestígio e influência na corte são explicitamente associados.”<sup>117</sup>

A riqueza aqui tem o sentido direto de colheitas de alimentos e bens domésticos, embora presumivelmente sua principal vantagem seja o poder de exigir respeito de parentes e clientes.

Estes povos foram observados após haverem adquirido um certo conhecimento da economia de mercado, através do governo do Congo Belga. A reação dos diversos povos ao contato com o mundo capitalista é muito variada. Aqueles que aceitaram facil-

117 Mary Douglas, em *Markets in Africa*, coord. de G. Dalton, pp. 200 s.

mente a vida comercial eram, talvez, os que já possuíam algum elemento correspondente em suas próprias instituições.

É digno de nota que os vizinhos próximos dos *Bushong*, os *Lele*, que lhes parecem ser aparentados, possuem noções totalmente opostas de dignidade e prestígio, as quais não dão margem à aquisitividade.<sup>118</sup>

Da rica variedade de culturas que sobrou para ser estudada nos tempos modernos, podemos calcular que a combinação de tradições articuladas com a capacidade de aprender com os experimentos de indivíduos originais forneceu à humanidade uma grande liberdade para construir instituições que não se achavam estreitamente relacionadas pela necessidade física. Ao mesmo tempo, contudo, os hábitos de cada comunidade foram obrigados a ajustar-se às exigências de seu habitat.

As comunidades isoladas do Pacífico se sustentavam principalmente pelo cultivo de vegetais; devem ter trazido seus porcos com elas. A Austrália foi povoada numa etapa anterior de desenvolvimento, quando o homem, como os símios, vivia do que podia coletar e apanhar nas plantas, insetos e animais que o rodeavam. O Ártico central não apresenta vegetais e aí o homem desenvolveu um modo de vida dependente inteiramente da caça,<sup>119</sup> não primitivo, no sentido de achar-se próximo dos símios. Presumivelmente, os ancestrais dos esquimós vieram da Ásia acostumados a uma dieta mista e foram apanhados pela idade do gelo, numa região onde a sobrevivência lhes exigiu adotarem costumes apropriados. Semelhantemente, o punhado de bosquímanos que sobreviveu no Kalahari teve de adotar uma vida de deserto dura e escassa, embora seus ancestrais partilhassem a abundante caça da África com os leões.

O sistema do território, para o homem como para outras criaturas, constituiu uma necessidade econômica: a área necessária para sustentar um grupo dependia do que ela proporcionava: na árida Austrália, o homem, como o canguru, tem de “perambular” para ganhar a vida. Onde o alimento é abundante, colônias próximas tornaram-se possíveis. Às vezes, a mesma região podia fornecer territórios sobrepostos para comunidades distintas, que estabeleciam uma simbiose com base em diferentes métodos de exploração dos recursos dela.<sup>120</sup>

Os animais territoriais defendem seu espaço vital por uma variedade de métodos corporificada na herança biológica de cada espécie determinada. A humanidade, liberada pela linguagem dos

118 *Ibid.*

119 R. B. Lee, em *Man the Hunter*, coord. de R. B. Lee e I. De Vore, p. 42.

120 Ver John Turnbull, *Wayward Servants*.

modelos estabelecidos de comportamento, surgiu com a concepção de propriedade, ou posse por direito. Entre os nativos das áridas regiões da Austrália, por exemplo, onde a vida econômica era quase nômade, cada clã possuía sua terra natal amada. O membro individual do grupo a considerava como seu local de nascimento, mesmo se acontecesse sua mãe achar-se fora dela em viagem, por ocasião do nascimento. O campo de ação no qual a comida podia ser coletada, contudo, não era exclusivo; a generosidade e a hospitalidade para com outros clãs eram consideradas virtudes.<sup>121</sup> Algumas tribos desencorajavam a entrada em suas terras pela eliminação de grupos de intrusos, quando estes eram descobertos,<sup>122</sup> mas reconheciam a existência de zonas neutras entre suas reivindicações e as de seus vizinhos.<sup>123</sup> Outro método pacífico de garantir as fronteiras (e do qual exemplos são encontrados na Índia) era cada tribo permutar mulheres com os vizinhos, de maneira que uma região inteira era abrangida por uma rede de parentes que respeitavam as reivindicações territoriais uns dos outros.<sup>124</sup>

Uma sociedade humana que habitasse uma área onde uma certa necessidade, tal como o sal, fosse inobtenível, requeria algum tipo de troca internacional a fim de sobreviver, mas podem tê-lo explicado a si próprios em termos inteiramente diferentes ou, como nos *kulas*, o comércio necessário pode ter sido incidental aos deveres rituais. Além disso, o comércio não se achava confinado ao necessário.

Os habitantes de Norfolk nos tempos neolíticos possuíam um comércio exterior de machados de pedra e parece que o principal benefício que dele derivava era a importação de âmbar do Báltico.<sup>125</sup> Presumivelmente, os recursos locais proviam às necessidades; o comércio a granel não seria possível a tais distâncias e o material belo e exótico recebia talvez uma significação ritual ou tornou-se base de status social.

Nunca saberemos como as permutas se realizavam. Podem ter surgido de algum sistema de presentes, tal como o desenvolvido no Pacífico, ou então expressarem um culto religioso. Parece, contudo, que alguma coisa semelhante ao comércio, tal como o conhecemos, ingressou na operação porque os machados se transformaram em moeda.<sup>126</sup> Constitui uma falácia dos livros didáticos econômicos dizer que a permuta requer uma coincidência dupla, ou

121 Ver L. R. Hiatt, em *Man the Hunter*.

122 *Op. cit.*, Debate, p. 158.

123 *Ibid.*, p. 157.

124 Ver B. J. Williams, em *Man the Hunter*.

125 Ver J. G. D. Clark. *Prehistoric Europe*, p. 264.

126 *Op. cit.*, p. 250.

seja, que tenho um machado para dispor e quero âmbar, enquanto você se acha na posição inversa. Qualquer objeto durável que seja geralmente desejado constitui, *pro tanto*, um veículo para o poder de compra. Com o seu âmbar, você pode adquirir mais machados do que precisa para o seu próprio uso e com eles comprar quaisquer outros bens que deseje, ou mantê-los como um estoque de valores para efetuar compras mais tarde, ou adquirir o prestígio de um proprietário de riquezas. Um dos primeiros empregos do cobre foi fazer machados simbólicos, que evoluíram para um meio circulante regular, com moedas de diferentes denominações.<sup>127</sup>

Outro tipo de relação internacional que evidentemente se desenvolveu muito cedo foi a guerra. A linguagem e a tradição são coesivos dentro de um grupo, mas distintivos entre grupos. Os seres humanos pertencem todos a uma só espécie e (infelizmente para alguns deles) podem procriar juntos. Grupos separados por milênios adquiriram estoques de genes que produziram características adaptadas às condições da vida (peles mais escuras e uma capacidade maior para suar podem ter sido uma adaptação à vida em climas quentes), bem como muitos aspectos que não parecem possuir qualquer uso específico. Esses grupos amplos se cindiram em inumeráveis fragmentos, diferenciados pela fala e pela mitologia, e entre alguns deles, armas, presumivelmente desenvolvidas primeiro para conseguir comida ou como defesa contra predadores, começaram a ser usadas para o combate.

Entre os povos que sobreviveram para serem estudados pelos antropólogos, dois tipos distintos de guerra foram observados. O primeiro deles é a guerra considerada como uma espécie de esporte. Entre os caçadores de cabeças de Bornéu, um jovem tem de provar-se a si mesmo saindo em expedição para buscar uma cabeça numa tribo vizinha, o que o ritual exigia quando um chefe morria na tribo. Em Malekula, uma ilha era dividida em dois lados, entre os quais as disputas eram resolvidas pelo combate e a luta também se dava entre os povos das pequenas ilhas e das regiões costeiras da maior. A norma que regia essas guerras era que deveria haver um número igual de mortos de cada lado (geralmente dois ou três). Assim, eram os vencedores que ficavam em perigo após cada assalto e quando a guerra (que envolvia a devastação das hortas do adversário) tornava-se um aborrecimento, os ganhadores ofereciam voluntariamente um de seus homens para ser sacrificado e comido, empatando assim o escore e tornando possível a paz.<sup>128</sup> O sistema

127 *Ibid.*, p. 264.

128 Layard, *op. cit.*, p. 599.

foi alterado quando um dos lados adquiriu mosquetões de mercadores brancos e quase aniquilou o outro. Isso foi um grave erro de que os vitoriosos amargamente se arrependeram, ao descobrirem que ele havia estragado todo o seu modo de vida.<sup>129</sup>

Foi descoberto num vale montanhoso da Nova Guiné um povo da idade da pedra que permanecera isolado até 1961.<sup>130</sup> Para eles, a guerra entre as tribos adjacentes era contínua, consistindo em batalhas preparadas e incursões subreptícias. Após cada morte de inimigo, havia um triunfo cerimonial na tribo e depois de cada morte nesta, realizava-se um funeral elaborado e faziam-se planos de vingança. A morte era a base do status. Havia uma categoria de homens “sem valor” que temiam a luta ou não gostavam de lutar. Não eram obrigados a ir à guerra, mas se os desprezava e podiam ser roubados com impunidade. A guerra não tinha um motivo econômico; as terras forneciam amplo espaço para todos e a população era mantida sob controle com as mulheres recorrendo ao aborto.<sup>131</sup> Os despojos de guerra eram armas capturadas, contribuindo mais para a glória que para a riqueza.<sup>132</sup> O homicídio e as mortes dentro da tribo eram desaprovados.<sup>133</sup>

Entre outros animais, as lutas por territórios e o combate por status raramente resultam em morte e, mesmo então, só por acidente. Um mecanismo de rendição inibe o vencedor.<sup>134</sup> O mecanismo emocional que permite aos homens desfrutar o ato de matar indubitavelmente tem suas raízes na capacidade de cólera com que os outros animais defendem o território, mas se desenvolveu muito além. Os estudiosos da psicologia patológica vinculam a capacidade de ódio à frustração devida a uma longa infância inerte.<sup>135</sup> Sejam quais forem suas raízes emocionais, parece que a linguagem e a racionalidade deram origem ao conceito de inimigo. Bem poderá acontecer que a guerra seja responsável pelo ódio e pelo sadismo, mais que o ódio responsável por aquela.

As qualidades desenvolvidas na guerra como esporte se voltaram para objetivos sérios no outro tipo de guerra, a guerra de conquista. Um determinado povo, que pela tecnologia superior ou pela disciplina e organização superiores podia derrotar os outros, expulsou os povos fracos de suas terras, escravizando-os ou deles

129 *Ibid.*, p. 603.

130 Ver Peter Mathiesson, *Under the Mountain Wall*.

131 *Op. cit.*, p. 27.

132 *Ibid.*, p. 86.

133 *Ibid.*, pp. 31 e 76.

134 Cf. acima, p. 24.

135 Storr, *op. cit.*, p. 44.



cobrando tributos. Em diversas regiões da África e da China, uma pequena imagem da dominação racial sobreviveu independentemente das grandes civilizações imperialistas.

O primeiro tipo de guerra, como o comércio de objetos rituais ou as demonstrações do *potlatch*, permite aos indivíduos de uma sociedade competir por prestígio. Ele exige a produção de um excedente e fornece um meio de consumi-lo. (Os esquimós não puderam dar-se a esse luxo porque sua vida era dura demais.) O segundo tipo de guerra constitui o meio pelo qual um certo grupo pode extrair de outro um excedente. Ambos os elementos se acham presentes em nossa própria história.

De todos os multifários tipos de organização social que a humanidade desenvolveu, muito poucos sobreviveram para serem submetidos à curiosidade moderna. Aqueles que o conseguiram apresentam grande variedade, mas muitas semelhanças. Os homens que os criaram a todos possuíam quase o mesmo mecanismo emocional e a capacidade de desenvolver a inteligência através da linguagem. Todos se defrontaram com o mesmo conjunto de problemas: assegurar uma base econômica, regular a vida familiar, estabelecer as normas de um comportamento correto e transmiti-las de geração a geração. Esses três conjuntos de problemas — econômicos, procriativos e políticos — são partilhados pelo homem com os símios. Um quarto lhe foi introduzido: a organização da guerra.

Para cada problema, uma variedade de soluções era possível (talvez muitas hajam sido tentadas, mas não se mostraram viáveis); qualquer que tenha sido encontrada foi enfeitada por racionalizações imaginativas, que ensinaram aos seguidores que a sua solução era a correta. As semelhanças que são encontradas entre várias sociedades podem às vezes ter sua origem remontada à herança de uma tradição comum, mas a maioria parece surgir, como a semelhança entre os perfis de um golfinho e de um peixe, das exigências das situações em que elas se desenvolveram.

### 3

## TERRA E MÃO-DE-OBRA

A primeira forma de agricultura pode ter sido descoberta por acaso. Talvez, quando um incêndio de floresta destruía a vegetação e expulsara a caça, as pessoas tenham descoberto que as sementes cresciam nas cinzas; de qualquer modo, tornou-se sistema regular limpar uma certa área de florestas através da queimada. Duas colheitas podiam ser extraídas do mesmo solo e, então, era preciso mudar-se para outro lugar. Dispondo de território suficiente, um povo podia sustentar-se, as mulheres plantando e os homens caçando, com muito pouco trabalho. Segundo o jargão moderno, o rendimento por hectare era muito baixo e o rendimento por hora muito elevado.<sup>136</sup> A renda total, como nas ilhas dos mares do sul, podia ser aquilo que era necessário para suprir o padrão costumeiro de consumo, com mais um excedente (se não fosse destinado à guerra) para sustentar um chefe, uma classe sacerdotal e para honrar os deuses. (Os povos que vivem atualmente desta maneira são computados entre os mais pobres de todos; isso se dá por contraste com o nível de consumo que outros obtêm trabalhando muito mais.)

Para restaurar a plena capacidade de cultivo de uma faixa de floresta, são necessários cerca de vinte anos de pousio. O crescimento secundário é mais fácil de limpar que a floresta virgem; o maior rendimento por unidade de mão-de-obra era garantido, quando o território era suficiente para permitir que um quinto dele fosse cultivado de uma só vez e quando toda a área fora trabalhada pelo menos uma vez.

A habilidade e a engenhosidade do homem perturbaram o “equilíbrio da natureza”. Ele pôde alimentar e criar filhos a uma

136 Este argumento e o seguinte derivam de Ester Boserup, *Conditions of Agricultural Growth*.

taxa maior que a de substituição, de maneira que a densidade de população dentro de um território cresceu gradualmente. A princípio, essa expansão numérica pôde ser acomodada trazendo-se novas áreas de floresta virgem para o ciclo de cultivo, mas, quando não havia mais delas disponíveis, a reutilização de cada leira de terra começou a se acelerar e o pousio a diminuir, de modo que a queimada tornou-se freqüente demais para permitir o recrescimento das árvores. A floresta foi destruída e transformada em mato rasteiro ou terra de pastagens.

Fosse por esta razão ou devido a uma mudança de clima, os homens tiveram de aprender outra maneira de ganhar a vida. Uma linha similar de desenvolvimento, da qual muito menos se conhece, presumivelmente levou da predação de rebanhos de animais, tais como o búfalo ou a rena, à sua domesticação e criação.

Onde havia água disponível, a agricultura e a lavoura se uniram pelo arado e o cultivo estabelecido tornou-se a base da vida.

Então o conceito de propriedade da terra veio à consciência. Mesmo no sistema de cultivo de rodízio, era conveniente a cada família possuir sua própria horta dentro da leira de terra calcinada, mas todas podiam ter tanta terra quanto mão-de-obra e sementes tivessem para cultivá-la; a área a ser queimada podia ser escolhida de modo a acomodar todos. Não havia razão para conflito e o sistema jurídico — cada família tinha direito à safra que havia cultivado — indubitavelmente parecia evidente demais para merecer observação. Esta base econômica podia acomodar uma grande variedade de sistemas de parentesco e redes de obrigações mútuas, tais como foram observadas entre as sociedades isoladas. Com o arado, o sistema jurídico teve de ajustar-se às novas condições técnicas. Algumas tribos da África mantêm até hoje um sistema de propriedade comum. A terra teoricamente pertence ao chefe, que a distribui para ser trabalhada em proporção à mão-de-obra disponível. A herança familiar, contudo, era uma noção bastante óbvia e mostrou constituir uma vantagem técnica, uma vez que colocou em jogo o forte motivo do sentimento de família como estímulo a trabalhar e economizar. A herança matrilinear foi o sistema mais direto (é sábio o homem que conhece seu próprio pai), mas, onde ela ainda perdura, o homem acha irritante ter de contribuir para a renda dos filhos de sua irmã e não dos seus. Quando a criação de animais tomou o lugar da caça e o arado sobrepujou o bastão de cavar, a posição econômica dos homens se tornou dominante e a herança patrilinear entrou em moda.

Na Europa medieval, desenvolveu-se o sistema de um ano de pousio em três e os animais que pastavam na terra em descanso

a adubavam. Este sistema colocava em ação uma aldeia inteira, a trabalhar segundo um plano comum; cada família possuía alguma terra em cada área, de maneira que podia reivindicar uma colheita por ano.

Sob a lei hebraica, a terra era trabalhada individualmente, mas um sabá tinha de ser observado por todos, proporcionando um pousio de um ano em cada sete, o que deve ter acarretado a acumulação de estoques do produto de seis anos de trabalho.

A grande densidade de população em certas regiões da Ásia tornou necessária a colheita anual; desde que existam irrigação e fertilizantes, o arroz pode ser cultivado continuamente no mesmo solo. Os animais têm de ser alimentados por safras cultivadas. (As horas necessárias para abastecer os animais têm de ser diminuídas das exigidas para as colheitas destinadas ao consumo humano.) Em algumas partes da China, a intensidade do cultivo era tão grande que mesmo os animais não eram usados; o arado cedeu lugar à enxada, as dejeções humanas e a lama dos rios foram empregadas como fertilizantes e, em certas regiões, colheitas duplas ou triplas foram conseguidas.

Na Índia, a grande explosão populacional se estabeleceu apenas recentemente; uma junta de bois ainda é considerada o mínimo indispensável de equipamento.

Nas condições asiáticas, o cultivo individual era a regra, embora a ajuda mútua em estações de muito serviço fosse costumeira em algumas vizinhanças. A tradição e o prudente apego aos métodos conhecidos impuseram quase tanta conformidade quanto o programa comum exigido pelo sistema de três campos.

Em certas regiões da América pré-colombiana, uma densa população era sustentada pela enxada; os animais de tração e a roda eram desconhecidos.

Considerando a geografia e o clima, um aumento de população em qualquer região exigia um aumento de rendimento por hectare, às expensas de um decréscimo no rendimento por hora de trabalho. (Uma população que não pudesse adaptar sua técnica à medida que a densidade crescesse, seria eliminada ou teria que emigrar para conquistar outras terras.) As mudanças que o aumento de densidade exige podem ocasionar uma revolução em toda a base da sociedade, bem como em sua técnica, tal como aconteceu com a adoção do arado, ou podem efetuar-se por uma pressão gradual e contínua, como a fragmentação de propriedades que terminam pela energia animal dando lugar a uma mão-de-obra humana cada vez mais intensiva.

Durante toda a história registrada, os camponeses constituí-

ram as vítimas da civilização e, em tempos recentes, poucos existem que não tenham sido arrastados, seja para o mercado, seja para o sistema econômico socialista; mas é possível reconstruir, de remanescentes existentes aqui e ali, como uma sociedade livre de agricultores poderia ter evolvido.

Podemos supor que, quando as propriedades se adequavam à técnica conhecida, a mão-de-obra era o fator limitante. Cada família não trabalhava mais que o necessário para atender às suas próprias exigências e às obrigações que incluíam as contribuições para as despesas públicas aceitas com a administração e a religião.

Numa economia assim, quase toda a produção de uma família destinava-se ao seu próprio consumo. A acumulação poderia consistir em amansar terras novas, aumentar o gado, construir casas e fazer instrumentos. Com respeito ao gado, a acumulação acarreta uma abstenção do consumo, ou seja, criar um bezerro em vez de matá-lo, mas outros tipos de investimento acarretariam antes um trabalho extraordinário que uma abstenção do consumo; na verdade, poderiam acarretar um consumo extraordinário, porque um trabalho mais árduo exige mais calorias.

Mesmo nos tempos neolíticos havia evidentemente especialistas; a mineração e a fabricação de instrumentos e armas de pedra exigiam conhecimentos e perícia, bem como o acesso a recursos naturais especiais. (Serem determinados indivíduos especialistas todo o tempo ou não deve ter dependido do tamanho da comunidade. Num grupo pequeno, os especialistas passariam parte de seu tempo como agricultores comuns.) A especialização acarreta a troca. Adam Smith argumentava que, entre igualdades, os bens se permutariam na proporção das quantidades de trabalho necessárias para produzi-los, mas uma quantidade igual de trabalho não tinha significado onde, pela natureza do caso, cada tipo de trabalho era diferente. Desde os tempos primitivos, os variados tipos de serviço foram, indubitavelmente, valorizados segundo coeficientes diferentes — o padre recebia mais honras que o barbeiro — e o pagamento em termos de cereais pelas habilidades do ferreiro ou do fabricante de cumeeiras tinha de ser fixado num nível que lhes permitisse o que a comunidade considerava um padrão de vida apropriado. Uma vez que a produção variava de ano para ano, de acordo com o tempo, esses pagamentos poderiam ser efetuados em função de uma parte da colheita, de preferência a uma quantidade específica de cereal. O conhecimento do especialista e as suas ferramentas seriam passados de pai para filho, segundo o mesmo sistema da propriedade de terras. Diversos tipos de herança são possíveis: sucessão do filho mais velho por ocasião da morte do pai (ou do

afastamento deste para buscar a salvação, prática comum nas sociedades budistas e não desconhecida alhures); herança conjunta dos filhos, a divisão da propriedade entre estes ou entre os filhos e filhas. O matrimônio pode exigir um pagamento à família da noiva ou um dote da família desta última. As sociedades patriarcais geralmente possuem o conceito de bastardia ou de esposas superiores e inferiores. Os bastardos e os filhos mais moços, excluídos da herança, a menos que um outro modo de vida se lhes abrisse, teriam de servir seus parentes e ser alimentados por eles. Nas sociedades refinadas, parece ter sido a ansiedade do homem em saber que os herdeiros eram dele mesmo que conduziu ao culto da virgindade feminina e ao conceito da “honra” de uma filha, irmã ou esposa. “A castidade das mulheres”, como disse o Dr. Johnson, “é de máxima importância, uma vez que toda propriedade depende dela”.<sup>137</sup> Também pode ter tido outras raízes nas noções mágicas das sociedades primitivas. Em algumas sociedades, ela se tornou a base de uma espécie de esporte, tal como se acha descrito nas comédias da Restauração: seduzir as mulheres dos outros homens e proteger a própria. Na maioria das sociedades, fez-se acompanhar pela instituição da prostituição, a fim de reconciliar a sexualidade masculina excessiva com os requisitos do sistema familiar.

Os problemas da família se acham vinculados não apenas à base econômica da vida, mas também à organização social. A propriedade em terras e gado proporciona veículo para uma competição em status; até os dias de hoje falamos como sendo um *grande* homem aquele que dispõe de grandes posses. Através da propriedade, as relações familiares foram trazidas para a luta. Onde o preço de noiva era costume, as filhas constituíam propriedade valiosa; onde dotes eram exigidos, elas constituíam um sorvedouro para os recursos da família. Era vantagem para um homem possuir muitos filhos para trabalhar suas terras, mas desvantagem ter muitos irmãos para partilhá-las com ele.

Sob quaisquer sistemas de herança, os acasos da vida familiar ocasionariam mudanças na relação da propriedade de terras com a mão-de-obra disponível para trabalhá-las, de maneira que algumas famílias viriam a se achar com mais terras do que poderiam cultivar, e outras com menos. Ademais, surgiram as diferenças de temperamento. Alguns homens são industriais e aquisitivos; outros, incapazes, ociosos ou generosos. Há uma certa tendência a controlar a acumulação. A família mais rica casa seus filhos mais

137 James Boswell, *Life of Dr. Johnson*, Allen and Unwin, vol. II, p. 86.

cedo, de maneira que seu número cresce mais depressa e as terras *per capita* se acham reduzidas na terceira geração. Mas esta tendência geralmente mostrou-se fraca demais para contrabalançar as forças que pressionam contra a igualdade.

Numa sociedade que permite a desigualdade de posses entre as famílias, essa desigualdade se perpetua. Os que possuem terras em excesso podem utilizar-se da mão-de-obra dos outros, seja empregando-os assalariadamente, seja arrendando-lhes terras por uma cota do produto. De qualquer maneira, a propriedade se torna uma fonte de renda independentemente do trabalho de seu próprio dono.

Onde as safras são sazonais, outra fonte de renda imobiliária se apresenta. Mesmo onde existem terras disponíveis para o ano, para aproveitar-se delas um homem precisa de suprimentos de sementes, implementos, talvez animais de tração e, certamente, da subsistência durante o período que vai da sementeira à colheita. Aqueles que não possuem o suficiente para viver até a próxima safra podem manter-se realizando um empréstimo e prometendo reembolsá-lo quando aquela se efetuar. Disso segue naturalmente a concepção dos juros: um reembolso maior do que aquilo que foi recebido. Assim, uma família que já desfruta de um excedente acima de suas necessidades pode aumentar ainda sua renda emprestando a juros. Os juros máximos que podem ser cobrados são a diferença entre o que um homem pode produzir num ano de trabalho nas terras disponíveis e o que ele tem de consumir para viver. Dentro desses limites, a taxa pode ser fixada pelo costume em algum número redondo. Entre os *Hausa*, antes de serem arrastados para a moderna economia monetária, “dois fardos de durra tinham de ser pagos na colheita por cada um dos emprestados no início da estação agrícola, ou, se o credor era generoso, três fardos por cada dois dos emprestados”.<sup>138</sup> Assim, um homem que possuísse duas vezes mais durra do que precisasse para consumir, poderia comer uma das partes e emprestar a outra. Receberia então tudo de volta na colheita seguinte, emprestaria novamente a metade e assim continuaria indefinidamente, sem mais trabalhar ou poupar, vivendo da “valorização da renda”. O credor generoso que cobrava 50% em vez de 100% era presumivelmente um proprietário que não os necessitava ou que não se interessava em aproveitar-se plenamente da pobreza de seus vizinhos. A proibição dos juros e o ano do jubileu, em que todas as dívidas são canceladas, no direito hebraico,

138 Firth. *op. cit.*, p. 30. O Professor Firth, fazendo cálculos em termos de mercado, sustenta que o valor do reembolso era anulado pela queda no preço da durra após a colheita, mas isso não se aplica à geração da renda imobiliária em função da durra.

destinavam-se a controlar a acumulação provinda desta fonte. Do sistema de empréstimos desenvolveu-se o sistema de hipotecar a terra em garantia, o que permitiu às famílias abastadas adquirir as propriedades dos devedores inadimplentes. As famílias que perdiam suas terras tinham de se tornar assalariadas ou locatárias. Visto que a vida familiar se achava ligada à propriedade, pôde surgir uma classe de proprietários de terras, dentro da qual casamentos se realizavam, e uma classe de trabalhadores, que só tinham a pobreza para legar a seu filhos. Românticas histórias do trágico conflito entre o amor e o dever foram contadas em muitas línguas.

Uma família independente que possuísse terras suficientes para se sustentar podia trabalhar tanto quanto achasse que valesse a pena. (Esta liberdade era limitada nos lugares em que o cultivo tinha de ser comum, como no sistema dos três campos, mas, mesmo aí, alguns podiam ter mais problemas do que outros.) Trabalhando mais no decorrer do ano, uma família conseguiria uma produção maior, seja cultivando uma área maior de sua propriedade, seja através de um trabalho mais intensivo, como por exemplo, extraindo as ervas daninhas. Visariam a produzir tanto quanto precisassem para viver, sem se esforçar excessivamente. Em jargão de economista, pesariam a utilidade da renda contra a desutilidade do trabalho. Uma família que não possuísse terras teria de trabalhar muito mais. Um rendeiro que tem de dar a metade do produto bruto de um terreno a fim de que permitam trabalhar nele terá de trabalhar mais de duas vezes que uma família livre que controle a mesma área, se é que deseja comer tão bem quanto ela. (Mais de duas vezes, na realidade, porque entrega a metade do produto bruto e tem de tirar as sementes de sua própria metade.) Para obter duas vezes o produto, tem de trabalhar mais de duas vezes o que a outra família trabalha. Em jargão de economista, após um certo ponto, há um rendimento decrescente da mão-de-obra aplicada a uma determinada área dentro de uma certa técnica agrícola, de maneira que, digamos, 10% das horas extraordinárias trabalhadas no decorrer de um ano rendem menos de 10% de produto extraordinário. Dependendo da natureza do solo e da técnica utilizada, poder-lhe-á ser impossível produzir o suficiente para manter o mesmo padrão de vida que a família independente, de maneira que não apenas trabalha mais, mas também come menos.

A família proprietária de terras, por outro lado, pode consumir mais do que a família livre e trabalhar menos. A primeira utilização que fazem do excedente que estão adquirindo destina-se geralmente a impedir que suas mulheres trabalhem nos campos. A seguir, empregam criados ou escravos domésticos, de maneira que elas



não precisem trabalhar tampouco em casa e, finalmente, os filhos homens também são dispensados do trabalho. Agentes e capangas são empregados para garantir que os rendeiros paguem e o sacerdote, partilhando do farto passadoio dos proprietários, prega resignação aos pobres.

A qualquer momento, o nível dos arrendamentos e dos juros é fixado pelo costume e pelo uso de números redondos, mas há um rude elemento de oferta e procura na situação. Quando a população está crescendo, a procura de terras cresce. O proprietário de terras pode conseguir rendeiros para lotes menores, de maneira que estes têm de trabalhar mais arduamente para viver. A produção total de uma determinada área cresce e, com ela, a renda do proprietário. Mesmo que haja terra disponível para novas colônias, os pobres não podem utilizá-la com as mãos nuas. Os proprietários podem criar novas aldeias e lhes adiantar o que necessitam até que comecem a pagar. Em jargão de economista, o aumento da população reduz o produto marginal da mão-de-obra e eleva o produto marginal das terras, de maneira que a renda média cai, enquanto a riqueza do proprietário cresce.

Malthus espantou o humanitário século XVIII com a doutrina de que o crescimento da população em todas as partes excederia o crescimento dos suprimentos de comida e seria mantido controlado pela miséria e pela inanição. Da análise precedente das conseqüências da propriedade familiar de terras, parece claro que a miséria malthusiana estabelecer-se-ia quando (com a técnica existente) a quantidade máxima de trabalho que um homem pudesse aplicar num ano não fosse capaz de produzir o suficiente para manter-lhe a vida. Mas, então, não disporia de um excedente para entregar ao proprietário ou ao agiota, achando-se reduzido à miséria muito antes que essa fase fosse atingida, pelas cobranças dos últimos.

Mas, se não houvesse proprietários de terras, não haveria excedentes, porque as famílias livres não teriam motivo para produzir mais do que necessitariam para consumir.

## 4

### RAÇA E CLASSE

A propriedade, entrelaçando-se com as relações familiares, poderia ter gerado uma classe de proprietários de terras em condições pacíficas, mas sua origem mais freqüente foi na guerra. Não sabemos se a guerra se desenvolveu primeiro como um esporte ou como uma forma de caçada — ou seja, predar outros homens quando outras caças rareavam —, mas sabemos que parte alguma do mundo (à exceção, talvez, do Círculo Ártico) esteve dela imune sob uma forma ou outra.

Onde os vizinhos são do mesmo nível técnico, com armas que não são poderosas demais, como os povos da idade da pedra observados na Nova Guiné,<sup>139</sup> a guerra pode prosseguir indefinidamente. À medida que o nível técnico se eleva, como o emprego dos metais, surge o sistema de classes que pode ser vagamente denominado de feudalismo. Os fidalgos lutam e organizam as lutas, enquanto os agricultores são obrigados a apoiá-los, fornecendo um excedente agrícola acima e além de seu próprio consumo e deixando que seus filhos sejam recrutados para as fileiras dos exércitos. Os agricultores de cada região possuem um motivo poderoso para apoiar seus próprios fidalgos, porque, se não o fizerem, os fidalgos de outras regiões os assaltarão e matarão.

Quando um dos grupos pode dominar o outro, devido a seu maior número ou organização superior, ao surgimento de um líder poderoso ou ao desenvolvimento de um nível mais elevado de eficiência em armamentos e táticas, então a guerra se transforma em conquista.

Em muitas partes do mundo, em épocas hoje perdidas para

139 Ver p. 408, acima.

a história, um determinado povo expulsou outro, menos bem aparelhado para a guerra, para fora das terras deste e lá se instalou. Em tempos recentes, isso foi visto quando os bantus tomaram a África do Sul dos bosquímanos e quando os cristãos ocuparam a América do Norte.

Mais amiúde, o povo conquistado permaneceu, para trabalhar e entregar seus excedentes aos novos senhores. Quando os conquistadores já se achavam organizados numa hierarquia social, terras com agricultores para trabalhá-las foram distribuídas aos fidalgos e as categorias inferiores foram elevadas acima da nova ordem mais baixa, consistente nos antigos habitantes da terra.

Outra utilização econômica da guerra foi a captura de escravos. O sistema de utilizar escravos para cultivar as terras enquanto os fidalgos se achavam ocupados com a guerra foi encontrado num certo número de reinos africanos. Seu exemplo mais famoso (fora dos tempos modernos) foi o império ateniense. (Esparta dependia menos dos escravos capturados que de uma população nativa que utilizava como serva.) Uma sociedade, contudo, não pode consistir apenas de gentis-homens e escravos. Tem de haver uma população livre suficientemente grande, de categoria mais baixa, que se identifique com os fidalgos e lhes permita manter os escravos em ordem. Em Atenas, a aristocracia era constituída por aquelas famílias que possuíam terras e escravos suficientes para sustentar seus filhos como cavaleiros, enquanto que a infantaria era fornecida por pequenos fazendeiros que tinham poucos escravos, eles próprios trabalhando. Os administradores e capangas necessários para dirigir as grandes propriedades eram amiúde escravos promovidos pelos fidalgos, a fim de manter trabalhando seus companheiros de escraavidão. Quanto aos escravos domésticos, como o Tio Tom, havia menos necessidade de força para mantê-los em ordem. A guerra continuada era necessária para manter o suprimento de novos cativos.<sup>140</sup>

Noutro tipo de organização, um governo central controlava tanto os assuntos militares quanto os civis: o poder e a autoridade se achavam corporificados no herdeiro de uma dinastia principesca, um faraó ou um inca, que cobrava o direito ao tributo diretamente dos agricultores e redistribuía o excedente aos seus funcionários administrativos e comandantes militares.

Um centro de poder militar pode aumentar sua renda por outras duas maneiras. A primeira é subjugar os governos das terras vizinhas e, deixando-os nos cargos, deles cobrar tributos, que são

140 Ver M. I. Finley, em *Slavery in Classical Antiquity*, coordenado pelo próprio.

obrigados a retirar do excedente de seu próprio povo. A segunda é estabelecer colônias para dominar os nativos de regiões distantes ou cultivar suas terras (com escravos ou com a própria mão-de-obra dos colonos) e exigir o envio de remessas para a metrópole.

Estas quatro maneiras — feudalismo, administração central, imperialismo e colonização —, pelas quais o excedente agrícola pode ser extorquido em benefício de uma classe dominante, repetiram-se, em diversas permutações e combinações, através de toda a história, desde os tempos neolíticos até os dias de hoje.

Fossem as terras trabalhadas por escravos, servos ou camponeses e o excedente recebido por fidalgos independentes ou por funcionários de uma monarquia ou de uma potência imperialista, as linhas principais das relações econômicas eram as mesmas. O excedente era consumido em parte para manter um estabelecimento militar e em parte para sustentar o padrão de vida da classe fidalga. Os gastos de suas casas conduziram a um grande aumento da produção artesanal. Armas, vestidos, móveis e carros, bem como obras de arte dedicadas aos deuses, exigiam uma técnica especializada. Os poucos e simples artesãos das aldeias livres eram sustentados pelas contribuições dos agricultores; agora, os artesãos eram clientes dos ricos e ganhavam uma parte de suas rendas, atendendo às suas exigências de poder marcial, conforto e exibição.

Quando uma centena de famílias está pagando a metade de sua produção a um só proprietário de terras, a família deste não deseja comer cem vezes mais cereal que a do agricultor (além disso, carne, frutas e mel podem ser fornecidos à casa do proprietário como débitos extraordinários). Parte da cota do proprietário no cereal se destina a sustentar produtores de matérias-primas agrícolas (seda, algodão ou lã), mineiros e silvicultores, e o resto a sustentar seus clientes. Aqueles dentre estes que são construtores ou manufatores suprem-se parcialmente as necessidades mútuas. Assim, o cereal que o agricultor partilha transfigura-se, através da técnica e da arte, em grande riqueza e esplendor.

As cidades cresceram em torno de fortificações para as quais as pessoas e o gado podiam retirar-se, em caso de ataque, e em volta de templos e palácios. Estabeleceram-se entre os agricultores e os proprietários de terras classes intermediárias de artesãos, mercadores, financistas e funcionários, para suprir as necessidades das casas abastadas e dos sacerdotes e eruditos que partilhavam dos benefícios destas.

Quando a paz era preservada por longos períodos, enormes aglomerações de pessoas formavam grandes cidades, aprovisionadas

pelo excedente que os agricultores, de uma maneira ou outra, eram obrigados a produzir e a repartir.

A proporção de habitantes urbanos para agricultores dependia da fertilidade das terras, da produtividade dos métodos conhecidos de agricultura (em particular, do controle da água) e do nível de consumo permitido ao agricultor.

Onde a colheita era sazonal, exércitos de mão-de-obra podiam ser organizados (alimentados com o produto de seu próprio trabalho) na estação morta do ano, tanto para a construção quanto para o combate. Entre as castas marciais da Índia, o festival de outono celebra a abertura da estação de campanhas. Foi presumivelmente por este meio que os vales do Nilo, do Indus, dos rios da Mesopotâmia e o Mekong foram enriquecidos com os estupendos monumentos cujos poucos remanescentes ainda nos espantam hoje.

Além da conquista, há uma fonte de riqueza no comércio exterior. A acumulação de um excedente agrícola no palácio, no templo e nas casas dos proprietários de terras fornecia campo para um mercado de luxos exóticos. Trocas de produtos necessários para o consumo de massa podiam ocorrer entre tribos vizinhas com diferentes recursos, digamos, caçadores com agricultores, mas quando as viagens eram difíceis e perigosas, o comércio a longa distância só podia ser feito com mercadorias que possuíssem um alto valor em relação a seu volume. (Isso é tão verdadeiro quando as trocas recebiam um significado ritual ou político como quando nelas entraram preços e lucros.) O custo calculado em cereal de um bem importado consiste no sustento da mão-de-obra necessária para efetuar a exportação pela qual aquele é trocado e para sustentar e defender os emissários que o transportam. Os templos, os palácios e as casas abastadas podiam ser adornados com exóticos produtos ou manufaturas feitas de exóticas matérias-primas porque, de uma maneira ou de outra, podiam adquiri-las com cereal.

Heródoto observou que não havia mercados nas cidades persas.<sup>141</sup> O processo de abastecimento de alimentos e matérias-primas a uma comunidade urbana podia ser organizado pela cobrança de dívidas, a armazenagem e a distribuição como salários, honorários e oferendas efetuados em nome do chefe de Estado. Similarmente, as trocas de bens e serviços dentro da comunidade urbana, e os valores pelos quais se realizavam, podiam ser regulados pelo costume e pelas categorias atribuídas às diversas ocupações. O conceito de comércio com fins de lucro presumivelmente surgiu das trocas

141 Ver Karl Polanyi, em *Trade and Market in the Early Empires* (coordenado pelo próprio e outros), p. 16.

efetuadas entre povos que pareciam um ao outro estrangeiros, executados das normas e obrigações da sociedade doméstica. O comércio a longa distância efetuado pelos intermediários era livre em ambos os pontos terminais. Os fenícios e os árabes, que se especializaram no transporte marítimo, não se encontravam sob obrigações rituais em qualquer dos pontos finais da viagem. Aristóteles deplorava a atividade natural de ganhar dinheiro, que se estabelecera em sua época, comparada à atividade natural de atender às necessidades da casa e da comunidade.<sup>142</sup>

Do comércio mercantil desenvolveu-se um meio intermediário de troca, que tornou possível vender um conjunto de mercadorias sem ter de comprar outro imediatamente. Além disso, era conveniente poder expressar os valores em função de alguma medida comum. O ouro (usado pela primeira vez na colônia grega, da Lídia) mostrou constituir material excelente para esse fim. Do comércio exterior, o dinheiro invadiu a economia interna; muitas trocas de bens e serviços vieram a ser efetuadas através de pagamentos em dinheiro. Preços, salários e tributos em dinheiro tomaram o lugar do sistema de pagamentos em espécie.

O conceito de investimento no interesse do lucro também evoluiu do comércio exterior. O mercador precisava de financiamento para atender às despesas de embarque, tropas de camelos ou carregadores, bem como à compra das mercadorias, cuja venda substituiria o financiamento com um excesso adequado para recompensá-lo pelos riscos e incômodos e capacitá-lo a aventurar-se novamente em escala maior. O juro, ao qual se franzira o cenho como se fosse usura, quando surgiu das necessidades do agricultor, assumiu então um aspecto diferente, e cálculos mais sutis que 100% de rendimento sobre o cereal entraram em uso. Cidades inteiras floresceram com o comércio e surgiu uma profissão de financistas, escoando-se também do comércio exterior para a produção doméstica, mas, até o alvorecer da era moderna na Europa e até os dias de hoje, nas sociedades que a cultura européia ainda não engolfou, a intromissão do motivo do lucro na produção doméstica foi mantida controlada por regulamentos baseados no status e no conceito de um preço justo que proporcionaria a cada homem um padrão de vida apropriado à sua posição na sociedade.

Uma sociedade hierárquica tem necessidade de se justificar. Mais amiúde, a dominância de um determinado grupo ou família sobre o resto do povo era racionalizada em função da "raça". A

142 *Ibid.*, pp. 64 s.

noção de “nós” e “os outros”, vinculada a normas sobre com quem é correto casar-se, surgiu em todos os lugares em que povos de linguagem e hábitos diferentes se achavam em contato uns com os outros, cada um podendo manter um sentimento de superioridade em relação ao outro. Mas depois a superioridade tornou-se assimétrica. Melhor alimentados, ensinados a cultivar a força e a coragem ou dedicados a sutis erudições, os beneficiários do sistema podiam sentir-se como seres diferentes dos escravos e camponeses que os sustentavam, e esperavam ser reconhecidos como tais.

As normas matrimoniais se estreitaram, para impedir que seu “sangue” se misturasse ao dos inferiores. Na maioria das sociedades, esta regra aplicava-se às mulheres das famílias superiores, achando-se os homens livres para engendrar bastardos e mestiços e ocasionalmente elevar uma beldade à categoria de esposa. Alguns, como os hebreus na Palestina e os brâmanes na Índia, ensinaram ser crime tanto para um homem quanto para uma mulher misturar o sangue (embora a prática não acompanhasse necessariamente o preceito). O conceito de “raça” se reforçava quando existia alguma diferença acentuada entre a aparência dos povos superiores e inferiores. A mais comum delas foi a cor, mas qualquer uma servia. Os japoneses desprezavam os cabeludos ainos não por serem brancos, mas por deixarem crescer a barba. Aristóteles sustentava que os escravos eram seres inferiores, embora muitos deles descendessem de prisioneiros tomados em guerras entre cidades gregas da mesma estirpe de seus senhores. O conceito de classe como sendo algo natural foi transmitido através da época feudal na Europa, até chegar aos tempos modernos. Shakespeare, que descreve Henrique V como um rei democrático, atribui-lhe estes sentimentos:

Avante, avante, ó mais nobres dos ingleses!  
 Cujo sangue é o de pais provados na guerra;  
 . . . . .  
 Sejam cópias agora de homens de sangue  
 mais espesso e ensinem-lhes como guerrear.  
 E vós, bons soldados, cujos membros foram feitos  
 Na Inglaterra, mostrai-nos aqui o vigor de vossos  
 pastos; juremos que sois dignos de vossa criação.

O conceito de status por nascimento atingiu seu desenvolvimento mais alto no sistema de castas da Índia, onde se acha associado a uma preferência pela pele clara dos invasores asiáticos sobre a cor escura dos nativos.

O nascimento podia estabelecer o poder, mas o talento também

era necessário, porque um Estado exige uma burocracia e um sistema jurídico. Para isso, saber escrever é uma grande conveniência, embora não seja indispensável. Na organização altamente elaborada dos incas, a inteligência era transmitida através de nós dados em fios. No reino do Daomé, que floresceu no século XVIII com a exportação de escravos capturados entre povos vizinhos, um censo de cada aldeia e um registro de sua capacidade tributária era mantido anualmente por um sistema de contagem de seixos.<sup>143</sup>

O único grande império que possui uma história contínua e registrada desde a idade do bronze até o século atual desenvolveu a burocracia ao seu nível mais alto. O desafio de um sábio ao primeiro imperador Han — “Conquistastes este país num carro de guerra; podeis governá-lo dele?” — repetiu-se em todas as épocas da história chinesa. (A conquista mongol representou uma interrupção brutal da continuidade, mas Kublai Khan encampou o sistema chinês de administração, tal como a dinastia manchu, que assistiu ao fim da história.)

Durante 1 500 anos o pessoal da administração — serviço público, judiciário e corte — foi recrutado por um sistema de exames escritos. O tema de estudo eram os textos clássicos, dos quais se presumia instilarem princípios morais, de preferência a qualquer ramo particular de conhecimento técnico. Este sistema concedeu à erudição um prestígio superior à intrepidez militar; uma grande parte do excedente era dedicada ao cultivo das artes da civilização.

Na China, a classe não se baseava em concepções de “raça”. O povo Han encarava-se como se fosse todo de uma só raça; os proprietários de terras reconheciam os camponeses de suas aldeias como companheiros de clã; em teoria, todos se achavam livres para se tornarem mandarins. Mas aprender os caracteres do alfabeto e estudar os clássicos exigia um ensino caro e anos passados fora do trabalho. Vindo de um lar analfabeto, mesmo o mais dedicado podia dar apenas o primeiro passo no caminho da erudição; dizia-se serem precisas três gerações para passar pelo exame nacional. Dessa maneira, o saber e as mãos macias, não acostumadas à labuta, tornaram-se sinais de superioridade. No Japão heiano, na corte do pai do príncipe Genji, as artes eram cultivadas à imitação da China e a delicada aristocracia considerava os camponeses (mais ainda que Henrique V os seus soldados) como criaturas de sangue mais espesso.

Na Índia, o conceito de “raça” foi aplicado mesmo à erudição;

143 Ver Karl Polanyi, *Dahomey and the Slave Trade*, cap. III.



até o presente acredita-se geralmente que os brâmanes são mais inteligentes que as pessoas de outras castas.

Na Europa feudal, os fidalgos analfabetos dependiam da Igreja para provê-los de pessoal instruído; a instituição de um clero nominalmente celibatário tornou possível recrutar talentos nas camadas inferiores da sociedade, sem interferir com a estrutura familiar da classe feudal.

Todas as grandes religiões que a humanidade inventou desaprovam a adoração da riqueza e do poder, mas todas transigiram com ela, com a igreja ou o templo apoiando a autoridade secular ou se estabelecendo como autoridade por sua própria conta.

A combinação da religião com o conceito de status por nascimento muitas vezes produziu a instituição do monarca divino, que é ao mesmo tempo chefe da administração e intermediário de seu povo com os deuses. Era necessário um chefe de Estado para fornecer unidade de comando, particularmente aos governos impostos pela conquista, e a noção de um monarca a transmitir o poder ao seu filho mais velho surgiu naturalmente naqueles lugares em que a herança patrilinear se estabelecera. Houve monarcas eleitos, como os chefes de algumas tribos africanas, os reis poloneses, o sucessor de Hamlet e os imperadores do Santo Império Romano, mas mesmo então os candidatos se confinavam àqueles de “sangue real”.

Quando a sucessão familiar era a regra, não podia haver garantia de que um herdeiro apropriadamente dotado aparecesse em cada geração. Uma solução conveniente foi às vezes encontrada elaborando-se o caráter ritual do monarca e mantendo o poder fora de suas mãos. No Japão, por exemplo, uma dinastia única que remonta sua ascendência ao Sol reinou durante toda a história registrada, embora por longos períodos (interrompidos por guerras feudais) uma ou outra das grandes famílias administrasse o país. Um modelo semelhante, numa escala menor, foi desenvolvido pelos ranas no Nepal, os quais ensinaram o rei a acreditar ser uma reencarnação de Vixnu.

Na China, cada dinastia estabelecia a divindade de sua linha, mas a filosofia política chinesa continha o princípio do “mandato celestial”, que dava ao povo o direito legítimo de derrubar uma dinastia cujo governo houvesse degenerado. Talvez o fracasso do Império Romano ocidental em encontrar um princípio satisfatório de sucessão tenha contribuído para o seu declínio e queda.

## 5

### COMÉRCIO E NACIONALIDADE

O comércio e as manufaturas proporcionaram uma fonte de riqueza não diretamente dependente da propriedade de terras, embora indiretamente dependesse do gasto do excedente agrícola. Em centros localizados aqui e ali pelo mundo, da China ao Peru, desenvolveu-se uma burguesia, isto é, uma comunidade de habitantes de cidades que auferia uma renda das atividades comerciais e desfrutava de um grau de independência maior ou menor da corte e dos poderes feudais. Os mais bem-sucedidos entre eles empregavam trabalhadores, tais como artesãos, carregadores, marinheiros, artistas e criados, de maneira que se estabeleceu uma hierarquia baseada no dinheiro e um mercado onde os produtos agrícolas podiam ser vendidos por dinheiro.

Na Europa ocidental, a economia monetária invadiu gradualmente a agricultura feudal. Na Inglaterra, o feudalismo havia sido imposto às comunidades aldeãs saxônicas que praticavam a agricultura pelo sistema de campo aberto. O arrendamento era cobrado pelo lorde que possuía a propriedade (e, às vezes, nesgas dos campos abertos), que tinha de ser cultivada sem pagamento. Os agricultores eram servos ligados à terra. Entretanto, a mão-de-obra servil é ineficiente e difícil de administrar. Os proprietários de terra gradativamente acharam mais conveniente empregar trabalhadores em tempo integral nas melhores partes da propriedade (utilizando os serviços dos aldeões na colheita) e deixar o resto de suas terras para o arrendamento, sob a forma de comutação de dívidas expressas em termos de mão-de-obra.

Além disso, uma economia monetária desenvolveu-se ao lado desse sistema, com o comércio da lã. As comunidades burguesas da Itália e dos Países Baixos importavam a lã inglesa. Os lordes

mantinham grandes rebanhos e os agricultores podiam apascentar algumas ovelhas nas terras comuns.

No século XIII, segundo parece, um aumento de população criou uma escassez de terras. A oferta e a procura favoreceram os proprietários destas. Por um meio ou por outro, a cota dos agricultores na produção foi espremida e famílias famintas e sem terra foram lançadas para o fundo da estrutura social. (A alegre Inglaterra começou a apresentar o triste aspecto da Índia moderna.)<sup>144</sup>

O alívio surgiu através de meios temíveis. A um declínio a longo prazo no crescimento numérico da população sobrepôs-se o violento choque da peste negra, que eliminou talvez um terço das populações que assolou.<sup>145</sup> Na Inglaterra, a servidão feudal, já a desintegrar-se, foi abalada para além de qualquer recuperação. Os camponeses rebelados ergueram o imortal grito:

Quando Adão cavava e Eva media,  
Quem era então o fidalgo?

Na Europa ocidental em geral, a despovoação acelerou a influência liberalizadora do dinheiro dentro da estrutura do feudalismo. A leste do Elba, porém, os proprietários de terras puderam recuperar o controle e jungiram a servidão às nucas dos agricultores mais firmemente do que antes.<sup>146</sup>

Na Inglaterra, o comércio da lã desempenhou um grande papel na digestão final do feudalismo pelo sistema comercial. A peste negra reduziu a área cultivada necessária à subsistência, deixando espaço para pastagens e, ao mesmo tempo, a perda dos arrendamentos inclinou os proprietários de terras a procurar outra maneira de fazer suas propriedades renderem. Além disso, o estilo feudal de consumir o excedente lutando pela herança de títulos achava-se obsoleto. Com a paz interna que a monarquia Tudor impôs à nobreza em guerra, as terras começaram a constituir mais uma fonte de riqueza calculada em dinheiro do que o comando de locatários a serem armados e conduzidos ao combate.<sup>147</sup> As ovelhas eram mais valiosas que os homens. O número da população gradualmente se reconstituiu, mas os proprietários não mais se achavam tão ávidos por conseguir rendeiros.

“Durante o século XIV, as mais significativas das ‘terras demarcadas’ (*enclosures*) foram ‘usurpações efetuadas pelos lordes ou

144 Ver M. Postan, em *Cambridge Economic History*, vol. I, p. 552 ss.

145 *Ibid.*, p. 609.

146 Ver L. Genicot, em *Cambridge Economic History*, vol. I, p. 739.

147 O argumento seguinte se origina de Barrington Moore, *Social Origins of Dictatorship and Democracy*.

seus fazendeiros da terra sobre a qual a população da herdade possuía direitos comuns ou que se achava nos campos cultiváveis livres'. Impelidos pela perspectiva dos lucros a serem auferidos na venda da lã ou pelo arrendamento das terras àqueles que a vendiam, aumentando assim suas rendas, os senhores das herdades descobriram uma variedade de métodos legais e semilegais para privar os camponeses de seus direitos de cultivo nos campos abertos e também de seus direitos de utilizar as terras públicas para a pastagem do gado, a coleta de lenha e outras atividades semelhantes.

"Evidentemente uma substancial quantidade de terras anteriormente sujeitas a normas costumeiras que prescreviam os métodos de agricultura estava se tornando terra a ser usada à discrição do indivíduo. Simultaneamente, a comercialização da agricultura significava uma mudança do senhor feudal que era, na pior das hipóteses, um tirano sem lei e, na melhor, um pai despótico, para um senhor supremo que se aproximava mais de um atilado homem de negócios a explorar os recursos materiais da propriedade com vistas ao lucro e à eficiência.

"Aqueles que promoveram a onda do capitalismo agrário, os principais vencedores da luta contra a velha ordem, provinham da classe dos pequenos proprietários e, mais ainda, das classes superiores possuidoras de terras. As principais vítimas do progresso foram, como de costume, os camponeses comuns."<sup>148</sup>

Assim, o comércio invadiu a economia interna. Ao mesmo tempo, o crescimento do poderio marítimo, as primeiras colônias no Novo Mundo e os grandes lucros do tráfico de escravos deram ao comercialismo um poderoso apoio vindo de ultramar.

A guerra civil foi interpretada como um ataque ao último bastião do feudalismo.<sup>149</sup> O próprio fato de ter sido dirigida contra a Coroa colocou a Inglaterra no caminho do capitalismo democrático. A Restauração não pôde inverter a maré. O comércio tornou-se associado da liberdade.

As terras demarcadas do século XVI reduziram a mão-de-obra rural. "As ovelhas comeram os homens." No século XVIII, a maré virou e aquelas terras tornaram-se então um meio de introduzir técnicas de mão-de-obra intensiva. Começou um aumento da população. (Acredita-se que se deveu, em primeiro lugar, a uma queda das taxas de mortalidade, a qual, contudo, não foi satisfatoriamente explicada.) Injetada num sistema em que a agricultura já se achava grandemente comercializada, colocou em uso a rotatividade de sa-

148 Barrington Moore, *op. cit.*, pp. 9-11. A citação é de *The Agrarian Problem*, de Tawney.

149 *Op. cit.*, cap. 1.

fras e a estabulação do gado, a fim de eliminar o pousio trienal e utilizar, a cada ano, quase toda a terra cultivável.<sup>150</sup> Para a aplicação destas técnicas, eram necessárias terras demarcadas. As grandes propriedades herdadas da época feudal foram alugadas como fazendas a diversos locatários e os camponeses tornaram-se trabalhadores assalariados, privados do último de seus antigos direitos.

Já é bastante ruim para homem ou mulher  
Roubar um ganso de uma terra comum  
Mas certamente não tem desculpa  
Quem rouba a terra de um pacóvio.<sup>151</sup>

A destruição do feudalismo na França tomou outro curso, o qual deixou a agricultura nas mãos dos proprietários campônios.<sup>152</sup>

O desenvolvimento das cidades e vilas tornou a comida um artigo de comércio tanto na França quanto na Inglaterra, mas, enquanto as terras demarcadas elevavam a produtividade agrícola na última, poucas mudanças ocorriam na primeira. “À exceção da introdução do milho durante o século XVI como safra de forragem para os animais, o que aumentou grandemente a quantidade de trigo que podia ser colocada no mercado, não houve inovações técnicas de importância. A agricultura continuou a ser efetuada fundamentalmente dentro da mesma estrutura técnica e social que existira durante a Idade Média (...). Os nobres utilizavam a estrutura social e política predominante para extrair mais cereal dos camponeses e vendê-lo.”<sup>153</sup>

Os camponeses apoiaram as turbas parisienses que foram a ponta de lança da Revolução Francesa no esmagamento da aristocracia, na destruição dos privilégios feudais e no fracionamento das grandes propriedades da nobreza e da Igreja em pequenas propriedades livres. Afora isso, nada queriam ter com as idéias radicais. Liberdade, igualdade e fraternidade terminaram sendo a carta de direitos da propriedade privada.

Na Europa central, as revoltas camponesas do século XVI foram derrotadas e sanguinariamente reprimidas.<sup>154</sup> Na Alemanha oriental, o feudalismo se modernizou, mas não foi relaxado; a servidão foi introduzida na Rússia. Na Península, o feudalismo libertara a terra dos mouros e prosseguira, criando impérios além-mar. Seus remanescentes sobreviveram para derrubar a efêmera repú-

150 Ver Boserup, *op. cit.*, p. 38.

151 Ver *Oxford Book of Quotations*, p. 527b.

152 Ver Barrington Moore, *op. cit.*, cap. II.

153 *Op. cit.*, p. 53.

154 *Op. cit.*, p. 466.

blica espanhola de 1935 e manter os últimos impérios africanos até os dias de hoje. Na Suécia, o feudalismo nunca se enraizou, de maneira que não foi necessária qualquer comoção social para instalar a democracia. Na Alemanha e na Itália, sociedades burguesas se desenvolveram em torno das cortes de principetes ou sobre os lucros do comércio.

Neste pequeno continente, muitas maneiras variadas foram encontradas para transformar o excedente agrícola em base da riqueza e do poderio nacionais, cada uma delas deixando sua marca na história nacional.

O sentimento de nacionalismo ligado a um país, de preferência a uma cidade ou vizinhança, crescera à medida que o feudalismo declinava. A guerra o trouxe à consciência. As tentativas da Coroa inglesa para reivindicar o domínio da França, que haviam começado como um esporte feudal, terminaram por envolver as populações de ambos os lados num senso de identidade nacional.

O próprio fato de existir um governo sobre uma determinada região cria um centro para que o patriotismo se cristalice em torno dele.<sup>155</sup> Vemos hoje o sentimento nacional a criar-se dentro dos retângulos perfeitamente arbitrários que os impérios europeus traçaram sobre o mapa da África. Um governo está fadado a se interessar pelos assuntos econômicos de seus súditos, quanto mais não seja para estabelecer uma base à tributação. O poderio nacional sempre foi utilizado (mesmo sob o disfarce do *laissez-faire*) para promover os interesses nacionais. Contudo, o sentimento de patriotismo não se refere diretamente aos próprios interesses do indivíduo. Na guerra, ele ordena os maiores sacrifícios, e nos assuntos econômicos, para a massa da população, amiúde significou uma preferência por ser explorada e comandada por pessoas da mesma língua e cor que a sua, mais do que qualquer grande esperança de lucro pessoal.

Talvez a propensão a identificar o ego com um grupo maior que a família tenha suas raízes no mesmo mecanismo emocional que dá coesão social a um bando de símios, mas a capacidade de ligá-lo a concepções abstratas é puramente humano. O Sr. Ardrey<sup>156</sup> explica a intensa fúria que sentiu ao ouvir o ataque a Pearl Harbor como devida a um instinto de território, mas não foi o instinto ineducado que o fez, num apartamento de Nova York, identificar seu território com a ilha de Honolulu.

Seja como for, é bastante claro que o patriotismo nacional se

155 *Ibid.*, p. 462.

156 *The Territorial Imperative*, p. 230.

desenvolveu e se sistematizou na Europa ocidental juntamente com a comercialização das relações sociais, dando aos governos nacionais um grande apoio nos planos de expansão econômica através da conquista e do comércio que em breve colocariam todos sob a sua influência e, ao final, por revulsão, espalhariam o sentimento nacional ao resto do mundo.

## 6

### A EXPANSÃO CAPITALISTA

De certo ponto de vista, toda a história humana, do neolítico ao século XVIII, pode ser tratada como um só período, e da Revolução Industrial até o presente, como outro. Muitos dos mesmos modelos se repetem. O Império Britânico teve algo em comum com o Romano: a destruição da Grécia através de guerras intestinas, que conduziram à dominância da Macedônia, repetiu-se neste século nas guerras européias, que levaram à dominância dos EUA. Existem, porém, três características da era moderna que a distinguem do passado: a hipertrofia do Estado-nação (que algumas modernas tentativas de internacionalismo pouco fizeram para conter), a aplicação da ciência à produção e a penetração dos valores monetários em todos os aspectos da vida.<sup>157</sup>

De certo ponto de vista, toda a história humana, do neolítico ao século XVIII, pode ser tratada como um só período, e da Revolução Industrial até o presente, como outro. Muitos dos mesmos modelos se repetem. O Império Britânico teve algo em comum com o Romano: a destruição da Grécia através de guerras intestinas, que conduziram à dominância da Macedônia, repetiu-se neste século nas guerras européias, que levaram à dominância dos EUA. Existem, porém, três características da era moderna que a distinguem do passado: a hipertrofia do Estado-nação (que algumas modernas tentativas de internacionalismo pouco fizeram para conter), a aplicação da ciência à produção e a penetração dos valores monetários em todos os aspectos da vida.<sup>157</sup>

A mudança não pode ser atribuída a qualquer causa isolada. Foi como se uma centelha houvesse caído numa grande pilha de madeira que se tivesse acumulado durante séculos.

Ela exigiu um grande desenvolvimento da ciência, não tanto em conhecimento do mundo material como do ponto de vista científico. A ciência e a matemática se desenvolveram na Babilônia e no Egito, e com menos êxito na China, a fim de elaborar do estudo dos céus um calendário para a observação correta das cerimônias religiosas e utilização na agricultura. Na maioria, porém, a raça humana, mesmo hoje, não liga importância à distinção entre uma coisa ser e não ser o caso. Os mitos, as superstições e os slogans satisfazem-na. A lógica, a indagação através da experiência e uma visão racionalista da história desenvolveram-se altamente em Atenas mas, visto serem uma ocupação de fidalgos, os métodos de

157 Cf. E.J. Hobsbawm, *Industry and Empire*.



produção não foram muito afetados por elas. Em Roma, em Bizâncio e na Europa medieval, o fio da meada se perdeu. A Renascença e depois a Reforma prepararam o caminho para uma revivescência do racionalismo. O protestantismo constituiu uma importante precondição para a Revolução Industrial, não tanto por causa de qualquer doutrina específica que proclamasse, mas por se tratar de um rompimento com a ortodoxia e o obscurantismo.

Havia uma razão técnica para que os matemáticos do mundo antigo tivessem pouca aplicação para a tecnologia. A álgebra e a geometria se desenvolveram como filosofia especulativa, mas os humildes empregos da aritmética foram obstados pelo canhestro sistema de numerais. Os árabes aprenderam da Índia, onde outros sistemas de especulação introduziram a noção do zero e da notação posicional. No século XIV, a Igreja lutou arduamente contra a introdução desse sistema na Europa.<sup>158</sup> Mas as suas vantagens práticas eram demasiado grandes. Sem ele, a engenharia nunca teria progredido tanto.

Outro elemento na pilha de madeira que pegou fogo com a Revolução Industrial foi a introdução da imprensa iniciada na China, e a disseminação da alfabetização entre os leigos.

Por que a Inglaterra, em particular, constituiu a cena? O desenvolvimento da indústria exigira um aumento do excedente agrícola para sustentar uma crescente população urbana. Os novos métodos de lavoura introduzidos no século XVIII o forneceram. Ademais, as terras demarcadas transformaram os camponeses em trabalhadores sem terra. Não mais era possível ao número crescente da população apinhar as terras através da fragmentação das propriedades familiares. Os fazendeiros capitalistas empregavam tantos trabalhadores quantos lhes convinha aceitar à taxa salarial corrente. A população crescente criou uma “oferta de mão-de-obra” para a indústria empregar.

Na Inglaterra, com o comércio exterior altamente desenvolvido sob a proteção da conquista da Índia, o capital mercantil se acumulara em grandes quantidades.

Por fim, o sistema na Inglaterra era dominado por uma aristocracia altamente consciente de status; no entanto, ao mesmo tempo, as categorias não eram inteiramente rígidas. Valia a pena ganhar dinheiro para construir uma posição que pudesse neutralizar as pretensões da antiga linhagem.

Talvez tenha sido este o principal ingrediente que faltou à China. Ela, durante muito tempo, estivera à frente da Europa em todas as artes úteis. Uma classe mercantil se achava bem estabe-

158 Ver Tobias Dantzig, *Number, the Language of Science*, p. 33.

lecida e um sistema embrionário de fábricas desenvolvera-se ali.<sup>159</sup> Mas a ambição e a energia intelectual canalizavam-se para o estudo dos clássicos como meio de ascensão. Seja como for, foi na Inglaterra e não na China que a fagulha tomou.

A faísca que caiu sobre toda essa madeira foi o comércio de têxteis de algodão. Os comerciantes estavam encontrando um bom mercado para a nova utilidade; internamente, através do comércio por via marítima. Acharam conveniente começar a organizar a produção, em vez de simplesmente comprá-la dos artesãos, e do investimento em trabalhadores domésticos passaram para as fábricas e o emprego de mão-de-obra assalariada.

Os camponeses sem terra e desalojados e os artesãos arruinados pela competição das fábricas foram obrigados pela necessidade a se tornarem assalariados.<sup>160</sup> Vemos repetida hoje a sua desorientação e miséria na Ásia e na África, onde quer que a industrialização invada uma sociedade tradicional.

Como agora, a miséria não impedia a população de crescer, mas havia uma enorme diferença entre a explosão demográfica do século XIX e a que hoje se efetua. O desenvolvimento do Novo Mundo e melhoras revolucionárias nos transportes e nos produtos industrializados a serem trocados por produtos agrícolas forneceram um amplo suprimento de alimentos. Esse foi um episódio da história que não se repetirá.

O desenvolvimento do sistema fabril trouxe à existência um novo conjunto de relações econômicas e sociais. A mais importante delas foi a grande expansão do emprego assalariado. Numa economia de camponeses e artesãos, o trabalhador comanda os fatores materiais de produção que opera. A mão-de-obra assalariada engolfara a agricultura camponesa no sistema inglês de lavoura; estendia-se agora para engolir a manufatura artesanal.

Começou como pura exploração: famílias que não possuíam outro meio de vida podiam ser empregadas a salário de subsistência e postas a trabalhar muito mais arduamente do que optariam por fazê-lo se possuísem terras ou ferramentas suas. A produção podia ser vendida a preços mais baixos que a produção do artesão e a diferença entre o salário e a renda deste último adicionava-se ao lucro do empregador.

A expansão dos empregos acarretou uma expansão correspondente de investimentos para aparelhar fábricas e fornecer capital financeiro, para pagar os salários e adquirir matéria-prima ante-

159 Mark Elvin descreve métodos de produção e "promoção" nos negócios chineses do século XVI que possuem um tom muito moderno; em "The failure of traditional China to create industrial capitalism" (trabalho não publicado).

160 Cf. Christopher Hill. "Pottage for freeborn englishmen", em *Socialism, Capitalism and Economic Growth*, coordenação de Feinstein.

cipadamente às vendas. (Foi por isso que o sistema recebeu o nome de capitalismo.) O empregador capitalista precisava ter energia, ambição e perspicácia comercial. Estas próprias qualidades levaram-no a transcender a pura exploração. Com um determinado método de produção, existe um limite para o lucro que pode ser obtido por homem empregado. Elevando o rendimento *per capita*, o lucro podia ser aumentado, e assim o capitalismo rapidamente deu início ao progresso técnico.

Foi aqui que as qualidades específicas do algodão desempenharam um grande papel. O sistema havia quase chegado ao ponto crítico das lãs um século antes, mas a lã não é tão uniforme e dócil à produção padronizada como o algodão e, ao nível predominante de arrendamentos e salários, o algodão bruto por metro de tecido era muito mais barato que a lã bruta, de maneira que fornecia um campo de ação muito maior para a manufatura lucrativa. Durante muito tempo, o carvão havia sido extraído como um bem de consumo. A energia a vapor desenvolveu-se para bombear as minas. A aplicação do vapor à produção fabril tornou o carvão fonte de energia. Descobertas científicas eram ainda amiúde efetuadas por amor ao conhecimento, mas o motivo do lucro forneceu órgãos digestivos que as absorveram à tecnologia produtiva. Pôs-se em movimento a ação em espiral do desenvolvimento técnico, que desde então tem estado a girar a uma razão cada vez mais vertiginosa.

Do ponto de vista dos capitalistas, o objetivo do exercício era ganhar dinheiro, mas este era necessário, primeiro e acima de tudo, para ganhar mais dinheiro. O negociante bem-sucedido ampliou sua empresa colocando os lucros de volta em sua expansão. Suas despesas domésticas foram mantidas numa cota modesta, embora se elevassem a um grande nível de luxo esplendoroso à medida que o tamanho absoluto do que lhes era atribuído crescia com o crescimento do negócio.

Não foi apenas a produtividade superior que fez com que a riqueza capitalista crescesse. O mundo inteiro foi esquadrihado em busca de recursos. Os domínios de além-mar que as nações européias estavam adquirindo e por eles combatendo desde o século XVI, e outros também, achavam-se agora grandemente desenvolvidos para fornecer matérias-primas para a indústria. Os conhecimentos técnicos, as finanças e os escoadouros de mercado permitiram aos buscadores de lucros extraírem produtos animais, minerais e vegetais de todos os continentes. A mão-de-obra para explorá-los foi encontrada por diversas maneiras. Nas terras temperadas, povoadas principalmente por emigrantes das Ilhas Britânicas, e, até certo ponto, na América Latina, os capitalistas e trabalhadores locais (suplementados pela imigração contínua) se organizaram, primeiro através de investimentos das finanças britânicas e, depois, por sua própria acumulação. Trigo, carne, madeira, algodão e lã

foram trocados parcialmente por lucros e juros, nos financiamentos que haviam fornecido os meios de transporte e outros investimentos para torná-los disponíveis, e parcialmente pela importação de produtos industrializados. Os minerais tiveram de ser encontrados onde a geologia os havia colocado, mas safras tropicais, tais como borracha e chá, foram deslocadas de uma região tropical para outra. Na África, a mão-de-obra foi recrutada através da imposição de tributos, de maneira que os homens tinham de abandonar suas terras tribais e ganhar dinheiro sob a forma de salários.

A contrapartida às exportações de minérios era quase inteiramente em lucros. Nos estados sulinos dos EUA, nas Caraíbas e no Brasil, a mão-de-obra já havia sido fornecida pela importação de escravos e a sua emancipação não provocou muita diferença. Na Austrália, o tráfico de escravos continuou, sob o nome de *black-birding*, através de incursões pelas ilhas do Pacífico em busca de material humano, mas a população capturada não era adequada. Na Índia, Indonésia, Indochina e nos enclaves coloniais da costa chinesa, homens necessitados podiam ser abundantemente recrutados por um salário de subsistência, e onde a classe camponesa local, como no Ceilão e na Malásia, era bastante abastada, por seus próprios padrões, para poder recusar a indignidade, indianos e chineses foram trazidos sob contrato, uma forma de emprego que era um meio-termo, entre a escravidão e o trabalho assalariado.

Para manter “a lei e a ordem”, de maneira a fornecer um ambiente para a criação e a extração de riquezas, as nações capitalista-imperialistas tiveram de criar uma administração em muitos países, exigindo isso um certo número de guerras de conquista; a tecnologia industrial, no entanto, as abastecera de um poderio indeseafiável, de maneira que não lhes custou muito consegui-lo.

A princípio, as exigências dos trabalhadores da metrópole quanto à participação nos lucros da produtividade crescente foram severamente reprimidas, mas, gradualmente, as combinações desenvolveram força; na Inglaterra, a ampliação do direito de voto, o sentimento humanitário e o egoísmo esclarecido dos empregadores conduziu a uma legislação que protegia as mulheres e as crianças, a uma redução nas horas de trabalho, à disseminação da instrução e a taxas de salário real crescentes. Os empregadores descobriram que os trabalhadores bem alimentados e alfabetizados eram, não apenas melhores para a produção de mercadorias, mas constituíam também um mercado para a venda delas. Assim, a classe operária industrial, embora aparentemente lutando contra o sistema, foi de fato absorvida por ele. (Este fenômeno foi pela primeira vez notado na Inglaterra em meados do século XIX, quando Engels observou: “Esta mais burguesa de todas as nações encontra-se aparentemente visando, em última análise, à posse de uma aristocracia burguesa e de um proletariado

burguês, assim como a uma burguesia".<sup>161</sup>) Isso estabeleceu o modelo seguido em toda parte pelo capitalismo bem-sucedido.

Os trabalhadores industriais da metrópole lucraram com o imperialismo por três maneiras. Primeiro de tudo, as matérias-primas e os produtos alimentícios eram relativamente baratos para as indústrias, o que mantinha o poder aquisitivo de seus salários. O chá de luxo da classe média, por exemplo, tornou-se uma necessidade indispensável para os ingleses pobres. Segundo, as grandes fortunas feitas na indústria, no comércio e nas finanças, vertiam-se sobre o resto da comunidade em tributos e benefícios, enquanto que o investimento continuado mantinha a procura de mão-de-obra crescendo com a população (embora os povos de certas regiões, tais como a Irlanda e as Terras Altas da Escócia, tivessem de depender da imigração para encontrar um meio de ganhar a vida). Por fim, dominando o mundo como membros das nações superiores, podiam alimentar sua autoconsideração com noções de superioridade racial.

A principal beneficiária do sistema, naturalmente, foi a classe média. Tal como o gasto das rendas nutriu artesãos, comerciantes, burocratas e eruditos, assim os lucros numa escala incomparavelmente maior criaram novas profissões de engenheiros, contadores, financistas e negociantes de crédito, e alargaram o campo de ação das antigas: artistas, artesãos e comerciantes puderam florescer lisonjeando os gostos dos opulentos.

Além disso, as exigências financeiras da indústria (bem como o desenvolvimento da dívida nacional) forneceram um campo de ação ilimitado para o empréstimo de dinheiro a juros, o que se desenvolveu ainda mais com a instituição da responsabilidade limitada, que permitia a qualquer possuidor de dinheiro adquirir cotas de uma companhia, dando-lhe direito a receber lucros, sem quaisquer outras responsabilidades. Este sistema conduziu a um divórcio gradual entre a propriedade nominal nas firmas capitalistas e o controle real delas; cada vez mais as ações vieram a ser possuídas por donos de riqueza adquirida por poupança ou herança que não tinham contato com os negócios relacionados, porque a grande atração das cotas ou ações residia precisamente em que não amarravam o acionista individual aos tijolos ou ao aço que estavam atraindo os lucros, mas sempre podiam ser vendidas na bolsa de valores quando ele precisava de dinheiro ou temia que o preço delas fosse cair. Elas se tornaram, na realidade, uma espécie de propriedade rendosa. A concepção original era de que, por esse meio, a poupança seria canalizada para o financiamento da indústria, mas a maior parte das operações de uma bolsa de valores

161 *Correspondência Marx-Engels*, pp. 115 s.

reside em negócios de segunda mão, com papéis que representam uma finança que já foi investida há muito tempo. Uma vez que o preço de uma ação depende muito das perspectivas da firma a que ela se refere, ou melhor, do que o mercado acredita sobre as suas perspectivas, fortunas podem ser feitas escolhendo ganhadores sem contribuir com absolutamente nada para o financiamento da indústria. Um importante ramo de profissões de classe média desenvolveu-se em torno deste ramo de negócios.

A exaltação de ganhar dinheiro por sua própria consideração à respeitabilidade e, na verdade, à dominância na sociedade foi o novo aspecto do sistema capitalista que o distinguiu de todas as civilizações anteriores. Uma inclinação de temperamento à avareza ou à generosidade acha-se de modo indubitável estatisticamente distribuída quase da mesma maneira em todas as populações humanas. Não há razões para supor que as paixões naturais houvessem mudado no século XIX. Desenvolveu-se antes uma sociedade em que a ambição e o amor ao poder podiam ser satisfeitos pela acumulação de riqueza, e isso coincidiu com condições técnicas e históricas que lhe permitiam crescer e florescer e estender seus tentáculos sobre o mundo inteiro.

O conceito racial de classe, ou seja, a superioridade inerente de uma família proprietária de terras sobre os arrendatários e trabalhadores, foi solapado pela nova riqueza. Na Inglaterra, ele ainda se demorou. Os romances vitorianos relacionam-se com o direito das classes profissionais a se considerarem a si próprias fidalgas, e fidalgos não podiam achar-se relacionados com o comércio. Mesmo há quarenta anos este sentimento continuava intenso. Era o último remanescente retardatário da moralidade feudal: a noção de que o status era algo de inato que não podia ser comprado. Privados do direito divino, os capitalistas tiveram de apresentar-se à sociedade como benfeitores. Eles “davam emprego”, construíam a riqueza da nação e levavam a civilização cristã às terras bárbaras. Enquanto a prosperidade perdurasse, podiam desprezar todos aqueles que questionassem suas credenciais como idealistas e excêntricos.

Sempre, desde que os primos dos símios aprenderam a falar, explicaram o mundo em que se encontravam em função de espíritos e deuses. Cada uma das grandes religiões que se desenvolveram nas civilizações pré-industriais forneceu uma explicação do mundo e da vida e morte individuais combinadas com ensinamentos morais, um veículo para a contemplação mística e um sistema de rituais para dar forma e graça à vida cotidiana. Durante o século XIX, a resistência do ceticismo intelectual, que provavelmente sempre existia e estivera crescendo sem parar desde a revivescência do pensamento especulativo grego, na Renascença, irrompeu à superfície com a disseminação dos conhecimentos científicos, em particular com o reconhecimento feito por Darwin de que o homem era uma

espécie de animal. (A psicologia humana que encontrou satisfação na religião não parece ter-se alterado, mas tentativas de reviver os outros aspectos da religião sem o seu conteúdo intelectual não parecem ser muito bem-sucedidas.) Com o declínio da crença na imortalidade individual, o conceito do progresso veio a fornecer a ideologia apropriada ao sistema do capitalismo industrial.

Tal sistema possui duas ramificações. Quando o capitalismo estava começando a andar, Ricardo tentou penetrar o seu significado em função do que chamaríamos hoje de “modelo”.

“O produto da terra — tudo o que se deriva de sua superfície pela aplicação conjunta do trabalho, da maquinaria e do capital — acha-se dividido entre três classes da comunidade, a saber: o proprietário da terra, o possuidor das provisões ou capital necessário ao seu cultivo e os trabalhadores por cuja indústria ela é cultivada.

“Em diferentes etapas da sociedade, porém, as proporções de todo o produto da terra que serão distribuídas a cada uma dessas classes, sob o nome de renda, lucro e salário, serão essencialmente diferentes, dependendo principalmente da fertilidade real do solo, da acumulação do capital e da população e da perícia, da engenhosidade e dos instrumentos empregados na agricultura.

“Determinar as leis que regulam esta distribuição constitui o principal problema da economia política.”<sup>162</sup>

Os capitalistas empregaram a mão-de-obra a um salário de subsistência e arrendaram a terra. A competição entre eles colocou as rendas num nível que equiparava os custos de produção em terras melhores e piores. O excesso de produção por homem empregado — e não da renda — sobre os salários constituiu lucros. Os proprietários de terras, herdeiros das tradições feudais, consumiram suas rendas; os capitalistas economizaram a maior parte de seus lucros para investi-los num emprego e numa expansão crescentes. Ricardo advogava mudanças na lei e na política — em particular, a livre importação de trigo — que favoreceriam os planos dos capitalistas, diminuindo o nível das rendas e incentivando a acumulação. As políticas pré-capitalistas triunfaram e a acumulação pulou à frente.

Marx viu nesta adaptação das “relações de produção” — em particular o sistema de empregar a mão-de-obra para lucro — às “forças de produção” (ou seja, as possibilidades técnicas do sistema industrial que estavam “elevando o poder produtivo da mão-de-obra social como numa estufa”) uma pista para a interpretação da história. Imbuído das noções hegelianas de racionalidade, viu a sucessão dos sistemas econômicos como uma adaptação da sociedade às exigências

162 David Ricardo, *Principles of Political Economy*, Prefácio.

da tecnologia. Concluiu que o processo de acumulação sob o controle do motivo do lucro era uma fase que se cumpriria e chegaria a um fim; assim como a burguesia havia tomado o poder da aristocracia, também os trabalhadores industriais tomariam o poder da burguesia e fariam uso da capacidade produtiva que o capitalismo criara para atender às suas necessidades materiais de maneira racional.

“O monopólio do capital se torna um grilhão ao modo de produção, que surgiu e floresceu junto com ele e sob ele. A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem por fim um ponto em que se tornam incompatíveis com seu revestimento capitalista. O tegumento se despedaça. Dobram os sinos da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados.”<sup>163</sup>

Estas noções naturalmente não interessaram aos industriais e financistas, nem tampouco às amplas camadas de rendeiros e profissionais de classe média que se desenvolviam entre aqueles e os assalariados industriais. Uma versão mais congenial da doutrina do progresso foi apresentada por Marshall. Através do sistema de lucro, o amor ao dinheiro estava sendo colocado a serviço da sociedade. O mercado exigia uma produção orientada, de maneira que as necessidades e os gostos do consumidor foram lisonjeados. As economias de escala e o progresso técnico estavam reduzindo os custos de produção e a competição garantia que os preços caíam com aqueles, de maneira que os salários reais estavam se elevando. A disseminação da instrução estava erodindo as diferenças de classes; qualquer família com a força de espírito suficiente para “abster-se de gratificações atuais” através da poupança, poderia reivindicar uma parte do lucro.

“O problema dos objetivos sociais assume novas formas em cada época, mas, subjacente a todas, há um princípio fundamental, a saber, que o progresso depende principalmente de até onde as mais fortes e não apenas as mais elevadas forças da natureza humana podem ser utilizadas para o aumento do bem social. Existem algumas dúvidas quanto ao que é realmente o bem social, mas não se estendem suficientemente longe para prejudicarem os fundamentos deste princípio fundamental, porque sempre houve um substrato de concordância de que o bem social reside principalmente no exercício e no desenvolvimento sadios de faculdades que produzem felicidade sem saciamento, porque ele sustenta o auto-respeito e é sustentado pela esperança. Nenhuma utilização de gases residuais no alto-forno pode comparar-se ao triunfo de tornar o trabalho



para o bem público agradável em si próprio e de incentivar homens de todas as classes a grandes empreendimentos por outros meios que as provas de poder que se manifestam pelo dispêndio pródigo. Precisamos acalentar o bom trabalho e a iniciativa nova com o tépido hálito da simpatia e da apreciação daqueles que verdadeiramente os compreendem; precisamos voltar o consumo para caminhos que fortaleçam o consumidor e exijam as melhores qualidades daqueles que abastecem o consumo. Reconhecendo que tem de ser feito algum trabalho que não é enobrecedor, devemos procurar aplicar o conhecimento crescente e os recursos materiais do mundo à redução desse trabalho a limites estreitos e à extirpação de todas as condições de vida que são em si próprias aviltantes. Não pode haver uma grande e súbita melhoria nas condições de vida do homem, porque ele as forma tanto quanto elas o formam e ele próprio não pode mudar rapidamente, mas deve pressionar resolutamente no sentido do objetivo distante, onde as oportunidades de uma vida nobre possam ser acessíveis a todos.”<sup>164</sup>

É estranho que Marshall tenha publicado estas palavras em 1919.<sup>165</sup> Estava velho demais para notar que sua agradável predição fora falsificada. Na Alemanha, o capitalismo desenvolvido antes do feudalismo se deslocara da agricultura e as noções feudais de guerra, como o caminho natural para a honra, não haviam sucumbido à moralidade de uma nação de lojistas. Os industriais pediram aos militares para obter-lhes uma cota na riqueza do mundo e estes últimos incentivaram a aplicação da técnica industrial à produção de armas. A rápida vitória de 1870 pareceu justificar esta fórmula. As democracias capitalistas foram arrastadas a uma corrida armamentista e a uma guerra que alteraram radicalmente a natureza do sistema. O imperialismo capitalista, naturalmente, dependera do poderio militar, mas este só fora voltado contra povos de um nível técnico muito inferior, que haviam sido facilmente vencidos. (Os britânicos, na verdade, utilizaram grandemente o potencial humano indiano para as pequenas guerras que ampliaram e mantiveram o sistema, e lançaram a maior parte das despesas no orçamento indiano.) A guerra entre potências industriais era algo muito diferente. Desde então, a aplicação da tecnologia científica aos meios de destruição, com cada guerra começando um pouco acima do nível em que a última findara, transformou a agradável visão marshalliana da indústria a serviço da humanidade num pesadelo de terror.

164 Marshall, *Industry and Trade*, pp. 664 s.

165 Embora tenham sido escritas muito antes.

## 7

### INTERLÚDIO DE CONFUSÃO

Voltando o olhar para 1938, o Professor John Hicks observou: “Não se pode reprimir o pensamento de que talvez toda a Revolução Industrial dos últimos duzentos anos não tenha sido mais que um enorme *boom* secular”.<sup>166</sup>

Um *boom* ou surto, neste sentido, é uma situação em que os negócios, sob a influência das expectativas de lucro, ocasionaram uma elevação na taxa de investimento em construção, aparelhamentos e estoques.

O investimento exige que homens sejam empregados e rendas auferidas na produção de bens que contribuirão para dar lucros no futuro. Entrementes, não estão trazendo nada ao mercado. As rendas atualmente pagas em conexão com os mesmos representam uma procura de bens já disponíveis e proporcionam lucros para os negócios que podem fornecê-los. Há um “mercado de vendedor” em que a procura aumentou além da capacidade de atendê-la. Uma elevação inicial dos gastos em investimento aumenta assim o nível dos lucros e torna atraentes novos investimentos. Um *boom*, desta maneira, é uma situação autocontraditória. O investimento é estimulado por lucros que são gerados pelo próprio investimento. Quando a nova capacidade que o investimento esteve criando entra em uso, compete com a antiga, o mercado de vendedor chega ao fim, as perspectivas futuras de lucro empalidecem, os novos planos de investimento mostram-se insuficientes para assumir o lugar daqueles que foram completados e dá-se uma queda nos empregos e nas rendas.

A industrialização capitalista pôs em movimento um *boom*

166 Hicks, *Value and Capital*, p. 302, nota.

atrás de outro, a fim de abrir novos territórios e explorar novas invenções. Cada surto maior de investimento era seguido por um retrocesso, mas novas e lucrativas oportunidades estavam sempre se abrindo. Os retrocessos constituíam apenas acalmias num aumento contínuo de empregos e acumulação de riqueza. A sugestão de Hicks de tratar-se *apenas* de um *boom* secular significa que não foi um processo auto-regulativo normal, mas, sim, que dependeu de um acidente histórico cuja repetição é improvável. A opinião reflete a experiência da grande queda da década de 30.

A baixa também pode ser encarada como um acidente histórico, como uma acumulação de madeira na qual caiu uma fagulha.

A guerra havia acelerado uma tendência que, de qualquer maneira, se estava desenvolvendo, ou seja, um certo número de países criar indústrias para suprir as próprias necessidades e reduzir sua dependência das exportações provindas de economias já desenvolvidas, reduplicando assim a capacidade produtiva; houvera ainda uma onda de aperfeiçoamentos técnicos na produção de matérias-primas, a qual elevava a oferta acima da procura. O mundo capitalista como um todo mergulhava na condição de um mercado de comprador. Nos EUA, porém, após um *boom* e uma queda de pós-guerra, formou-se uma forte vaga de investimentos. Os investimentos, o consumo e a renda nacional estiveram crescendo mais ou menos continuamente de 1921 a 1929, numa onda de prosperidade excepcionalmente longa que deu origem à idéia de que os EUA eram diferentes, de que aquilo não era um simples *boom*, mas sim uma nova era. Houvera alguns sinais de que a expansão industrial estava começando a horizontalizar-se em 1929, mas a reação não teria sido tão violenta se não fosse o *boom* financeiro.

Os preços das ações na bolsa de valores dependem, como vimos acima, do que o mercado espera que elas sejam. Houvera um acentuado *boom* de pós-guerra, quando da reconversão da indústria para os usos civis, seguido por uma acentuada depressão, que abaixara os preços das ações. Depois os investimentos se elevaram vivamente e o poder de ganho do ativo real que as ações representavam começou a subir continuamente. Iniciou-se uma reavaliação das ações que, a princípio, correspondeu a uma estimativa sóbria dos lucros esperados. Cedo, porém, o *boom* da Bolsa de Valores ascendeu sozinho e pairou no alto muito acima do *boom* industrial.

“Até o início de 1928, mesmo um homem de espírito conservador podia acreditar que os preços das ações comuns achavam-se emparelhados com o aumento nos lucros das empresas, na perspectiva de novos aumentos, na paz e na tranquilidade da época e na certeza de que a Administração, então firmemente instalada no

poder em Washington, não ficaria com mais que o necessário em impostos sobre quaisquer ganhos. Já no princípio de 1928, a natureza do *boom* se alterou. A fuga em massa para o faz-de-conta, que constitui parte tão grande da verdadeira orgia especulativa, começou a sério. Ainda era necessário tranquilizar aqueles que exigiam algum laço, por tênue que fosse, com a realidade. (...)

“Chegou o tempo, entretanto, como acontece em todos os períodos de especulação, em que os homens procuraram não mais serem persuadidos da realidade das coisas, mas sim encontrar desculpas para fugir para o novo mundo da fantasia.<sup>167</sup>

“O colapso do mercado de ações do outono de 1929 achava-se implícito na especulação que ocorrera antes. A única questão relativa a essa especulação era quanto tempo ela duraria. Nalguma ocasião, mais cedo ou mais tarde, a confiança na realidade a curto prazo dos valores a crescer das ações ordinárias se enfraqueceria. Quando isso acontecesse, algumas pessoas venderiam e isso destruiria a realidade dos valores crescentes. Retê-las, à espera de um aumento, tornar-se-ia então sem sentido: a nova realidade seriam os preços em baixa. Haveria uma corrida desordenada para livrar-se das ações. Fora esta a maneira pela qual as orgias especulativas passadas haviam findado; foi a maneira pela qual o fim chegou em 1929; é a maneira pela qual a especulação findará no futuro.”<sup>168</sup>

O *boom*, entretantes, estivera solapando sua própria base. Numa fase anterior, fora moda nos Estados Unidos comprar títulos estrangeiros, o que sustentara o investimento num certo número de países, particularmente a Alemanha, o que tornara possível financiar o pagamento das reparações de guerra sem construir um excedente correspondente de exportações e sem efetuar investimentos internos. A atração da especulação na Wall Street secou a fonte dos empréstimos estrangeiros e colocou diversos países em dificuldades financeiras. A Grã-Bretanha já vinha em dificuldades crônicas, exacerbadas pelo retorno ao padrão-ouro a uma taxa de câmbio supervalorizada.<sup>169</sup> A crise de 1931 trouxe algum alívio ao final, mas, nesse meio tempo, o desemprego continuava a crescer. A Austrália e a América Latina estavam sentindo os efeitos dos preços em baixa dos produtos primários, que, assim que a atividade industrial diminuía, haviam caído a níveis ruinosos. Não havia assim

167 J. K. Galbraith, *The Great Crash*, pp. 23 s.

168 *Ibid.*, pp. 152 s.

169 Ver J. M. Keynes, *The Economic Consequences of Mr. Winston Churchill*. Este título é bastante injusto, porque Churchill, ministro do Tesouro na ocasião, foi obrigado a aceitar conselhos de que desconfiara grandemente; ver também D. E. Moggridge, *The Return to Gold*, 1925, (Departamento de Economia Aplicada, Cambridge, Trabalho Especial 19.)

elasticidade em parte alguma e a depressão americana mergulhou todo o mundo capitalista num plano inclinado descendente de lucros, atividades e empregos.

As doutrinas da boa finança, de acordo com as quais o primeiro dever de um governo é equilibrar seu orçamento, constituíam a ortodoxia dominante, especialmente na Alemanha, que sofrera a traumática experiência de um colapso completo do sistema monetário na grande inflação de 1921-23. Uma alteração da teoria econômica que veio a ser conhecida como a Revolução Keynesiana (embora Myrdal e Kalecki devessem partilhar da prescrição)<sup>170</sup> foi tardia demais para ter qualquer efeito prático, e o *New Deal* de Roosevelt foi confuso e inapropriado. Deixando de lado a miséria e a humilhação, o desperdício da simples produção material é ilustrado pelo fato de que o irromper da guerra aumentou o consumo *civil* de comida e roupas nos Estados Unidos em cerca de 30%.

Parecia que o diagnóstico de Marx se estava realizando, que o capitalismo já tivera a sua época e estava fadado a ser suplantado, mas a história ainda tinha outras cartas na manga.

Uma fórmula nova fora encontrada na Itália. Quando um movimento trabalhista ficava suficientemente forte para constituir uma ameaça séria aos proprietários de terras e aos industriais, a baixa classe média dos lojistas, empregados de escritório e profissionais liberais esforçados sentia-se entre dois fogos. Encontrara um defensor que descobriu ser possível recrutar um exército de descontentes e, tolerando e cultivando o sadismo que, segundo parece, existe em todas as populações, criar um aparelho de terror para garantir o poder. As classes respeitáveis ficaram em parte intimidadas e em parte gratas pela defesa contra uma revolução de esquerda. De modo semelhante, as respeitáveis nações capitalistas, através de uma mistura de medo e simpatia, permitiram ao novo regime ganhar ímpeto. Hitler dispôs-se a seguir essa fórmula na Alemanha. A miséria atual do desemprego maciço e a amargura importuna da derrota passada forneceram-lhe apoio e ele pôs-se a tratar de ambas ao mesmo tempo, preparando-se para a guerra.

Entrementes, a história estivera fazendo uma falseta a Marx. O movimento trabalhista internacional que deveria ter-se oposto ao capitalismo internacional entrou em colapso quando os operários de cada nação alinharam-se por trás de seus governos em 1914, com fervente patriotismo. Mas o colapso da periclitante autocracia

170 Ver Gunnar Myrdal, *Monetary Equilibrium*, e Michal Kalecki, *Studies in the Theory of Business Cycles*, ambos os quais (em suas próprias linguagens) são anteriores à *General Theory* de Keynes.

do czar na guerra forneceu aos crentes do marxismo a sua oportunidade e eles se viram no comando de um império onde o capitalismo, longe de achar-se demasiadamente maduro e a apodrecer por dentro, mal começara a deitar raízes. Revelou-se que o socialismo não constituía uma etapa além do capitalismo, mas sim um meio alternativo de efetuar a industrialização.

Após algumas atrapalhões,<sup>171</sup> as autoridades soviéticas compreenderam que sua tarefa era industrializar a economia que lhe havia caído nas mãos. Sem capitalistas para fazer o trabalho, nem motivo de lucro para guiá-lo, o Estado teve de criar novos órgãos para a planificação e a administração de todas as atividades econômicas. Dentro de vinte anos a União Soviética havia alcançado a maior parte dos investimentos que se haviam estado acumulando no mundo ocidental por mais de 200 anos.

Nisto, o novo sistema tivera certas vantagens. Primeiro e acima de tudo, a tecnologia já havia cumprido seu trabalho pioneiro, sob o impulso da busca de lucros, e teve apenas de ser adaptada às novas exigências. O capitalismo começara do mercado, vendendo a preço mais baixo a produção artesanal e gradualmente remontara às indústrias básicas. No novo sistema, era lógico criar as indústrias básicas primeiro e tomar um atalho através do processo de acumulação. O motivo do lucro surgira da propriedade privada. As propriedades dos capitalistas exigiam o consumo de uma parte dos lucros, o que desviava do investimento os recursos. Além disso, um grande mecanismo de crédito e finanças se desenvolvera principalmente para lidar com a propriedade e, com a venda e a publicidade, absorvera uma grande parte da energia intelectual do mundo capitalista em atividades improdutivas. Este desperdício do excedente investível podia ser evitado organizando-se uma administração que fizesse apenas o necessário para manter a economia em movimento.

No mundo capitalista havia uma divisão nítida entre os bens e serviços que eram fornecidos pelo Estado e pela iniciativa privada. Tudo o que pudesse ser vendido em pacotes ou de que se pudesse cobrar honorários constituía uma oportunidade de fazer lucros. A administração geral e as forças armadas, bem como certos confortos urbanos, tinham de ser pagos com os impostos. (A princípio, até mesmo as estradas eram abertas sob o sistema de lucros, mas visto que os pedágios constituíam claramente uma atrapalhão, este serviço foi transferido para o setor de tributos.)

Sente-se que os impostos constituem um ônus, senão um as-

171 Ver E. H. Carr, "Some random reflections on soviet industrialization", em *Socialism, Capitalism and Economic Growth*.

salto direto, enquanto que os lucros ocultos nos preços das mercadorias não o são. O público geralmente aceitou a ideologia dos negociantes e apoiou-os no manter a esfera do mercado tão ampla quanto possível. À medida que a produtividade crescia, mesmo as mais baixas rendas ofereciam um mercado para cada vez mais bens de produção em massa, mas os serviços mais importantes — saúde e educação — só podiam ser adequadamente fornecidos às famílias de classe média que podiam pagar por eles. No sistema soviético, a distinção entre tributos e lucros não aparece. Toda a verba necessária para pagar os rendimentos dos que trabalham na administração, nas forças armadas, nos investimentos e nos serviços gratuitos é cobrada conjuntamente e gasta segundo um plano coerente. O fornecimento dos serviços de saúde e educação é estendido à população inteira, o que, além de contribuir para o padrão de vida, tem a vantagem de permitir que o sistema industrial se abasteça dos talentos da totalidade de cada geração.

Existe outra desvantagem no sistema tributário dos países capitalistas. O sentimento democrático exige que a renda oriunda da propriedade, que é permanente, seja taxada mais pesadamente que as rendas derivadas do trabalho, o qual decai com a doença e a velhice, exigindo ainda que as rendas elevadas pelo menos pareçam ser pesadamente tributadas. O resultado é que a engenhosidade e os honorários de advogados gastos para evitar a taxação amiúde ocasionam um rendimento mais elevado do que aquele que pode ser ganho pela contribuição à produção real.

“Um dos elementos desses custos deve ser especificamente mencionado. Consiste na absorção da capacidade em atividades simplesmente protetoras. Uma considerável parte do trabalho total efetuado pelos advogados consome-se na luta dos negócios com o Estado e seus órgãos. É indiferente que chamemos isso de obstrução viciosa do bem comum ou defesa do bem comum contra a obstrução viciosa. Em qualquer caso, permanece o fato de que na sociedade socialista não haverá necessidade nem lugar para esta parte da atividade jurídica. A poupança resultante não é satisfatoriamente medida pelos honorários dos advogados que se acham nela empenhados. Isso é insignificante. Mas não insignificante é a perda social de tal emprego improdutivo de muitos dos melhores cérebros. Considerando quão extremamente raros são os bons cérebros, seu deslocamento para outros usos pode ser de uma importância mais que infinitesimal.”<sup>172</sup>

A Revolução Russa aboliu a renda oriunda da propriedade (à

172 Joseph A. Schumpeter, *Capitalism, Socialism and Democracy*, p. 198.

parte uma pequena quantidade de juros sobre poupanças) e o imposto de renda é aplicado apenas a alguns casos anômalos. Para a grande massa da população ativa, cada indivíduo recebe a renda que se imagina merecer. Não há necessidade de uma organização elaborada para pagar dinheiro com uma das mãos e tirá-lo de volta com a outra.

Quando a propriedade privada dos meios de produção é abolida, toda a renda nacional pertence a toda a população. Os ganhos de um operário não são salários no mesmo sentido que têm sob o capitalismo, mas sim sua cota no grande empreendimento cooperativo. Contudo, como meio de colocar em vigor uma disciplina e fornecer um motivo para o trabalho, um sistema de pagamento indistinguível dos salários mostrou ser indispensável; o socialismo representou uma diferença muito menor para a vida cotidiana de um trabalhador industrial do que os visionários haviam prometido. Para o administrador de uma empresa, a vida *foi* diferente. Em vez de ser chamado a utilizar seu julgamento sobre a maneira de obter lucros para a sua firma, recebeu instruções sob a forma de especificações de produção, custos etc., em função das quais tinha de apresentar o melhor resultado que pudesse.

A mais importante diferença que o socialismo introduziu na economia deu-se no controle dos investimentos. Em vez de serem divididos pelo acaso histórico entre governo, autoridades locais, um certo número de empresas de grande porte em busca de lucros e inumeráveis pequenos negócios com que uma família ganhava a vida, sem uma visão geralmente aceita do que se imaginava destinar-se aquilo, um plano global de investimentos para construir as forças da nação constituía agora a principal preocupação do governo central.

Os planejadores tinham a seu comando grandes recursos naturais inexplorados e grande parte de sua tarefa era organizar a produção das matérias-primas. O plano global exigia um equilíbrio do suprimento de cada tipo de produto animal, vegetal e mineral contra a sua utilização na construção e nas fábricas. Desenvolveu-se um sistema de planificação em função de insumos e produtos e um sistema administrativo para levar a cabo o plano desenvolvido, pela atribuição às empresas de materiais, energia e um fundo de salários para o recrutamento da mão-de-obra. Este sistema foi posto em operação para modernizar e industrializar todo o império herdado dos czares ao ritmo mais rápido possível. Um sistema sem "capital", no sentido de propriedade privada em finanças, mostrou-se altamente bem-sucedido na acumulação do "capital" no sentido de aparelhamento industrial.

Mas houve certas desvantagens sérias no sistema soviético. Em primeiro lugar, a industrialização foi lançada antes da revolução agrícola que, no mundo ocidental, a precedera.



No decorrer da Revolução e da guerra civil em que esta foi estabelecida, os camponeses da Rússia haviam-se apossado das terras e, na Ásia Central, chefes tribais retomaram seus antigos poderes. A renda, que normalmente sugava o excedente agrícola, não estava sendo paga e, enquanto a indústria nada pudesse oferecer para adquirir, os camponeses não tinham motivos para produzir um excedente para venda. Stálin atalhou este impasse criando fazendas coletivas, abastecendo-as com postos de tratores mecânicos que se destinavam a dar impulso à produção, exigindo entregas compulsórias de cereais e outras safras. A brutalidade assassina com que a coletivização foi levada a cabo indispsôs os camponeses e poucos dos administradores enviados para dirigir as fazendas encontraram meios de fazê-las funcionar. (Nas repúblicas asiáticas, onde os chefetes haviam sido submetidos, o novo sistema acarretou uma elevação no padrão de vida superior ao seu miserável nível anterior e, assim, obteve apoio.) O mau desempenho da agricultura constitui um sério retardamento ao desenvolvimento da indústria soviética.

A segunda grande desvantagem do sistema foi que a fé que tornara a revolução possível enrijeceu-se, transformando-se em dogma. O marxismo-leninismo (longe das intenções de seus autores) tornou-se uma religião obscurantista e perseguidora. A física e a engenharia eram importantes demais para serem abafadas, mas questões de biologia, lingüística, psicologia, estética e, acima de tudo, economia e ciência social eram decididas por posição social. A contradição entre a ampla expansão da educação, particularmente nas ciências naturais, e a proibição de uma livre vida intelectual de indagação e crítica criaram uma tensão que ainda não foi solucionada.

Finalmente, achando-se cercado pela hostilidade das nações capitalistas, que tratavam mesmo o fascismo como um mal menor, o governo soviético foi obrigado a atrelar a indústria primariamente à defesa e manter um olho vigilante sobre a dissensão interna. Levar a cabo todo o programa exigiu um forte controle central, o qual se hipertrofiou na tirania de Stálin. As relações de produção foram ajustadas para adaptar-se às forças de produção pelo uso de uma ferramenta dolorosa.

Ao final, Hitler transformou os russos e o Ocidente em aliados, mas, quando a guerra terminou, a velha hostilidade reafirmou-se e começou a era da Guerra Fria.

## 8

### A INDÚSTRIA E O ESTADO

Após a guerra, descobriu-se que o capitalismo havia experimentado uma importante mutação. O *boom* da reconstrução do pós-guerra não foi seguido por uma depressão pós-reconstrução. Durante mais de vinte anos não houve recasso de vulto. Quanto esta nova época durará, ninguém pode dizer, mas já durou o bastante para aparecer como uma fase nova da civilização industrial.

O elemento predominante no mundo capitalista são hoje os EUA, sendo aí que teremos de procurar o mecanismo do novo sistema. Houve dois elementos principais nele, cada um favorecendo o outro. Primeiro, a era do capitalismo pessoal, em que os “barões do roubo” haviam criado imensas fortunas, chegara ao fim (embora algumas áreas para evoluir e negociar ainda permaneçam). Eles foram sucedidos por grandes firmas burocratizadas, adaptadas à aplicação de métodos científicos à tecnologia, à administração e à venda. Segundo, o interesse grandemente aumentado do Estado nos negócios econômicos, que começou na depressão e se desenvolveu com a guerra, continuou no tempo de quase-paz.

As grandes empresas herdaram os objetivos e as atitudes dos capitalistas individuais, mas existem importantes diferenças em seu modo de operação. Uma vez lançadas, não mais dependem, para o financiamento, da poupança individual. Cada uma consiste num fundo que se perpetua e amplia a si próprio, controlado e abastecido por um quadro autoperpetuante de administradores e técnicos.

A tecnoestrutura, como Galbraith a batizou, consiste em “todos aqueles que trazem conhecimento, experiência e talento especializados à tomada de decisões grupal”.<sup>173</sup> Nenhum dos indivíduos tem

173 The New Industrial State, p. 71.

mais poder que um dente de engrenagem numa máquina, mas a testemunha, como um todo, controla um império financeiro de milhões em dinheiro e milhares de vidas.

Existe uma forte propensão na natureza humana — talvez enraizada nos instintos que dão coesão social a um bando de símios — a desenvolver lealdade para com qualquer instituição em que um indivíduo se ache. O capitalismo administrativo exige um alto grau de fidelidade da equipe a uma empresa. O egoísmo, naturalmente, acha-se envolvido, mas o egoísmo puro conduziria a uma grande mobilidade entre os negócios e a revelação dos segredos de um ao outro. A lealdade que envolve o ego do indivíduo com a sua empresa constitui um aspecto essencial do sistema.

Não é assunto de ninguém indagar: “Qual é o objetivo da operação?” Para os empregados de cada empresa, parece natural e óbvio que estejam trabalhando para o sucesso do negócio. Nominalmente, os administradores de uma firma são empregados pelos proprietários desta e os proprietários legais são os cotistas ou acionistas. Mas estes — capitalistas individuais, companhias de seguro etc. — nada têm a dizer quanto à direção do negócio. Encaram seus direitos simplesmente como aplicações, uma forma conveniente de ser proprietário e tirar rendas da propriedade. Os administradores estão continuamente se esforçando para aumentar os lucros através de investimentos que reduzam os custos, de maneira a melhorar seu poder de venda. Isso torna possível que os salários reais se elevem sem reduzir a taxa de lucro. A parte principal desses investimentos é financiada pelos lucros e o poder de lucro do capital assim criado é propriedade de quem quer aconteça estar de posse das ações. Dessa maneira, a posição do acionista é anômala:

“Ele é uma figura passiva e sem função, notável apenas por sua capacidade de partilhar, sem esforço ou mesmo sem risco apreciável, os lucros do crescimento pelo qual a tecnoestrutura mede o seu sucesso. Nenhuma concessão ou privilégio feudal algum dia igualou, quanto a rendimento sem esforço, o do avô que comprou e dotou seus descendentes com um milhar de ações da General Motors ou General Electric. Os beneficiários desta previsão tornaram-se e permanecem ricos sem nenhum exercício de esforço ou inteligência, além da decisão de não fazer nada, adotando, como o fizeram, a decisão de não vender.”<sup>174</sup>

O sistema garante à administração um alto grau de independência dos banqueiros e do governo e por essa razão ela tolera o

174 *Ibid.*, p. 394.

escoadouro dos recursos da firma, que é representado pela necessidade de pagar dividendos suficientes para garantir uma boa posição na bolsa de valores.

O capitalismo das grandes empresas já demonstrou ser idealmente concebido para a aplicação das ciências físicas à produção, e das descobertas da psicologia e da pesquisa social à criação da procura de seus produtos, mas não poderia, por si próprio, administrar a economia nacional.

Há um consumo sempre crescente de produtos industriais pela classe dos fazendeiros, dos pequenos negociantes e dos profissionais liberais, inclusive do pessoal da própria tecnoestrutura, bem como daquela parte da classe operária que se deixou absorver pelo sistema. Este veio a ser conhecido pelo nome de “sociedade de consumo”, mas não representa uma base suficiente para fornecer um escoadouro à massa absoluta de fundos investíveis que o sistema gera. Além disso, a inerente instabilidade de investimento que a economia da iniciativa privada manifestou antes da guerra acha-se agora reunida a uma instabilidade potencial no consumo. (Se todos decidissem continuar com o mesmo carro por mais um ano, a indústria moderna, e não apenas nos Estados Unidos, mergulharia em temível depressão.)

O sistema, contudo, manteve-se a funcionar com flutuações apenas moderadas. Os gastos estatais forneceram um elemento de equilíbrio na procura para preservar a quase-estabilidade e o crescimento contínuo do mercado de bens. A linha mais fácil de despesas para o Estado efetuar destina-se à chamada Defesa.

“Ela proporciona contratos de longa duração; a exigir grandes investimentos de capital em áreas de tecnologia avançada. Não há risco de flutuações de preço, existindo ampla proteção contra qualquer mudança nas exigências, isto é, qualquer mudança na procura. Se um contrato for cancelado, a firma acha-se protegida pelo investimento que efetuou. Para nenhum outro produto pode a tecnoestrutura planejar com tanta certeza e segurança. Dada a inevitabilidade do planejamento, há muita atração nas circunstâncias em que ele pode ser feito tão bem.

“Isso conduz a tecnoestrutura a identificar-se estreitamente com os objetivos das forças armadas e, com não pouca freqüência, com os objetivos específicos da força particular, Exército, Marinha ou Aeronáutica, à qual mais intimamente serve. A associação simples, tal como no caso do indivíduo e da organização, apóia esta tendência. Conseqüentemente, a tecnoestrutura passa a enxergar a mesma premência no desenvolvimento de armamentos; a mesma segurança na preeminência técnica; a mesma exigência de um sis-

tema particular de armamento; as mesmas vantagens numa missão ampliada para, digamos, a Aeronáutica ou a Marinha, que o próprio serviço específico enxerga. Seus membros desenvolvem a mesma dedicação a estes objetivos que os oficiais das forças armadas.”<sup>175</sup>

Pode ter havido conselheiros governamentais de larga visão que tenham visto a corrida armamentista como uma solução do problema da manutenção da estabilidade econômica, mas parece mais plausível supor que a fórmula surgiu da convergência de uma variedade de forças. As autoridades militares e todas as outras autoridades que haviam ascendido a posições de poder e honra durante a guerra relutavam em descer. Um certo número de indústrias importantes sofreria um acentuado declínio se a produção de armamentos caísse; os cientistas que se haviam dedicado à bomba atômica não queriam acreditar que ela era desnecessária; os políticos, os financistas e os industriais temiam que a simpatia pelo povo russo incentivasse internamente o comunismo; amplas massas de trabalhadores brancos, pequenos negociantes, membros da tecnoestrutura e intelectuais ainda sustentavam a fé proposta por Al Capone — “Este nosso sistema americano (...) dá a todos e a cada um uma grande oportunidade, se pudermos agarrá-la com ambas as mãos”<sup>176</sup> — e estavam prontos a agrupar-se em torno de qualquer sugestão de que ele se encontrava em perigo.

Pois, quaisquer que fossem suas causas, a consequência da guerra fria foi fornecer um escoadouro para os gastos do governo, o qual não competia com a iniciativa privada e não saturava a procura pela produção de algo que o público pudesse consumir.

O sistema foi rapidamente identificado:

“Os planejadores do governo imaginam haver encontrado a fórmula mágica para bons tempos quase infundáveis. (...) A guerra fria é a catalisadora. A guerra fria é um manual de instruções de bomba automática. Abre-se uma torneira e o público clama por mais gastos em armamentos. Fecha-se outra e o clamor cessa. A confiança, a petulância de Truman baseiam-se nesta ‘Fórmula Truman’. Diz-se ao presidente que a *era trummaniana dos bons tempos* pode durar até muito além de 1952. As exigências da guerra fria, se integralmente exploradas, são quase ilimitadas”.<sup>177</sup>

O interesse adquirido de todos que, para lucros ou empregos, dependiam da indústria armamentista (inclusive uma grande parte

175 *Ibid.*, pp. 310 s.

176 Ver abaixo, p. 338.

177 Citado do *U. S. News and World Report* em Baran e Sweezy, *Monopoly Capital*, p. 212.

das universidades e institutos de pesquisa) forneceu-lhe um respaldo sólido e a cruzada pela “liberdade” proporcionou-lhe um nobre objetivo.

O sistema já se havia mostrado notavelmente bem-sucedido, não em travar guerras, mas em manter a lucratividade contínua, permitindo assim um crescimento ininterrupto da indústria, que, à maneira de um subproduto, por assim dizer, podia continuamente ampliar a produção e o consumo de bens mercantilizáveis. As relações de produção achavam-se mais bem adaptadas às forças da tecnologia científica do que jamais haviam estado antes. Vivendo na era que chegara ao fim em 1914, Marx supusera ser necessário um tipo de racionalidade em tal adaptação, mas agora era o contrário que acontecia. Os armamentos atômicos, químicos e biológicos, haviam não apenas destruído finalmente a guerra como palco de bravura e honra, mas a haviam tornado perigosa demais para fornecer um meio de engrandecimento nacional. A racionalidade exige que o objetivo primordial da política seja tornar obsoleta a guerra e encontrar meios alternativos de tratar com os problemas que lhe dão origem, mas é precisamente o sucesso econômico do complexo militar-industrial (embora se tenha ultrapassado a si próprio no Vietnã) que coloca o maior obstáculo no caminho de qualquer esforço desse tipo.

Para manter um emprego quase pleno, não é suficiente preservar a estabilidade apenas. É necessário também garantir que o número de empregos que a economia oferece cresça no mesmo ritmo que a população trabalhadora. O progresso técnico está continuamente reduzindo o número de horas requeridas, este ano, para produzir o rendimento do ano passado. Ao mesmo tempo, quando a população está crescendo, uma quantidade dela maior que no ano anterior busca emprego este ano. Impedir o desemprego exige que a procura de mão-de-obra se eleve juntamente com a oferta.

Uma taxa apropriada de aumento do rendimento total, reunida a uma redução das horas de trabalho por ano e a um prolongamento do período de educação, capacita o sistema a digerir a mudança técnica, que é gradual e amplamente difundida através de toda a indústria, embora não pareça muita lógico permitir que o acionista “passivo e sem função” desfrute de uma grande parte dos benefícios. Mas o motivo do lucro não contém nenhum mecanismo destinado a garantir que o progresso técnico assumirá formas digestíveis.

A mecanização da agricultura nos antigos Estados escravagistas dos EUA, combinada com a automação na indústria e a atrofia dos transportes públicos, tornaram uma grande parte da

força de trabalho não especializada redundante para as exigências da indústria lucrativa. A concentração do desemprego conseqüente sobre os negros está criando um problema aterrador.

O capitalismo moderno acha-se bem adaptado para produzir sucessos técnicos fabulosos, mas não para fornecer a base da nobre vida acessível a todos com que Marshall sonhou.

## 9

### O NOVO MERCANTILISMO

O capitalismo com um emprego quase pleno mostrou-se altamente bem-sucedido também na Europa Ocidental. Embora os armamentos fornecessem o volante que mantinha a economia de mercado estável, viu-se o mais espetacular desenvolvimento das nações derrotadas — Alemanha Ocidental e Japão (porque o Japão faz parte hoje do “mundo ocidental” da indústria capitalista) —, que a princípio não receberam permissão para recriar sua indústria militar e assim depuseram todos os seus investimentos e todo o seu orgulho nacional ferido na produção civil. Mesmo na Grã-Bretanha, a praticante menos bem-sucedida do capitalismo moderno, houve uma elevação acentuada no nível de consumo de produtos industriais e a destruição de confortos que acompanham essa elevação.

Um importante subproduto da prosperidade capitalista foi uma grande expansão do sistema de serviços sociais que havia sido pioneiramente implantado na Grã-Bretanha, no começo do século, e grandemente desenvolvido na emulação dos soviéticos. Nela, as exigências da democracia e do sentimento humanitário combinaram-se com o egoísmo esclarecido da comunidade dos negócios. Um cidadão que passe privações constitui uma censura à economia e não possui utilidade para ela, seja como operário para produzir, seja como mercado para absorver os bens que podem ser vendidos; a saúde precária é um desperdício e a instrução pública é necessária para produzir trabalhadores habilitados e os escalões mais baixos da tecnoestrutura. Assim o capitalismo moderno se voltou para o Estado do Bem-Estar.

Esse sistema foi levado mais longe na Suécia, onde se evitou a guerra. As outras nações procuram desculpar-se por se encontrarem atrasadas em relação a ela, espalhando que os suecos se entediam terrivelmente.



Gunnar Myrdal, eminente economista e sociólogo sueco, diz que isso é tolice.<sup>178</sup>

“A Suécia conseguiu criar uma economia em que o desemprego em massa encontra-se desaparecendo do horizonte; existe um serviço público cada vez mais eficiente para auxiliar os indivíduos em perigo de ficarem desempregados numa indústria em atraso, de maneira que mesmo o risco do desemprego excepcional é reduzido. Todos os cidadãos, em caso de doença, têm à sua disposição serviços médicos por um preço apenas nominal; podem esperar por uma pensão de velhice que, em valor estável, montará a dois terços de sua renda em seus quinze melhores anos de vida; padrões de vida decentes são assegurados pelo Estado às crianças, viúvas, inválidos e aos que possuam alguma deficiência; por lei, é proibido despedir uma mulher por razões familiares; as mulheres do serviço público, antes e após o parto, recebem do emprego licença paga e todas são reembolsadas pelas diversas despesas relacionadas ao acontecimento. Todas as escolas são gratuitas e os estudantes e suas famílias também são gradualmente aliviados da necessidade de encontrar um sustento para suas despesas necessárias à vida: esforços estrênuos são feitos para auxiliar as famílias modestas a conseguir uma casa decente para viver, e assim por diante.”<sup>179</sup>

Uma das supostas provas da frustração e tristeza dos suecos são as estatísticas de suicídio, mais altas que as de alguns outros países, principalmente porque o suicídio lá não constitui crime, não sendo noticiado nos jornais, de maneira que as famílias não têm razões para escondê-lo.

“Outra idéia popular no estrangeiro é a predominância do ‘pecado’ na Suécia, com o significado de liberdade sexual. Para começar, um ponto discutível seria como esse tipo de ‘pecado’ daria testemunho de frustração e tristeza.”<sup>180</sup>

Myrdal, que já se acostumou a desempenhar um papel na cena mundial, confessa que ele próprio se entedia bastante numa sociedade em que não existem grandes problemas, mas a maior parte de seus compatriotas parece achá-la bastante satisfatória.

“Indiscutivelmente, a elevação em bem-estar material e segurança para as massas não foi acompanhada pela melhoria acentuada de participação cultural que acreditamos devesse resultar das reformas sociais, na ocasião em que por elas tivemos de lutar.

178 "What is wrong with the welfare state?", em *New York Times Sunday Magazine*, 30 de janeiro de 1966. Uma pequena alteração verbal foi feita na primeira citação.

179 *Ibid.*

180 *Ibid.*

Acreditávamos certamente, por exemplo, que quatro semanas de férias pagas viriam a ser empregadas de modos um tanto diferentes dos que agora podemos observar serem geralmente utilizados. Mas isso foi um equívoco de nossa análise das coisas por vir e de maneira alguma deve ser tomado como demonstrativo de insatisfação ou mal-estar entre o povo. Aparentemente, ele não se entusiasma tanto pela cultura superior como romanticamente acreditávamos, mas acha-se bem feliz com uma cota pequena, porém a elevar-se, dela.”<sup>181</sup>

É possível argumentar que na Suécia a opinião pública democrática dominou os industriais e tornou-os seus servos, enquanto que, nos EUA, o Estado transformou-se em servo dos industriais. Outros países ocidentais encontram-se entre os dois extremos.

Quando o objetivo aceito da política de governo é conservar um emprego quase pleno e o “desenvolvimento econômico”, que satisfaz o respeito próprio nacional e mantém a democracia contente, permitindo à maioria dos cidadãos um nível crescente de consumo, então claramente a diretoria das firmas industriais e os sindicatos fazem parte da administração da economia nacional tanto quanto o serviço público. Ao mesmo tempo, a democracia não possui meios diretos de controlá-los; têm de ser lisonjeados e tem-se de oferecer-lhes incentivos ou ameaçá-los com proibições para conseguir que façam o que os objetivos da política exigem. Cada uma das nações capitalistas fez evoluir um modelo diferente de relações entre o governo, as indústrias e serviços nacionalizados e a iniciativa privada, e um modelo diferente de distribuição dos benefícios entre as classes e setores da economia, de acordo com a força e as pretensões dos interesses envolvidos.<sup>182</sup> Entediante ou não, o Estado do Bem-Estar suavizou muito a rudeza do capitalismo puro e desempenhou grande papel em poupá-lo, até o presente, do apocalipse que Marx previu há cem anos.

Tanto quanto a tecnologia industrial, o segundo ingrediente do alto padrão de vida das nações desenvolvidas é o controle da natalidade. No século XVIII, mesmo mulheres abastadas sofriam como a Sra. Thrale, “sempre a criar e a perder bebês, o que mutila o corpo e o espírito tão terrivelmente”.<sup>183</sup> Os aperfeiçoamentos médicos baixaram a taxa de mortalidade infantil e foram seguidos por uma limitação de nascimentos. Uma longa batalha contra os preconceitos ainda não se acha completamente vitoriosa, mas já obteve êxito suficiente para ocasionar uma modificação revolucionária na vida familiar das sociedades industriais prósperas.

181 *Ibid.*

182 Ver Shonfield, *Modern Capitalism*.

183 Citado de memória de uma carta da *Thraliana*.

A liberdade a que Myrdal se refere constitui uma adaptação dos costumes a uma nova situação técnica, embora a geração jovem, assediada por uma “ressaca” de puritanismo, por um lado, e a vulgarização comercial do sexo, pelo outro, passe um tempo difícil a criar para si uma atitude psicológica aceitável e um código de conduta praticável.

Do ponto de vista da vida privada, a aceitação do controle da natalidade constitui uma grande libertação, embora o declínio nas taxas de natalidade que se seguiu a recentes melhoras técnicas e legais nos métodos demonstre que ainda há um grande número de nascimentos não desejados. Do ponto de vista da economia, o movimento ainda não foi bastante longe. Uma cessação do crescimento da população numa economia de bem-estar de quase pleno emprego tornaria possível uma elevação mais rápida do padrão médio de consumo, com menor destruição das amenidades de espaço, água e ar. Todas as nações industriais capitalistas ainda se acham sofrendo de uma população crescente e os humanitaristas se encontram no cruel dilema de querer resgatar da pobreza todas as crianças que nascem e o medo de incentivar os pais a ter outras.

O Estado do Bem-Estar, tal como as necessidades da “defesa”, promove o nacionalismo. Cada governo se preocupa com seu próprio povo e a política não pode distinguir entre os benefícios a ele concedidos que são absolutos e os que são feitos às expensas de outros povos. Como Myrdal aponta, o Estado Democrático do Bem-Estar nos países ricos do mundo ocidental é essencialmente, por sua própria natureza, protecionista e racionalista.<sup>184</sup>

As grandes diferenças no padrão de vida e no nível de emprego nas diferentes partes do mundo criam uma procura de imigração por parte das economias mais prósperas. Enquanto os imigrantes fizerem os trabalhos mais rudes a salários mais baixos, estarão ajudando a elevar o padrão de vida dos nacionais, mas se se estabelecerem e partilharem dos benefícios do Estado do Bem-Estar, tornar-se-ão uma ameaça para ele. Uma solução ideal (do ponto de vista dos capitalistas nacionais) foi encontrada na Alemanha Ocidental, para onde operários de países mais pobres são trazidos (já formados e sem que se tenha feito despesa com sua criação) quando a indústria se encontra em crescimento rápido, sendo expulsos quando o desemprego ameaça. Nessas situações, pressupõe-se que o interesse do governo é o bem-estar apenas dos nacionais, ofereça ou não o sistema quaisquer vantagens para os estrangeiros.

O egoísmo nacional do capitalismo moderno pode ser claramente percebido na esfera do comércio internacional. O mundo capitalista (exceto numa guerra de maior vulto) é um mercado de comprador. A capacidade produtiva excede a procura. As exportações rendem lucros e as importações (à parte as matérias-primas necessárias) significam uma perda das vendas para competidores. Além disso, os investimentos internos são mais fáceis de fomentar, a inflação é mais fácil de ser evitada e o câmbio estrangeiro é mais fácil de manejar numa situação de balança comercial *favorável*, isto é, de um saldo das exportações sobre as importações. Assim, cada nação compete para atingir um “desenvolvimento visando à exportação”, enquanto tenta defender-se das exportações dos outros. A combinação do quase planejamento nacional com o caos internacional (que os acordos sobre comércio e financiamento feitos após a guerra não conseguiram dominar) inflama-se de tempos em tempos numa crise internacional.

As exigências do Estado preparado para a guerra e do Estado do Bem-Estar harmonizam-se na exportação de armamentos, a qual mantém próspera a indústria nos antigos países imperialistas e permite às inimizades nos países antigamente coloniais, que se situavam ao nível dos arcos, flechas e espingardas de pederneira, irromperem com bombas e tanques.

# 10

## A ABASTANÇA SOCIALISTA

Do lado soviético, grande parte da acumulação de vinte anos teve de ser refeita, devido à destruição causada pela guerra, e, por cima disso, era mais necessário que nunca atrelar a ciência e a indústria à defesa. Estabeleceu-se um segundo período de investimento a todo custo. O acordo *de facto* efetuado ao fim da guerra (e que nunca foi regularizado) dera aos soviéticos uma esfera de influência na Europa central, até a linha Oder-Neisse, e nos Balcãs, à exceção da Grécia; a Tchecoslováquia (talvez a prever um movimento do outro lado) juntou-se em 1947. O sistema russo foi transplantado para todos esses países, inclusive sua tirania e injustiça. A despeito de tudo, o poderoso efeito do desenvolvimento planejado elevou a produção (inclusive de armamentos) em toda a região a um nível tal, que uma política de relaxamento tornou-se possível e as exigências do público por algum benefício provindo de sua labuta e abstinência tornaram-se insistentes.

A era de abundância potencial apanhou os planejadores soviéticos de surpresa. Durante o período de acumulação pesada, era considerado uma “lei do socialismo” que a proporção do investimento anual dedicado à expansão das indústrias de investimento fosse maior que a parte devotada à construção da capacidade em indústrias de bens de consumo. Dessa maneira, a proporção do investimento na renda nacional deveria estar crescendo e a taxa de acumulação, acelerando-se. Tinha-se agora de admitir que isso não constituía uma “lei”, mas sim uma fase do desenvolvimento. Quando a primeira fase da industrialização chega ao fim, a economia pode fixar-se na taxa de crescimento fornecida por uma proporção constante de investimento e esta não precisa ser a proporção mais elevada que foi alcançada no processo de aceleração.

Durante o período de acumulação a acelerar-se, fora desenvolvida pelos planejadores uma espécie de ideologia anticonsumidora. Somente a indústria pesada era tomada a sério. O sistema soviético mostrou ser muito eficiente para produzir *sputniks*, mas muito ineficiente para atender às necessidades diárias da dona de casa. Provações desnecessárias acarretadas pela alta acumulação e por uma economia dominada pela defesa. O método de controlar a indústria através de ordens partidas de cima, amiúde incompatíveis umas com as outras, e o enunciado de planos em função do produto bruto, que incentivavam uma utilização esbanjadora de materiais, bem como um sistema arbitrário de preços, conduziram à ineficiência na produção. O sistema econômico que se mostrara bem-sucedido na aplicação de uma convocação forçada à acumulação estava provando ser um obstáculo ao desfrute de seus frutos. As relações de produção tinham de ser adaptadas à nova situação.

Planos de reforma começaram a ser estudados juntamente com a denúncia de Stálin, em 1956. Após ferver a fogo lento durante dez anos, houve uma nova erupção de crítica e experiência. A luta entre as novas idéias e a autoridade antiga chegou a uma crise com a comoção política na Tchecoslováquia, em 1968. A intervenção soviética representou um retrocesso acentuado na liberalização política e na liberdade de opinião. Resta ser visto como as reformas econômicas poderão funcionar sem o debate e a crítica abertos em que foram concebidas.

Os reformadores estão se lançando por mares inexplorados. Foram influenciados, até certo ponto, pela descrição do capitalismo que é fornecida nos livros didáticos ocidentais, e parecem supor que “o mercado” e a “maximização dos lucros” podem fornecer uma solução para seus problemas. Há certamente uma fase crítica que podem atribuir à própria ineficiência do sistema antigo. Obrigando os administradores das empresas a produzir bens que serão vendidos ao público, em vez de despejar nas lojas uma produção planejada que ninguém deseja, pode haver uma elevação imediata no poder de aquisição real da renda do consumidor. Mas os livros didáticos apenas estudam o emprego de recursos *determinados* para atender a necessidades *determinadas*. Quando os recursos estão crescendo, os consumidores não sabem o que vão querer até que lhes seja oferecido. No Ocidente, particularmente nos EUA, há uma grande quantidade de pesquisa do mercado, mas ela se dedica principalmente a descobrir os métodos mais eficazes de venda e publicidade. Uma indústria avançada que seja genuinamente dedicada a “assegurar a satisfação máxima das exigências materiais e cul-

turais constantemente a crescer de toda a sociedade”<sup>185</sup> é algo que o mundo ainda não viu.

A noção didática de que o objetivo de maximizar os lucros de uma empresa garante a eficiência é também muito superficial. Atualmente, mesmo os livros didáticos admitem que as firmas capitalistas pesam o objetivo do crescimento a longo prazo contra o dos lucros a curto prazo e têm de levar em consideração as boas relações com os operários e a boa reputação junto aos consumidores, ao decidir suas políticas, de maneira que a lucratividade não é um critério simples e inequívoco de sucesso.

Existem vantagens óbvias em dar aos administradores socialistas instruções simplificadas. Quando os preços são racionalizados, uma instrução em função do lucro torna possível atalhar o emaranhamento de “indicadores de plano” anteriormente em funcionamento, mas ainda não é claro, de maneira alguma, como ela funcionará na prática.

O segundo grande problema dos reformadores é conseguir a lealdade dos operários. Na natureza do caso, os reformadores pertencem à tecnoestrutura do socialismo: são instruídos, técnicos e administradores inteligentes, alguns pertencentes ao Partido Comunista e outros não. Acham que é correto e necessário dar à tecnoestrutura independência, autoridade e um padrão de vida razoável. Não podem mais imaginar a revolução como o triunfo dos insultados e prejudicados. (Na Tchecoslováquia, os russos em 1968 levantaram uma poderosa vaga de sentimento nacional contra eles próprios, o que trouxe apoio popular aos reformadores.)

Na Iugoslávia, que escapou das tenazes da ortodoxia stalinista em 1950, a igualdade em cada empresa era dada aos operários nela empregados quando o novo sistema foi introduzido. Eles indicavam os seus próprios administradores e decidiam que parte da renda líquida deveria ser paga como salários, utilizada para confortos ou investida para melhorar a capacidade produtiva. Isso obteve um grande sucesso em imbuir os operários comuns da oficina com aquela espécie de lealdade ao negócio, que é usual nos níveis mais altos da administração, mas muito em breve destroçou o plano global dentro do qual se esperava funcionasse. Os outros reformadores estão tentando encontrar um modo de recrutar as energias e a boa conduta dos trabalhadores por meio do pagamento de incentivos, enquanto mantêm sob controle a administração da eco-

nomia como um todo. Também sob este aspecto, resta ver o que surgirá das reformas na realidade concreta.

Talvez a mais importante realização do sistema soviético seja o desenvolvimento da educação pública, muito à frente de qualquer coisa vista no capitalismo do bem-estar e sendo a abertura da oportunidade ao talento para todos os povos da União. Ela se fez acompanhar por uma estratificação de rendas e status em consonância com o nível educacional exigido para os diversos tipos de trabalho. Durante longo tempo, o requisito para o pessoal instruído da administração, indústria (inclusive armamentos e viagens espaciais) e serviços sociais, inclusive a própria educação, era andar à frente do que o sistema podia proporcionar; recentemente, descobriu-se que a oferta havia alcançado os requisitos, de maneira que começou a haver mais candidatos qualificados do que lugares detentores dos privilégios de que aqueles esperavam desfrutar. No impulso severamente utilitário dado no sentido da produção, o conceito da educação como fim em si próprio se perdera. Foi mesmo sugerida a idéia de limitar-se o acesso à instrução superior, de maneira que houvesse um número suficiente de trabalhadores obrigados a permanecer nas categorias inferiores.<sup>186</sup>

O surgimento de alguns sinais de uma “sociedade de consumo” no mundo soviético conduziu no Ocidente a um debate sobre a convergência dos dois sistemas econômicos. É verdade que do lado capitalista houve um movimento no sentido do planejamento nacional e, do socialista, no sentido do emprego de indicadores de mercado, sendo verdade ainda que empresas a operar com as mesmas técnicas possuem quase que o mesmo tipo de organização interna. Contudo, a maneira pela qual os dois processos de industrialização se realizaram deixou importantes diferenças.

Os problemas que os soviéticos estão encontrando em adaptar seu sistema à abundância potencial são muito diferentes dos problemas que assediam os governos capitalistas modernos, ao tentar controlar a iniciativa privada. O comércio controlado pode ser canhestro e esbanjador, mas problemas de balança de pagamentos não podem surgir quando as importações são mantidas em níveis que as exportações podem pagar. A eliminação da negociação de salários permite que o pleno emprego seja mantido sem o aborrecimento de taxas e preços continuamente crescentes. Mudanças repentinas e assoladoras na procura de mão-de-obra são evitadas pela introdução da automação, não mais rapidamente que as suas

186 Ver Kyril Tidmarsh, *The Times*, 9 de outubro de 1968.



conseqüências podem ser tratadas. A eliminação da propriedade rendeira (embora não haja criado uma sociedade sem classes) impede o dreno sobre o excedente investível e as deformações do modelo de procura, que se devem ao consumo daquilo que nossos fiscais de impostos elegantemente descrevem como “lucros não ganhos”.

Em ambos os lados, a industrialização realizou-se sob a égide dos governos nacionais. A esfera soviética, sob alguns aspectos mais ainda que o capitalismo do bem-estar, é dominada pelo nacionalismo econômico. Os países socialistas europeus acharam difícil cooperar num plano comum de desenvolvimento. O comércio é controlado principalmente por trocas bilaterais, que excluem uma grande quantidade das vantagens potenciais da divisão internacional de trabalho e cada economia encontra-se restrita pelas limitações de sua capacidade de importar. Por outro lado, a esfera de comércio planejado permanece imune às crises recorrentes que assolam o mundo capitalista.

A tese da convergência é utilizada no Ocidente para mitigar o ódio cego ao “comunismo” e, na China, sob o título de “revisionismo”, para acusar os soviéticos de haverem abandonado os princípios do socialismo. Mas, entretentes, a sombra da guerra fria ainda paira sobre a cena. Por um lado, isso permite às autoridades vencer as objeções à continuação da corrida armamentista e, por outro, permite-lhes abafar a discussão livre, por medo que a crítica possa transformar-se em deslealdade.

# 11

## UM OUTRO CAMINHO

Na China, como na Rússia, o socialismo está provando ser o meio de promover a acumulação e instilar a tecnologia científica numa economia pré-industrial, mas lá ele assume uma nova forma. Sob a bandeira do marxismo-leninismo, Mao Tsé-tung imaginou uma revolução que realmente fosse no interesse do povo. Na China, a massa da população era constituída por aldeões empobrecidos. Para beneficiá-los, a primeira tarefa da revolução foi a transformação da agricultura.

Imediatamente após a instalação da República Popular, uma reforma agrária radical (que já fora ensaiada nas regiões ocupadas durante a longa guerra civil) libertou os agricultores da opressão e da insegurança, elevando a grande maioria ao status de camponês médio, ou seja, de uma família com terras suficientes para utilizar sua própria mão-de-obra e ganhar mais ou menos a vida.

Mas uma classe camponesa nesse nível não podia fornecer a base para o moderno desenvolvimento industrial. As propriedades eram minúsculas; as ferramentas e os animais, deficientes, e a técnica, primitiva. Para colocar a espiral em movimento, um excedente tinha de ser transferido para a indústria, que, por sua vez, forneceria os meios de modernizar a agricultura. Ademais, a desesperada aquisitividade do camponês, por tanto tempo a lutar à beira da penúria, não se ajustava aos ideais do socialismo.

Por uma série de medidas graduais, a terra foi coletivizada; por etapas, o camponês deixou de sê-lo nessa condição formal para transformar-se num membro de equipe numa comuna agrícola. (Houve também algumas fazendas estatais, cultivadas por mão-de-obra assalariada.) Também nos métodos de trabalho o camponês mudou seu estilo de vida. O traçado dos campos e a atribuição de

tarefas foram racionalizados; investimentos efetuados em controle de água, criação de animais, eletrificação e, finalmente, mecanização, elevaram o nível de produção por homem, bem como por hectare. (Os comunistas chineses admitem que, no processo, graves erros foram cometidos, mas uma sucessão de oito anos de boas colheitas globais indica que eles foram muito bem corrigidos.)

As relações econômicas do camponês também foram transformadas. A equipe possui, na realidade, a propriedade das terras que lhe foram atribuídas e do gado que adquiriu, bem como um fundo de acumulação e um fundo de bem-estar social constituídos pelos seus ganhos. O arrendamento e a usura não mais existem.

A renda derivada do produto da equipe, *in natura* e em dinheiro, é distribuída de acordo com os pontos de trabalho que cada indivíduo tem registrados a seu crédito. A produção ainda se destina principalmente à auto-subsistência. Para dizê-lo rudemente, se 80% da força de trabalho se acham empenhados na agricultura, eles necessitam desfazer-se apenas de 20% de seu produto líquido para alimentar o resto da população no mesmo nível que eles próprios. (Antigamente, as cobranças do proprietário da terra amiúde tomavam 50% do produto bruto.) O excedente é comprado a preços fixos (à parte um imposto territorial baseado na produção nacional, o qual está deixando de ser importante à medida que as produções reais se elevam). Cada equipe concorda com as autoridades compradoras sobre as quantidades a serem vendidas cada ano. Os acordos se destinam a deixar o bastante para a equipe alimentar-se, de maneira que o excedente é tirado onde as produções são mais elevadas. Para fazer a população rural gostar de ganhar dinheiro, suprimentos de bens de consumo são-lhe postos à disposição, para comprar.

Finalmente, também em atitude mental o camponês está deixando de sê-lo. A geração jovem, que cresceu pensando no trabalho coletivo e na propriedade coletiva dos meios de produção como coisa normal, está perdendo o interesse nas leiras particulares, que eram permitidas como uma concessão aos antigos métodos, e interessa-se principalmente em aprender novas técnicas e adquirir novos aparelhamentos. O âmbito de ocupações no campo está-se alargando de ano para ano, à medida que a mecanização aumenta, e cada vez mais pequenas indústrias são instaladas nas comunas. A educação e o debate político colocam o aldeão a par da situação da vida nacional.

Dadas a segurança econômica completa, não importa a que simples nível, e as perspectivas convincentes de futura melhoria, o ex-campônio pode responder ao apelo da Revolução Cultural, combater o egoísmo e abster-se dos privilégios.

Por motivos evidentes, o desenvolvimento da indústria não

pode ser muito diferente do soviético, embora as relações humanas na fábrica sejam muito mais democráticas na China e os chineses pareçam ter despertado um entusiasmo ainda maior que o iugoslavo pela produção e o progresso técnico, sem apelar para os incentivos monetários.

Os planificadores chineses, desde o início, deram ao consumidor o tipo de consideração que agora está entrando em moda na União Soviética. Evitaram emaranhar-se na rigidez centralizada através de um artifício muito simples, que foi controlar a produção e o varejo desde o estúdio atacadista.

Nas cidades costeiras, um certo número de capitalistas nacionais (principalmente de têxteis) desenvolveu-se sob a proteção das concessões estrangeiras. Quando as cidades foram libertadas, esses negócios foram incentivados a continuar com a produção; foram supridos de materiais e sua produção foi adquirida a preços fixos. O método se estendeu à maior parte da indústria leve, quando esta foi absorvida pelo sistema socialista. Um departamento do Ministério do Comércio Interno arranja contratos entre as empresas dos diferentes estúdios de produção (digamos, fornecimentos de um fiandeiro a um tecelão) e entre o produtor final e as lojas varejistas. O contrato regula a mescla do produto, o desenho, as datas de entrega e os preços. O varejista transmite a procura do mercado ao departamento, que modifica consonantemente os contratos para o próximo período. Desta maneira, as exigências do consumidor dirigem o fornecimento, em vez de acontecer o inverso. É verdade que o consumo de massa na China encontra-se ainda num nível muito simples, mas não parece haver razão para que esse sistema não funcione com sucesso, à medida que cresça. Um sistema de contratos com as comunas circunvizinhas garante o suprimento de carne, frutas e vegetais às cidades e aldeias.

A mais original e notável das concepções de Mao refere-se à relação da administração e das profissões com os trabalhadores comuns. Mao observou na Rússia que o status tornara-se a base dos privilégios quando a propriedade foi abolida e que, através da educação privilegiada, pode tornar-se hereditário e formar uma base para classes. Um Partido Comunista organizado segundo a tradição stalinista cria um abismo entre os dirigentes e os dirigidos. Além disso, na China, uma tradição milenar exaltava a erudição e desprezava o trabalho manual. As raízes das classes, na administração e nas profissões, permaneciam no solo após a propriedade ter sido erradicada, e em breve brotariam novamente.

O impulso à educação política baseada nos Pensamentos de Mao Tsé-tung destina-se a extirpar as raízes do privilégio, tornar honroso

o trabalho, nivelar as desigualdades e estabelecer o direito do povo a criticar o partido e a administração em cada ramo de atividade.

A igualdade no consumo não pode ser estabelecida num país pobre. Se não existem sapatos de couro suficientes para que todos possuam um par, alguns usarão couro e outros, pano. Há grandes diferenças em ganhos entre as comunas ricas e as pobres, e mesmo entre uma equipe bem-sucedida e outra atrasada, numa mesma comuna. O objetivo é aproximar-se da igualdade elevando os padrões a partir de baixo. Entrementes, todos devem trabalhar para aprender o que é o trabalho; a educação não se destina a proporcionar um nicho confortável para o indivíduo, mas sim a capacitá-lo a "servir o povo" de alguma maneira específica; cada um deve aprender a valorizar-se pelo que dá à sociedade, não pelo que dela tira. Assim, o socialismo chinês visa a solucionar o dilema em que os reformistas tchecos ingressaram, entre a democracia e os incentivos individuais, através de um apelo moral.

Nisso, a história passada constituiu um apoio indispensável. Durante três mil anos, o lento movimento da população, em que as classes nunca se basearam em "raça", havia-as mergulhado a todas na civilização chinesa e esta se baseava no conceito da conduta correta. ("Podemos ser pobres, mas sabemos distinguir o certo do errado.") É muito mais fácil alterar o conteúdo da conduta correta de pessoas educadas em tal visão da vida do que introduzir o próprio conceito em povos embebidos de cinismo e competição apropriativa.

O socialismo chinês é algo de novo no mundo. Os reformistas tchecos alegaram haver criado o socialismo com uma face humana; os chineses embrenharam-se pelo curso mais ambicioso de criar o desenvolvimento econômico com um senso humano de valores. Ainda se encontram sob o brilho de uma revolução bem-sucedida e sustentados por lembranças recentes da miséria e da corrupção de que emergiram. Outros vinte anos mostrarão se a humanidade é ou não capaz de realizar tal programa.

# 12

## O TERCEIRO MUNDO

Colônias, no sentido original da expressão, são famílias oriundas da metrópole que se estabelecem além-mar, lá se enraizando. Nos domínios imperiais, uma população nativa ou importada é governada por administradores e aberta à penetração por negociantes e missionários que não se tornam residentes permanentes. (Segundo a usança britânica, as colônias foram chamadas de domínios, e estes, de colônias.)

As regiões de colonização britânica e francesa no Novo Mundo, inclusive os EUA, ingressaram na corrente dominante do desenvolvimento capitalista. (As colônias brancas na África constituem um caso especial e anômalo.) Os colonos da Espanha e de Portugal na América Latina desenvolveram o capitalismo com menos sucesso e suas nações se acham agora classificadas, com os Estados sucessores dos impérios britânico, francês e holandês, como economias subdesenvolvidas. (Só os portugueses na África ainda tentam manter possessões imperiais no velho estilo.)

O conceito de “subdesenvolvimento” surge do contraste com as economias “desenvolvidas”, que são um fenômeno recente e localizado. A característica econômica básica do subdesenvolvimento, que foi o estado normal do mundo em todas as partes e em todas as épocas até agora, é um baixo nível de rendimento *per capita* dos produtos alimentícios (baixo em comparação com o que é hoje possível), de maneira que a produção da população que pode viver com o excedente agrícola é muito pequena. A essência do “desenvolvimento” é a aplicação da energia à produção e ao transporte, o que eleva o rendimento por hora da mão-de-obra além do que a força muscular humana (auxiliada por uma certa força muscular animal) pode conseguir. Dessa maneira, um programa de desen-

volvimento envolve um programa de industrialização, necessária tanto para aumentar a produção agrícola quanto para a mineração e as indústrias.

O esforço de desenvolvimento está sendo feito sob uma grande variedade de regimes: ditaduras pessoais, algumas benevolentes, outras da máxima brutalidade; juntas militares; dinastias reais; democracias parlamentares, a datar do século XIX ou apressadamente inventadas para tomar o lugar de uma potência imperialista abdicante.

O papel dos EUA no mundo de hoje acha-se resumido numa velha piada soviética: “Qual é o maior problema com que se defronta o presidente dos EUA? — É possível ter o capitalismo apenas num só país”.<sup>187</sup> Todo movimento nacionalista ou partido político reformista do terceiro mundo é rotulado de “comunista” e mantido fora do poder, pela força, se necessário, de maneira que esses regimes (com uma ou duas precárias exceções), de boa vontade ou relutantemente, mantêm suas economias abertas ao comércio e ao investimento para a conveniência dos negócios capitalistas e, em muitos casos, colocam seu território e suas forças à disposição da estratégia americana. A revolução cubana conseguiu dela escapar e foi obrigada a lançar-se em busca do apoio soviético. A hipótese de que a liderança de qualquer tipo de revolta contra a opressão tem de ser “comunista” em seu âmago torna-se assim autodemonstrável.

A obrigação de permanecer dentro das regras do jogo do mercado mundial coloca um certo número de obstáculos no caminho do desenvolvimento. A primeira exigência deste é mobilizar um excedente investível. É contra as regras expropriar os proprietários de terras e utilizar a renda. Os lucros da indústria nacional são grandemente consumidos no sustento de um padrão de vida de classe média. Uma grande parte dos lucros gerados pela exploração dos recursos naturais desses países vai para as firmas estrangeiras que efetuaram investimentos destinados a criar suprimentos de matéria-prima para seus mercados internos, antes que os capitalistas nacionais despertassem para o empreendimento; uma grande parte, também, dos lucros gerados pela indústria, comércio e finanças, cabe em direito às firmas estrangeiras.<sup>188</sup> Para suplementar sua poupança inadequada provinda de fontes internas, muitos desses países estão recebendo subsídios e empréstimos a título de “ajuda”. Em certos casos muito especiais, isso obteve sucesso em

187 Alusão à doutrina stalinista do “socialismo num só país”. (N. do T.)

188 Ver H. W. Singer, “The distribution of gains between investing and borrowing countries”, em *American Economic Review* (Trabalhos e Atas), maio de 1950: reimpresso em *International Development: Growth and Change*.

promover suficientemente o capitalismo nacional para que pudesse cuidar de si próprio; na maioria, porém, conduz a uma dependência que inibe mais o crescimento do que o promove; além disso, as despesas com os empréstimos sobem de ano para ano; uma parte cada vez maior da ajuda corrente é utilizada para pagar a ajuda já recebida.

O segundo problema do desenvolvimento é dirigir o investimento de qualquer excedente disponível para os canais que melhor promovam o crescimento continuado.

“A agricultura é a base.” O primeiro passo para fugir a uma pobreza milenar é elevar o rendimento *per capita* dos produtos alimentícios. A ausência de uma reforma agrária eficiente é inimiga do desenvolvimento, não apenas por permitir que o excedente representado pela renda seja consumido na ociosidade, mas porque impede o aumento potencial de rendimento, ao deixar a terra subutilizada e com técnicas antiquadas; desincentiva o agricultor e amiúde o mantém num nível tão baixo, que ele não pode fornecer muita energia ao trabalho, mesmo que tenha incentivo para fazê-lo, e impede a mobilização da mão-de-obra das horas de lazer, que se mostrou tão eficaz na China.<sup>189</sup>

No México, e recentemente na Índia, houve um importante desenvolvimento da agricultura capitalista, que está produzindo um excedente e contribuindo para o crescimento; ao mesmo tempo, cria um formidável problema social e político, porque a massa da classe camponesa poucos benefícios obtém dela.

O investimento industrial, sob as regras do jogo, é efetuado onde existe um mercado em vista, principalmente para a venda de bens de consumo à população urbana. A extensão em que ele foi tomado por firmas estrangeiras deu origem à expressão “cocacolonização”, mas houve também um certo desenvolvimento do capitalismo nacional neste campo, sob proteção de um tipo ou outro. Os investimentos que poupam as importações põem a espiral do desenvolvimento a subir até um certo ponto. O corte nas importações economiza os ganhos efetuados com as exportações ou ajudas de desenvolvimento; novos investimentos em poupanças de importações aumentam os recursos para investimento, e assim vai. Mas este processo chega a um beco sem saída quando um certo número de indústrias ineficientes de pequena escala estabelece-se em cada país e todos os lucros de exportação disponíveis são exigidos para pagar os materiais e partes componentes que as mantêm em funcionamento.

Aumentar as exportações é a grande aspiração. Muitos dos

189 Cf. Myrdal, *Asian Drama*, cap. XXII.



produtos animais, minerais e vegetais desenvolvidos sob o imperialismo fornecem hoje uma fonte útil de lucros de exportação às nações que acabaram de independentizar-se. Mesmo quando uma grande parte dos lucros vai para o exterior, ainda há um benefício, porque as receitas de exportação cobrem também os salários e os lucros retidos. Mas também aqui existem limites estreitos às possibilidades de crescimento. Quando a produção dessas mercadorias estava sendo desenvolvida, guiava-se pelas perspectivas do mercado nos países industriais. Houve ocasionais cálculos errados e também a devastadora depressão da década de 30, mas, de modo geral, a oferta achava-se adaptada à procura, de maneira a manter a lucratividade. Atualmente, as economias nacionais que as herdaram acham-se ávidas por aumentar seus lucros de exportação, onde quer que possam, de maneira que há uma pressão constante para produzir, com países e continentes competindo entre si para conseguir uma parte dos lucros. É da natureza desses mercados serem inelásticos, ou seja, um aumento nos fornecimentos oferecidos faz o preço baixar mais que proporcionalmente, de maneira que o resultado é uma tendência crônica a criar um mercado de comprador. Visto que isso não é, de maneira alguma, inconveniente para os compradores — as indústrias das nações desenvolvidas —, os vendedores encontram muito pouca simpatia por seus apelos de ajuda para remediar a situação.

As exportações de produtos industrializados são a esperança seguinte. Com baixos coeficientes salariais, podem ser competitivas em têxteis e outras linhas de produção de mão-de-obra intensiva. Quando os britânicos vendiam a preço mais baixo que os produtores artesanais, acreditavam muito no comércio livre, mas, atualmente, as nações desenvolvidas não querem que se venda por preço mais baixo que o das *suas* indústrias, e os mercados abertos às nações em possível desenvolvimento são estreitamente limitados. Mesmo o processamento de suas próprias matérias-primas é mantido sob controle pelos acordos tarifários, que protegem as indústrias de processamento que se desenvolveram nos países imperialistas, com base em matérias-primas coloniais.<sup>190</sup>

As grandes empresas internacionais que atuam como compradoras de produtos primários ou estabelecem firmas industriais nos territórios das antigas nações coloniais contribuem muito para a sua economia. Trazem consigo técnicas adiantadas de mercantilização e produção, treinam a mão-de-obra e os níveis subsidiários

190 Cf. Singer, *loc. cit.*

da tecnoestrutura e sustentam o crescimento de negócios locais que são ancilares dos seus. Mas a espiral do desenvolvimento não pode ser colocada em movimento desta maneira. O excedente é em grande parte transferido para fora do país sob a forma de lucros. Quando há um reinvestimento para a expansão do negócio local, ele efetua uma contribuição ao desenvolvimento, mas um alto preço tem de ser pago por esta. O novo capital criado no lugar é propriedade legal da companhia estrangeira e tem de render dividendos aos acionistas estrangeiros.

As companhias internacionais, de modo perfeitamente correto segundo seu ponto de vista, distribuem seus investimentos pelo mundo e manipulam o fluxo de produção de um centro para outro, a fim de atender às exigências de sua própria lucratividade, e não para promover a viabilidade ou crescimento de economias nacionais determinadas. Além disso, exercem uma forte influência, através das políticas dos EUA e das ex-potências imperialistas, bem como através dos interesses dos capitalistas nacionais e seus aliados, para impedir o governo local de obter controle sobre a administração de sua economia através de impostos, tarifas e outros artifícios e (acima de tudo) da nacionalização, de maneira a manter o país aberto ao funcionamento da iniciativa privada. Este sistema foi caracterizado como neocolonialismo, por privar os novos governos nacionais da independência que lhes foi garantida no papel, ao serem criados.

A “ajuda”, indubitavelmente (de modo particular a assistência técnica), fez algo em determinados países para promover o crescimento econômico e certamente contribuiu para manter regimes que doutra maneira haveriam soçobrado. Mas se fez acompanhar pela enorme antiajuda da promoção de forças de “defesa”. A esquisita idéia de armar o Paquistão como um anteparo contra a União Soviética impôs aos indianos (que sabem para que destino as armas se dirigiam) um pesado ônus em gastos militares. Quando a China foi promovida à categoria de principal inimiga do mundo livre, a posição foi invertida, e o Paquistão viu-se obrigado a expandir seu esforço militar para igualar-se aos armamentos que estavam sendo fornecidos à Índia. A União Soviética também juntou-se ao jogo, voltando o cinismo das potências capitalistas “amantes da paz” contra elas próprias.

Apesar de tudo, há desenvolvimento no mundo. Em quase todas as partes a renda nacional estatística está se elevando de ano para ano. O benefício, contudo, é muito rapidamente anulado pelo crescimento da população. Uma rápida taxa de crescimento já ocorria em muitos países (particularmente no subcontinente indiano) durante o período colonial e a assistência médica (erradicando

a malária, por exemplo) aumentou essa taxa após a guerra. A despeito de algumas melhoras em nutrição e emprego, o número absoluto de crianças que crescem famintas e analfabetas aumenta de ano para ano, e muitos países parecem estar atingindo o ponto em que a renda média *per capita* deixa de elevar-se e começa a cair.<sup>191</sup>

Marx muito corretamente criticou a argumentação de Malthus como ilógica e reacionária. Infelizmente, tirou disso a conclusão de que uma população crescente não constitui uma ameaça ao bem-estar. Na União Soviética, a enorme área com recursos naturais a serem desenvolvidos e as grandes perdas sofridas durante a guerra tornaram o crescimento da população objeto da política. Combinado com o ensinamento de Marx, tornou-se dogma o planejamento familiar ser contrário ao socialismo. Contudo, o aborto médico foi fornecido como um serviço social (exceto durante certo tempo, sob Stálin). Tanto na União Soviética como nas democracias populares a taxa urbana de natalidade caiu muito.

As autoridades chinesas a princípio seguiram o ensinamento ortodoxo, mas (embora sempre repudiando Malthus) efetuaram durante alguns anos uma campanha em prol do casamento tardio e de pequenas famílias. Sua rede de serviços sanitários e o contato íntimo da administração com cada aldeia e cada aléia tornam possível à informação e à propaganda penetrarem por todo o país com muita rapidez.

Na Índia e no Paquistão, o planejamento familiar constitui hoje política oficial, mas não é fácil levá-lo ao povo. Na África e na América Latina, o sentimento nacional dá origem à desconfiança de uma doutrina que é pregada por brancos e ianques e a implicação de alguns dos argumentos utilizados — como, afinal de contas, ter sido uma pena haver erradicado doenças como a malária — exacerba naturalmente essa desconfiança.

Após vinte anos perdidos, a despeito da aliança das ortodoxias marxista e católica, a opinião mundial articulada acha-se hoje muito geralmente a favor de fazer-se todo o possível para reduzir as taxas de natalidade. Melhoras técnicas em anticoncepcionais acham-se a caminho, mas mesmo quando o método perfeito, à prova de falhas e inofensivo, for encontrado, não será fácil colocá-lo em uso universal. E mesmo que a taxa de natalidade em todo o mundo possa ser acentuadamente diminuída num futuro próximo, a composição etária da população que já conseguiu nascer impedirá o número total de adultos de deixar de crescer e reproduzir-se por longo

191 Myrdal, *op. cit.*, cap. XXVII.

tempo. Será necessário ainda um esforço máximo do desenvolvimento econômico para ocasionar uma elevação apreciável no padrão de vida.

A experiência chinesa mostrou o que o desenvolvimento exige: empenhar toda a população com boa vontade no esforço econômico e organizar o emprego de maneira que todos possam contribuir; aumentar a produtividade na agricultura, de modo que dela possa ser extraído um excedente sem necessidade de utilizar métodos brutais; controlar a desigualdade de maneira a não desperdiçar recursos no consumo desnecessário, nem solapar o moral pela geração da inveja; elevar o nível geral de saúde e instituir o controle da natalidade; construir a base da indústria pesada de maneira a poder modernizar a produção tão rápido quanto possível e, no meio tempo, incentivar os artesanatos a mecanizar-se por meio de “técnicas intermediárias”;<sup>192</sup> difundir a educação e desenvolver a autoconfiança (em todos os níveis, do arrozal ao laboratório atômico), aplicando o método científico do experimento em todas as atividades.

Resta ser visto se alguma outra prescrição mostrar-se-á bem-sucedida.

Entrementes, a China, como a Rússia e o Japão, ilustram também a enorme inércia da história. Os revolucionários de todo o mundo buscam inspiração nos Pensamentos de Mao Tsé-tung, mas estes não proporcionarão nenhuma fórmula já pronta para a aplicação à grande variedade de situações específicas que a história e a geografia para aqueles criaram.

192 Cf. E. F. Schumacher: “Intermediate Technology — A new approach to foreign aid”, em *Advance*, 2 de abril de 1967 (Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade de Manchester).

# 13

## FALSOS PROFETAS

Considerando esta cena ameaçadora, os apologistas do capitalismo moderno perderam sua autoconfiança. Não podem encontrar nada melhor a oferecer do que a doutrina do mal menor. “Defender o mau contra o pior”<sup>193</sup> não constitui inspiração para a juventude generosa. A revolta da geração a crescer em meados do século XX é em grande parte uma rejeição da escala de valores que se acha corporificada pela ortodoxia aceita.

Essa ortodoxia acha-se muito pesadamente impregnada pelos ensinamentos dos economistas que, em combinação com o patriotismo, tornam o “crescimento da renda nacional” o objetivo da política e o critério do sucesso. As estatísticas do total global da renda nacional não concedem atenção à distribuição do consumo entre as famílias ou à composição do fluxo de mercadorias e serviços que ele mede. A composição da produção é muito grandemente determinada pelo que é lucrativo às firmas vender. No auge da ortodoxia econômica, isso foi apresentado como o maior mérito do sistema: o lucro depende do atendimento da procura e esta expressa a livre escolha do consumidor quanto à disposição de seu poder de compra. (O poder de compra, admitidamente, não é distribuído de acordo com as necessidades, mas, de alguma maneira, não se permitiu que isso estragasse o argumento.)

A economia foi descrita como o estudo do comportamento humano, como uma relação entre fins e meios escassos, que possuem usos alternativos. A ortodoxia baseada nesta concepção aluiu de

193 Esta frase de C. Day Lewis (“Where are the war poets?”) refere-se à defesa do Império Britânico contra o fascismo. Em muitos países atualmente, dos quais a Grécia constitui o último exemplo, o problema é antes defender o pior contra o menos ruim.

maneira espetacular na grande depressão, quando a perseguição do lucro falhou em fazer uso de uma grande parte dos recursos para algum fim, por qualquer que fosse.

Diz-se às vezes que Keynes salvou o sistema capitalista ao convencer os governos que eles tinham o poder e o dever de conservar um emprego quase pleno. Seja como for, certamente salvou a economia. Sem ele, a economia, no mundo de fala inglesa, teria sido completamente desacreditada e a política tornar-se-ia o domínio dos excêntricos e empíricos.

Contudo, até certo ponto digno de nota, os ensinamentos resvalaram de volta para os velhos sulcos. É verdade que a doutrina de que o que é lucrativo é melhor foi bastante modificada pela política social no Estado do Bem-Estar. Admite-se agora que o investimento em hospitais e escolas atenda a uma necessidade mais importante que o investimento em fábricas de automóveis, e há uma grande quantidade de debates sobre os problemas de fazer funcionar uma economia de quase pleno emprego, da administração do sistema monetário nacional, e assim por diante.

Mas os ensinamentos centrais da economia acadêmica alteraram-se muito pouco. Certamente há uma grande discussão dos problemas de funcionamento de uma economia de quase pleno emprego, da administração do sistema monetário nacional etc., mas o cerne da teoria ainda é a exposição do funcionamento de um mercado perfeitamente competitivo, que garante a distribuição ótima dos recursos dados entre usos alternativos. As doutrinas econômicas vulgarizadas que ingressam na corrente da opinião pública ainda proclamam o funcionamento beneficente do jogo desimpedido do motivo do lucro.

A noção de que a busca do auto-interesse individual produz o maior benefício para a sociedade como um todo entrou em moda com a própria economia moderna. A *Indagação da Natureza e das Causas da Riqueza das Nações*, de Adam Smith, deu o tom. Entre os animais, o indivíduo pode prover-se a si próprio:

“Mas o homem tem ocasiões quase constantes para buscar a ajuda de seus irmãos, sendo vão para ele esperá-la de sua benevolência apenas. Terá mais probabilidades de predominar se puder interessar o egoísmo deles em seu favor e de mostrar-lhes ser de sua própria vantagem fazerem por ele o que lhes pede. (...) Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos o nosso jantar, mas de sua consideração pelos seus próprios interesses.”

O argumento da *Riqueza das Nações* ainda proporciona a base para a racionalização de uma versão exagerada das doutrinas do

*laissez-faire*. Para Adam Smith, o *laissez-faire* constituía um programa. Vivendo num sistema em que a autoridade tentava controlar a vida econômica de acordo com a visão do interesse nacional e da ordem correta da sociedade, as quais via achar-se fora de linha com as crescentes “forças de produção” de sua época, advogou a remoção das restrições ao livre jogo do mercado e predisse que o apoio no motivo do lucro conduziria a um grande aumento no excedente econômico. Para ele, a riqueza das nações não incluía o padrão de vida dos trabalhadores; os salários constituíam uma das partes dos custos de produção, tal como a forragem do gado.

Os economistas do século XIX admitiram que os salários fizessem parte da renda nacional, mas não consideraram suficientemente que mudança radical de ênfase isso exigia. Wicksell, em verdade, na introdução às suas *Lectures*, declarava:

“Assim que começamos a considerar seriamente os fenômenos econômicos *como um todo* e a procurar as condições do bem-estar do todo, tem de surgir a consideração pelos interesses do proletariado; daí à proclamação de direitos *iguais* para todos vai apenas um curto passo.

“O próprio conceito de economia política, portanto, ou a existência de uma ciência com tal nome, implica, estritamente falando, um programa completamente revolucionário”.

Mas o seu próprio tratamento da teoria econômica nada fez para solapar a pressuposição de que a lucratividade é o guia adequado para a produção.

Também Marshall não pode aceitar a cruel amoralidade do *laissez-faire* puro, mas tranqüilizou sua consciência com a necessidade de “as mais fortes, e não meramente as mais elevadas forças da natureza humana”, serem utilizadas para o bem social, ou seja, no momento decisivo, endossou a opinião de que o auto-interesse e o dever público coincidiam.

Há uma falácia óbvia nesta doutrina. Se a busca do lucro for o critério do comportamento correto, não haverá maneira de distinguir entre atividade produtiva e o roubo. Claud Cockburn relata como decorreu sua entrevista com o “assassino milionário” Al Capone. Quando Cockburn efetuou uma observação compassiva sobre as duras condições da infância nas favelas de Brooklin, Al Capone ficou perturbado.

“‘Ouça’, disse ele, ‘não fique com a idéia de que sou um desses malditos radicais. Não fique com a idéia de que estou atacando o sistema americano. O sistema americano...’ Como se um presidente invisível lhe houvesse pedido algumas palavras, irrompeu ele num discurso sobre o tema. Elogiou a liberdade, a iniciativa e os pio-

neiros. Falou de 'nossa herança'. Referiu-se com repugnância desdenhosa ao socialismo e ao anarquismo. 'Os meus negócios', repetiu diversas vezes, 'são dirigidos em linhas estritamente americanas e vão continuar assim...'

"'Esse nosso sistema americano' gritou, 'chamem-no americanismo, chamem-no capitalismo, chamem-no do que quiserem, dá a cada um e a todos nós uma grande oportunidade, se pudermos agarrá-la com as duas mãos e tirarmos dela o máximo.'"<sup>194</sup>

Traçar uma linha arbitrária pela lei e impô-la pela força é tão dispendioso quanto ineficaz. O sistema do *laissez-faire*, que foi bom para a acumulação a todo custo, não fornece nenhuma orientação para o desfrute dos frutos; na verdade, seu culto do auto-interesse e da competição criou a multidão solitária dos perseguidores de status alterodirigidos, que os cientistas sociais acreditam achar-se longe de ser satisfatória.

Quando Keynes pela primeira vez compreendeu as possibilidades da acumulação contínua, imaginou que ("presumindo a ausência de quaisquer guerras importantes e de qualquer aumento importante na população") o problema econômico poderia finalmente ser solucionado.

"Ora, é verdade que as necessidades dos seres humanos podem parecer insaciáveis, mas elas incidem em duas classes: as necessidades que são absolutas, no sentido de as sentirmos seja qual for a situação de nossos semelhantes, e as que são relativas, no sentido de que só as sentimos se sua satisfação nos eleva e faz-nos sentir superiores a eles. As necessidades da segunda classe, ou seja, as que satisfazem o desejo de superioridade, podem verdadeiramente ser insaciáveis, porque, quanto mais elevado o nível geral, mais elevadas ainda são elas. Mas isso não é tão verdadeiro quanto às necessidades absolutas: cedo, um ponto pode ser atingido, muito mais cedo talvez do que todos nós nos demos conta, em que essas necessidades são satisfeitas no sentido de que preferimos dedicar nossas outras energias a propósitos não econômicos.

"Vejo-os livres, assim, para retornar a alguns dos mais seguros e certos princípios da religião e da virtude tradicional, ou seja, que a avareza é um vício, que a exação do agiota é uma má ação e que o amor ao dinheiro é detestável, que caminham mais verdadeiramente nas sendas da virtude e da sabedoria sadia aqueles que menos pensam sobre o amanhã. Mais uma vez valorizaremos os fins de preferência aos meios e preferiremos o bom ao útil. Hon-

194 Cockburn, Claud, pp. 118 s. (Penguin Edition).



raremos aqueles que nos podem ensinar a colher a hora e o dia virtuosamente e bem; as pessoas encantadoras que são capazes de extrair uma fruição direta das coisas; os lírios do campo, que não trabalham nem fiam.”<sup>195</sup>

A despeito de ambas as guerras e do crescimento populacional, o capitalismo, com um emprego quase pleno, conseguiu produzir um nível de consumo *per capita* com o qual nem se sonhou em épocas anteriores, mas a mudança em nosso senso de valores defendida por Keynes não se acha à mostra. Pelo contrário, as considerações comerciais engolem cada vez mais a vida social, de maneira que aqueles que desejam pedir, digamos, melhoras nos serviços sanitários acham mais político apontar para a queda de produção devida à doença, e aqueles que se preocupam com a educação avaliam seus benefícios em função dos salários do pessoal habilitado.

Na Europa, o sistema comercial desenvolveu-se dentro da estrutura de uma aristocracia. De certo ponto de vista, a noção de status baseada na riqueza adquirida, não herdada, era democrática: constituía um protesto contra o “nascimento”. Transplantada para os EUA, sem o invólucro das tradições aristocráticas, cresceu e floresceu vigorosamente; agora volta a reinar não apenas na Europa Ocidental, mas também no capitalismo nacional que se desenvolveu ao abrigo dos imóveis europeus, de maneira que a “liberdade” veio a ser identificada com a liberdade de ganhar dinheiro. (Mas nos próprios EUA, a caricatura de aristocracia instalada nos Estados escravocratas deixou um legado melindroso.)

195 Keynes, “Economic possibilities for our grandchildren”, *Essays in Persuasion*, pp. 358 ss.

# 14

## CIÊNCIA E MORALIDADE

A curiosidade intelectual sempre crescente do homem moderno torna a própria humanidade um objeto de estudo. A ciência moderna, que começou com aquilo que se acha mais afastado de nós, a astronomia, procura agora representar os mecanismos da personalidade individual e descobrir as leis que dirigem o comportamento social. O grande prestígio das ciências naturais e da espetacular tecnologia nelas fundada conduz à esperança de que, se o método científico puder ser aplicado ao estudo da sociedade, poderemos esperar encontrar uma solução para os temíveis problemas que pairam hoje sobre a nossa vida.

Ainda não existe muita razão para se esperar que um programa tão grandioso possa ser realizado. Os métodos a que as ciências naturais devem seu êxito, ou seja, o experimento controlado e a observação exata de fenômenos continuamente recorrentes, não podem ser aplicados ao estudo dos seres humanos por outros seres humanos. Até agora, nenhum método igualmente bem-sucedido de estabelecer leis naturais dignas de confiança foi sugerido.

Certamente, as ciências sociais devem ser científicas. Seus praticantes não devem saltar a conclusões baseados em provas inadequadas ou propor afirmações circulares que são verdadeiras por definição, como se possuíssem algum conteúdo concreto; quando discordam, não deveriam apelar para o vitupério, como os teólogos e os críticos literários, mas sim calmamente pôr-se a investigar a natureza da diferença e propor um plano de pesquisa para solucioná-la.

Norbert Wiener teceu alguns comentários sobre o emprego, na economia teórica, da matemática apropriada à física clássica:

“O sucesso da física matemática levou o cientista social a ficar com ciúme do poder daquela, sem compreender inteiramente

as atitudes intelectuais que haviam contribuído para esse poder. O emprego de fórmulas matemáticas acompanhara o desenvolvimento das ciências naturais e tornou-se moda nas ciências sociais. Tal como os povos primitivos adotam as modas ocidentais das roupas desnacionalizadas e de parlamentarismo por um vago sentimento de que esses ritos e vestimentas mágicas colocá-los-ão imediatamente lado a lado da cultura e da técnica modernas, assim os economistas desenvolveram o hábito de vestirem suas idéias bastante imprecisas com a linguagem do cálculo infinitesimal.”<sup>196</sup>

Atualmente, as pretensões dos economistas impressionaram alguns dos expoentes de outros ramos dos estudos sociais, os quais macaqueiam os economistas macaqueadores dos físicos. Outros, revoltados pelo espetáculo, rejeitam a economia inteiramente e tentam explicar a sociedade apenas por princípios psicológicos.

Mas, mesmo se os cientistas sociais puderem melhorar suas metodologias e elevar seu nível de disciplina intelectual, não lhes será possível fornecer uma base à “engenharia social” comparável à que os físicos forneceram à engenharia espacial. A razão é evidente. O objetivo de um programa de engenharia é fornecido ao engenheiro; para o cientista social, o objetivo do programa é precisamente o que ele tem de discutir. Não adianta explicar as pessoas a si próprias, como se elas fossem autômatos. “Todo homem possui interesses e desejos.” O cientista não pode colocar-se como um ser superior, isento do funcionamento das leis que está expondo. Os leitores podem retorquir ao escritor: se nós somos autômatos, o que é você?

A função da ciência social é inteiramente diferente da das ciências naturais; é fornecer à sociedade um órgão de autoconsciência.

Todo grupo intervencional de seres humanos tem de possuir uma ideologia, ou seja, uma concepção de qual é a maneira correta de comportar-se e o modelo permissível de relações na família e na vida econômica e política. Mesmo os símios possuem uma concepção do que “não se faz”. A mãe-chimpanzé leva o filhote embora quando o encontra brincando com um babuíno.

Para os seres humanos, emancipados dos instintos prescritos, as ideologias são altamente maleáveis. Existe uma analogia, que é mais que uma metáfora, entre a capacidade de aprender uma língua e a capacidade de aprender um código de comportamento apropriado.<sup>197</sup> O cérebro humano evidentemente contém um mecanismo que permite à criança dominar não apenas um vocabulário, mas também as regras de qualquer estrutura gramatical, por com-

196 Wiener, *God and Golem Inc.*, p. 91.

197 Cf. Joan Robinson, *Economic Philosophy*, pp. 8-11.

plicada que seja, sem dirigir um esforço consciente para a tarefa. (Seria de grande conveniência se pudesse ser descoberto um hormônio que mantivesse viva essa capacidade na vida posterior.) A capacidade é comum à humanidade, mas a linguagem que a criança aprende depende da comunidade em que ela nasce.<sup>198</sup> Semelhantemente, existe uma capacidade, não menos indispensável à vida social, de desenvolver uma consciência, ou senso de valores morais, enquanto que o conteúdo do código varia amplamente de uma comunidade para outra, e de uma classe para outra, dentro de uma comunidade. (Para as quadrilhas criminais, a observância estrita de seu código é ainda mais vital que para os honestos pais de família; a polícia ficaria impotente se não pudesse às vezes corromper delatores.) É muito mais fácil aprender uma língua que um código de valores morais, e os critérios de correção gramatical de qualquer idioma são mais precisos que os critérios de validade dos princípios éticos. Em cada grupo, o que pode e o que não pode ser feito é penosamente aprendido por gerações sucessivas. Isso pode ser visto claramente no requisito mais básico da organização social: um código que regule as relações dos sexos. Em todas as épocas, em todas as tribos e em todas as nações, os jovens de cada geração foram atormentados pelas normas arbitrárias a eles impostas pelas tradições em que os mais velhos haviam-se sentido obrigados a criá-los.

Explicações pré-científicas da sociedade em função da religião, da história e da “raça” desempenharam um papel muito importante na elaboração da ideologia, mantendo a sociedade em ordem e fomentando o patriotismo para fortalecer um determinado povo contra outro. Isso constituiu, segundo dizem, uma autoconsciência em primeiro grau.

A tarefa atual da ciência social é elevar a consciência social ao segundo grau, ou seja, encontrar as causas, o modo de funcionamento e as conseqüências da adoção das ideologias, de maneira a submetê-las à crítica racional. Com muita freqüência, pretensos cientistas ainda se acham operando no primeiro grau, propagando alguma ideologia que serve a determinado interesse, tal como a doutrina dos economistas do *laissez-faire* serviu ao interesse dos negócios capitalistas.

Há uma boa quantidade de confusa controvérsia sobre a questão dos “julgamentos ou juízos de valor” nas ciências sociais. Todo ser humano possui opiniões morais e políticas ideológicas. Fingir

198 Ver Noam Chomsky, “Current issues in linguistic theory”, em *The Structure of Language*, coord. de Jerry A. Fodor e Jerrold J. Katz, para uma recensão desta posição. Ver também Eric H. Lenneberg, “The capacity for language acquisition”, no mesmo volume.

não possuir nenhuma e ser *puramente objetivo* tem necessariamente de ser uma auto-ilusão ou um artifício para enganar outros. Um autor franco tornará claros os seus preconceitos e permitirá ao leitor efetuar-lhes um desconto, se não os aceitar. Isso se refere à honra profissional do cientista. Mas eliminar os julgamentos de valor do tema geral da ciência social é eliminar o próprio tema, pois desde que ele se relaciona ao comportamento humano, tem de relacionar-se aos julgamentos de valor que as pessoas efetuam. O cientista social (seja o que for em que privadamente creia) não tem o direito de fingir saber melhor que os seus vizinhos a que fins a sociedade deve servir. Sua missão é mostrar-lhes por que acreditam no que pretendem crer (até onde possa consegui-lo) e qual a influência que as crenças têm sobre o comportamento.

Mas tal como existem alguns elementos básicos que estabelecem limites às estruturas possíveis da língua,<sup>199</sup> assim também existe um cerne de valores comuns a todos os códigos morais. Nossos cérebros recusam-se a conceber uma linguagem sem distinção entre substantivos e verbos, sob uma forma ou outra, para refletir a distinção entre objetos e ações: eles também igualmente se recusam a admitir a possibilidade de uma sociedade que, por exemplo, admire a covardia (embora possa valorizar a prudência), ou que prefira a crueldade à bondade dentro de sua própria espécie. Se adicionarmos a isso o princípio de que a moralidade a ser preferida é a mais amplamente abrangente, teremos uma base suficiente para a formulação de julgamentos morais de sistemas morais.

Um negro pode conhecer, pela experiência pessoal, que o racismo branco é cruel e obsceno, ou um homem desempregado, que o sistema econômico é duro e arbitrário. Não é incientífico para um observador da sociedade utilizar esses adjetivos no curso de descrição da análise (desde que eles não sejam simplesmente um sucedâneo para a observação). Não é impossível a homens honestos compreenderem-se mutuamente, mesmo quando suas idéias se formaram em tradições totalmente diferentes.

Um cientista social que reconheça que seu tema se acha envolvido em valores humanos estará inclinado a ser otimista demais sobre a influência prática que possa exercer, porque os interesses grupais que as ideologias de grupo defendem não serão facilmente reconciliadas por seu princípio geral.

Muito provavelmente, uma vez que possui uma dedicação profissional à fé no poder da razão e tem, em geral, um senso humano

199 *Ibid.*

de valores, espera que, quando as pessoas em geral possam ver o problema tal como ele o expõe, desejarão agir como acredita que devam. Keynes sustentava que quando o funcionamento do sistema capitalista fosse compreendido, seu grande poder produtivo seria utilizado para abolir a pobreza e criar condições em que “preferiremos dedicar nossas outras energias a propósitos não econômicos”. Em seu *American Dilemma*, Myrdal argumenta que, pela exposição da mitologia de raça, a razão erodiria o preconceito de cor e assim ajudaria a estabelecer um regime de igualdade perante a lei nos Estados Unidos dos EUA. Ambas essas esperanças ainda se acham muito longe da realização.

Isso não significa que não foi de utilidade descobrir as causas do desemprego ou apresentar a situação dos negros como um dilema aos americanos brancos que fingem acreditar na democracia.

Qualquer um que escreve um livro, por mais sombria que sua mensagem possa ser, é necessariamente um otimista. Se os pessimistas realmente acreditassem no que dizem, não haveria sentido em dizê-lo.

Os economistas da escola do *laissez-faire* pretenderam abolir o problema moral, demonstrando que a busca do auto-interesse por cada indivíduo resulta no benefício de todos. A tarefa da geração atualmente em revolta é reafirmar a autoridade da moralidade sobre a tecnologia; a missão dos cientistas sociais é auxiliá-la a ver quão necessária e difícil essa tarefa vai ser.